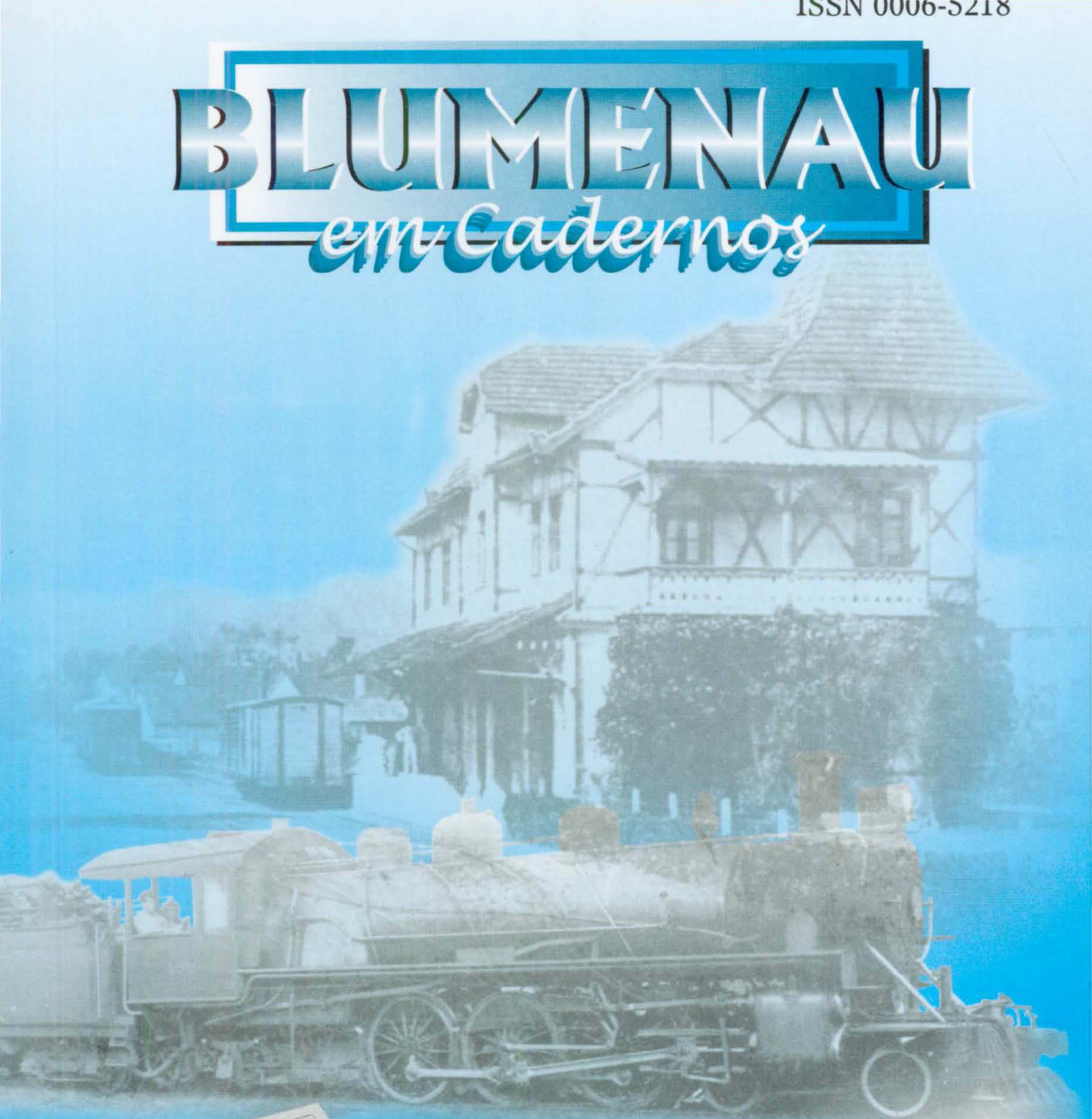
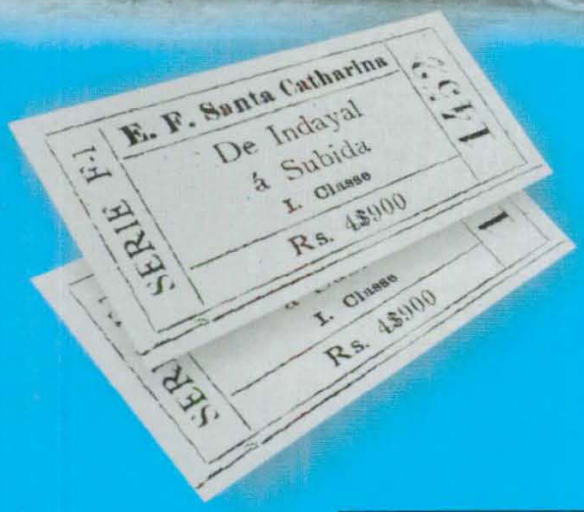
ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos





FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
Julho/Agosto 2001
NÚMERO 78

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente
Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura
Vilarino Wolff

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

BLUMENAU em Cadernos

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"
ENDEREÇO
Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC
Fone/fax: (047) 326-6990
E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA
Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Imagens da Estrada de Ferro Santa Catarina

DIREÇÃO
Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL
Ivo Marcos Theis (Presidente)
Annemarie Fouquet Schünke,
Cezar Zillig, Cristina Ferreira,
Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO
Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA
Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO
Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Documentos Originais – Crônicas

Novededo, o assassino
Mais um ostáculo
A história do Italiano
Karl Kleine 007

Artigos

Nota prévia sobre a litografia em Santa Catarina
Iaponan Soares de Araújo 026

Artigos

A "Filantropia e a mútua ajuda" na região de Blumenau:
relacionando passado e presente".
Jaime Hillesheim 029

Pesquisa & Pesquisadores

Corporação Militar e Rumos da Educação Brasileira:
O Exército e a Escola nos Tempos do Estado Novo
Dra. Neide Almeida Fiori 037

Entrevista

História de Vida - Edith Sophia Eimer
Maria Irene Bertoldi 066

Esporte & Lazer

Festa do primeiro aniversário reduz em um ano
tempo de vida do Olímpico
Aurélio Sada 077
Grande Hotel Blumenau substitui hoje o antigo Hotel Holetz 083

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Memórias

Alfredo Carvalho
Harry Zuege 086

Crônicas do Cotidiano

O Muro de Berlim
No Tempo da Cegonha
Urda Alice Klueger 090

Impressões de Viajantes

Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902
Padre Jacomo Vicenzi 094

Autores Catarinenses

Coleção Mapa / Bienais e Feiras / Érico da Silva: 40 Anos /
O Não Grupo de Chapecó / Visitas / Causo dos Correios /
Crônicas de Tessaleno / Lima Barreto? Esparsas
Enéas Athanázio 120

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

– Novededo, o assassino

– Mais um obstáculo

– A história do Italiano

TEXTO:

*KARL KLEINE**

As lembranças vivenciadas por Karl Kleine, narrando suas experiências e recordações como imigrante que chegou à colônia Blumenau em 1856, têm revelado farto material de pesquisa aos estudiosos em História. A partir de agora vai permitir ao leitor da Revista Blumenau em Cadernos acessar a uma bibliografia que até então, ficava na estante ao alcance do reduzido número de pessoas que dominam a leitura alemã.

Desta forma, a tradução de "Blumenau Einst: Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten" (Blumenau de Ontem: Experiências e recordações de um imigrante) significa para os extemporâneos a compreensão das manifestações e sentimentos dos imigrantes estabelecidos nos primeiros tempos coloniais.

Novededo, o assassino

Já de longe avistara um cavalo selado sem o cavaleiro, e nem imaginei que pudesse haver problema algum. Aproximei-me e constatei que os arreios estavam em desordem e isto me deixou alarmado. Chamei, mas ninguém respondeu. Acheguei-me ao cavalo para examiná-lo, era um belo e jovem animal equipado com uma sela cara e com adornos de prata. Debaixo do cavalo havia um pelego grande e um chicote igualmente adornado com prata. Isto, pareceu-me muito estranho! Fui até o caminho

) Tradução: Annemarie Fouquet Schünke.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Novededo, der Raubmörder

Schon von weitem hatte ich gesehen, daß dort ein gesatteltes Pferd ohne Reiter stand, dachte aber nichts Arges dabei und ging darauf zu. Als ich näher kam und sah, daß an dem Sattelzeug alles in Unordnung war, wurde ich doch stutzig. Ich rief, aber niemand antwortete. Dann trat ich an das Pferd heran, um es genauer zu untersuchen. Es war ein schönes junges Tier und trug einem teuren Sattel mit Silberbeschlag. Unter dem Bauch des Pferdes lagen ein großer Schafspelz und eine Reitpeitsche, die ebenfalls von Silber strotzte. Die Geschichte kam mir sehr verdächtig vor. Ich ging nun den Hauptweg entlang, um zu untersuchen, von welcher Seite der Reiter gekommen sei. Aber der Boden war zu sandig, als daß ich die Spur hätte unterscheiden können. So ging ich wieder zurück und brachte das Sattelzeug in Ordnung, hängte die kurze, schwere Peitsche an den Sattel und band das Pferd an einem kleinen Baume fest. Der Bach rauschte hier nah vorbei. Ich wollte noch einmal trinken und dann meines Weges weiterziehen. Aber zu Tode erschrocken prallte ich zurück, als ich genau in der Furt des Baches einen Mann der Länge nach ausgestreckt liegen sah. Ich erkannte in ihm sofort den Mulatten wieder, der mich damals auf dem Itajahy so verfolgt hatte, und sah zugleich, daß der Daumen an seiner rechten Hand fehlte. Es gab keinen Zweifel, Novededo lag leibhaftig vor mir! Aber in welchem Zustand! Das Wasser lief ihm über den ganzen Leib, nur das Gesicht lag frei und zeigte eine wahre Teufelsfratze. Es war ganz entsetzlich anzusehen.

Ich machte mir Gedanken, was sich hier wohl zugetragen hatte, fand aber die Erklärung, als ich, etwas abseits, ein großes Ochsenhorn fand, das Reisende gewöhnlich mit sich führen, um Wasser, Wein oder Schnaps darin aufzubewahren. Ich roch daran – es war noch etwas Schnaps darin. Novededo mußte total besoffen gewesen sein, als er hier ankam, und seinen brennenden Durst am Bache löschen wollte. Dabei mußte er kopfüber ins Wasser gefallen sein und so viel Wasser geschluckt haben, daß er sich nur mit Mühe so weit herausschleppen konnte, daß sein Gesicht frei blieb. Dann war er ohnmächtig oder erstickt liegengeblieben. So lag er nun vor mir, und ich wußte nicht, ob er tot oder nur bewußtlos war.

Auf dem Grund des Baches sah ich seinen kurzen Säbel und zwei doppelläufige Pistolen liegen. Den Säbel nahm ich an mich. Die Pistolen warf ich weit in das Gebüsch hinein. So war er wehrlos, ich aber gut bewaffnet, falls er erwachen sollte. Ich überlegte, was ich mit ihm anfangen sollte. So liegenlassen wollte ich nicht und rausziehen konnte ich ihn nicht, dazu war ich allein zu schwach. Ich packte ihn bei seinen krausen Haaren und brachte ihn in eine etwas bessere Lage. Dann rieb ich ihm die Stirn mit dem Rest des Schnapses und kühlte ihm den Kopf mit Wasser. – Auf einmal öffnete er die Augen und starrte mich mit einem schauderhaften Blick an. Er

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

principal para descobrir de onde o cavaleiro teria vindo, mas como o solo era muito arenoso não havia vestígio de pegadas, que pudessem indicar a direção de onde viera. Resolvi voltar; arrumei os arreios; prendi o chicote curto à sela, e amarrei o cavalo a um arbusto. O riacho borbulhava logo ao lado. Eu queria, mais uma vez, saciar minha sede e seguir o meu caminho. Mas, qual foi meu susto ao deparar-me com um homem estendido no vau do riacho. Imediatamente reconheci o mulato, que há algum tempo havia me perseguido insistentemente no rio Itajaí, e também percebi que lhe faltava o polegar da mão direita. Não havia dúvida. Novededo, diante mim em carne e osso! Mas, em que estado! A água corria sobre seu corpo e apenas o rosto estava a salvo, exibindo suas feições diabólicas. Sua aparência era horrível!

Fiquei imaginando o que poderia ter acontecido. Logo obtive a resposta, pois na imediação encontrei um chifre de boi, daqueles, no qual os viajantes costumavam levar água, vinho ou cachaça. Eu cheirei, e percebi que ainda havia um resto de cachaça. Novededo deveria estar completamente embriagado ao chegar no riacho para saciar sua sede. Ele certamente caíra com a cabeça na água e engolido tanta, que quase se afogara. Provavelmente só teve força para se arrastar o tanto, para livrar o rosto da água. Talvez tivesse desmaiado ou se engasgado, ficando então estirado. Estava deitado desse jeito diante mim, eu não sabendo se estava morto ou apenas sem sentidos.

Vi no leito do riacho uma espada curta e duas pistolas de cano duplo. Fiquei com a espada e joguei as pistolas capoeira adentro. Dessa maneira ele estava sem proteção, eu porém, bem armado caso ele acordasse. Fiquei pensando o que fazer, não queria deixá-lo estendido desta maneira, mas, eu não tinha força suficiente para retirá-lo da água. Agarrei-o pelos cabelos encaracolados e o deitei numa posição mais adequada. Então lhe esfreguei o resto da cachaça na testa e refresquei sua cabeça com água. De repente ele abriu os olhos, encarando-me com um olhar terrível. Tentou falar, mas não lhe saiu um tom sequer; tentou se levantar, mas só conseguiu se arrastar um pouco barranco acima usando os pés e as mãos, voltando a cair com o rosto no chão. Virei-o rapidamente para não se engasgar com a areia. Novamente fechou os olhos, sua respiração era lenta, mas regular. Bem, como eu percebi que ele não mais poderia afogar-se facilmente, deixei-o estirado e tratei de cair fora. Não quis fazer uso do cavalo, pois imaginei que fosse roubado e, neste caso, eu poderia eventualmente ter sérios problemas. Assim optei pelo caminho que se estendia ao longo do riacho e tratei de afastar-me. Pelo menos aqui eu me sentia relativamente seguro, caso ele me seguisse. O caminho estreito passava por entre densos arbustos, precisando abaixar-me muitas vezes para seguir em frente. Assim ele não poderia perseguir-me a cavalo, caso viesse a pé não precisaria temê-lo, pois não estaria armado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

versuchte zu sprechen, brachte aber keinen Ton heraus. Dann versuchte er aufzustehn, kam aber nur auf Händen und Füßen kriechend ein Stückchen höher ans Ufer und fiel wieder mit dem Gesicht zur Erde schwer hin. Ich sprang zu und drehte ihn um, damit er nicht im Sande erstickte. Er hatte die Augen wieder geschlossen, atmete schwach, aber regelmäßig. Nun, da ich sah, daß er nicht mehr so leicht ertrinken konnte, ließ ich ihn ruhig liegen und machte mich aus dem Staube. Des Pferdes wollte ich mich nicht bedienen, weil ich annahm, daß es gestohlen war und ich damit vielleicht in eine schöne Patsche geraten wäre. So wählte ich wieder den Fußpfad am Bach entlang und machte, daß ich davonkam. Hier war ich, falls er mich etwa verfolgen sollte, einigermaßen sicher. Der sehr schmale Pfad führte durch sehr dichtes Gestrüpp, so daß ich mich oftmals bücken mußte, um durchzukommen. Zu Pferde konnte er mich also nicht verfolgen, und zu Fuß brauchte ich ihn nicht zu fürchten, weil er ohne Waffen war.

Ein weiteres Hindernis

So schritt ich vorsichtig, aber unbesorgt meines Weges. Es kam auch kein Novededo hinter mir her. Wer weiß, wie lange er noch gelegen, ehe er wieder vollständig zu sich kam. Bei dieser Geschichte hatte ich mich so aufgehalten, daß es schon spät war, als ich endlich am Meer ankam. Ich befand mich noch vor Barra Velha, wußte aber nicht genau, wie weit es eigentlich noch bis dahin war. – Ich lief und lief, aber das alte Nest wollte nicht kommen. Endlich sah ich ein Ziegeldach hinter der großen Sanddüne hervorragen. Es fing auch schon an zu dunkeln. Das paßte mir aber gerade in meinen Plan, denn ich wollte weder den Mulatten bei der Polizei anzeigen, noch von meinem "Schwiegervater" gesehen werden. So konnte ich mich vorbeischleichen bis in dessen Bootsschuppen, worin ich übernachten wollte. Zu essen hatte ich freilich nichts bei mir; aber als Waldläufer machte ich mir nicht viel daraus, es war mir immer noch lieber als genudelt zu werden.

In dem langen, aber niedrigen Schuppen befanden sich drei große Canoas. In einem derselben lag ein Haufen Netze, worauf ich mein Lager zurechtmachte. Noch vor Tage wollte ich es verlassen, um ungesehen von der Stadt zu scheiden. Bald schlief ich den göttlichen Schlaf der Jugend und dachte weder an meinen "Schwiegervater" noch an mein mir zugedachtes Bräutchen, welche mir beide doch so nahe waren, noch an Novededo oder an die gute Dicke. Ich lag wie tot. – Wie lange ich schon so gelegen, ich wußte es nicht, aber es war mir auf einmal, als führe ich auf dem Meere. Ich fühlte das taktmäßige anschlagen der Ruder, auch spürte ich eine schaukelnde Bewegung. Natürlich dachte ich, es sei ein Traum. Aber es war doch Wirklichkeit, zu der ich jäh durch einen kleinen Wellenspritzer zur Erkenntnis kam. Vollständig wach wollte ich mich jetzt aufrichten, aber nun merkte ich, daß ich mit Netzen zugedeckt

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Mais um obstáculo

Eu andava com cautela, seguindo despreocupado meu caminho. Novededo não me seguiu. Quem sabe durante quanto tempo ele ficou deitado, até recuperar-se totalmente. Eu perdi muito tempo por causa deste incidente e já era tarde quando finalmente cheguei junto ao mar. Ainda me encontrava antes de Barra Velha e não sabia o quanto demoraria a chegar lá. Eu andava e andava, mas não conseguia chegar naquele vilarejo antigo. Finalmente enxerguei um telhado sobressaindo à grande duna. Já escurecia e isto favoreceu meu plano, pois eu não queria delatar o mulato à polícia, nem ser visto por meu "sogro". Assim, pude esquivar-me até o rancho onde guardavam as canoas, pois pretendia pernoitar lá mesmo. Verdade é, que eu não tinha o que comer mas, como mateiro, não me importava muito com isso, enfim, ainda era melhor do que ser obrigado a empanturrar-me.

Neste rancho, comprido e de teto baixo, encontravam-se três canoas. Numa delas havia muitas redes, e nesta eu preparei minha cama. Pretendia partir da cidade, sem ser visto, antes do amanhecer. Logo eu dormia o abençoado sono da juventude, nem mais lembrando da proximidade do meu "sogro", nem da noiva a mim destinada, muito menos de Novededo ou da gorda bondosa. Eu mais parecia estar morto. Não me lembro durante quanto tempo fiquei deitado, mas de repente tive a sensação de estar navegando. Eu sentia o ritmo compassado dos remos, e também um certo balanço. Evidentemente, achava que era um sonho. No entanto era realidade! Percebi isto repentinamente pelos respingos de uma onda. Agora estava completamente acordado e queria levantar, mas notei que estava coberto com as redes, que os pescadores haviam atirado à noite sobre mim sem se darem conta da minha presença. Eram meu "sogro" e mais dois pescadores que estavam me levando como passageiro clandestino. Eles só me perceberam quando as redes se movimentaram e eu saí do meio delas. Dá para imaginar o susto e espanto que tomou conta dos três ao verem o fruto de tão estranha pescaria. Mas, eu estava ainda mais assustado do que os pescadores, não entendendo como foi possível não acordar com toda a movimentação da canoa, quando lançada ao mar. – Sem dúvida é um procedimento rápido, pois a canoa desliza sobre rolos de madeira.

O mistério logo foi esclarecido, e os pescadores riram de mim, porém eu não achei graça nenhuma. Entretanto não tinha outro jeito a não ser acompanhá-los, mesmo não estando nos meus planos, pois dependia dos três para retornar, o que poderia demorar muito. Mariano comunicou-me que seu destino era uma ilha bastante afastada da costa. Lá, eles estenderiam suas redes em companhia de outros pescadores.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

war, welche die Fischer in der dunklen Nacht ahnungslos über mich geworfen hatten. Es war mein "Schwiegerpapa" mit zweien seiner Gehilfen, welche mich hier als blinden Passagier mit sich führten. Als sich die Netze jetzt bewegten und ich emportauchte, wurden sie mich erst gewahr, und man kann sich das Erschrecken und Staunen, welches die drei Fischer bei ihrem seltsamen Fang ergriff, leicht vorstellen. Ich war aber noch mehr erschrocken als die Fischer und konnte nicht begreifen, wie es nur möglich gewesen, daß ich bei der Flottmachung des Fahrzeuges nicht aufgewacht war. – Freilich geht das sehr schnell und glatt, weil das Boot auf untergelegte Rundhölzer ins Meer geschoben wird.

Nach einigen Hin – und Herfragen löste sich natürlich das Rätsel, und die guten Fischer lachten mich tüchtig aus. Ich lachte aber nicht mit, denn mir blieb nichts weiter übrig als mitzufahren und abzuwarten, bis die drei Gesellen wieder heimkehrten; das konnte aber sehr zeitraubend werden, was mir gar nicht in den Kram paßte. – Mariano sagte mir nun, daß ihr Ziel eine Insel sei, die ziemlich weit vom Strand entfernt lag. Dort wollten sie in Gemeinschaft mit anderen Fischern ihre Netze auswerfen. Dann berichtete er mir noch, daß es jetzt ungefähr drei Uhr morgens sei und daß sie schon zwei Stunden mit mir herumgegondelt wären.

Wir fuhren noch ungefähr zwei Stunden, und es wurde schon im Osten ein lichter Streifen am Himmel sichtbar, als wir auf der Insel landeten, wo Mariano schon von einem Trupp anderer Fischer erwartet und mit lautem Willkommen empfangen wurde. Mariano hatte mir versprochen, sowie es ordentlich Tag geworden, wollte er mich selber in einem kleineren Canô an die Küste bringen. Dabei stellte es sich heraus, daß ich die ganze Strecke von gestern und vorgestern noch einmal laufen mußte, denn die Insel lag fast gerade auf der Höhe von Oliveiras Haus, wo ich vorgestern gefrühstückt hatte. "Wären Sie in meinem Hause geblieben", setzte Mariano vorwurfsvoll hinzu, "so wäre Ihnen dieser Weg und Zeitverlust erspart geblieben." Ich entschuldigte mich, so gut ich konnte, gab vor, daß es schon spät und kein Licht mehr in seinem Hause gewesen sei, ich ihn in der Nacht nicht hatte stören wollen.

Auf der Insel befanden sich noch 15 Fischer, die schon fix und fertig zum ausfahren gerüstet waren und nur auf Mariano gewartet zu haben schienen, um anzufangen. Mariano, der hier das Kommando führte, gab auch gleich das Signal zum Auslaufen. Ich mußte mich wohl oder übel so lange gedulden, bis er mit seinen Anordnungen fertig war. Dann brachte er mich hinüber ans Festland. Wir mußten durch die kleine Fischerflottille hindurch, und ich sah, wie die Brasilianer geschickt mit ihre Canoas manövrierten, um zwischen den unzähligen Klippen und Felsen ihre schweren Netze auszulegen. Jede kleine und große Bucht wurde damit abgesperrt. Ich hätte gern das Resultat abgewartet, aber ich mußte eilen, um die versäumte Zeit wieder einzuholen, und konnte mich nicht länger aufhalten. Unterwegs meinte Mariano etwas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Então informou que eram três horas da madrugada, e que eu já estava navegando há duas horas.

Navegamos por mais duas horas, e ao chegarmos à ilha começava a clarear. Mariano já estava sendo esperado por outros pescadores e foi cumprimentado alegremente. Ele prometera levar-me pessoalmente até a costa em uma embarcação menor, assim que clareasse. Constatei que teria de andar mais uma vez todo o percurso que havia feito ontem e anteontem, pois a ilha encontrava-se quase à altura da casa do Oliveira, onde eu havia tomado um lanche há dois dias.

Mariano repreendeu-me dizendo: "Se tivesse ficado em minha casa teria poupado tempo, bem como este trajeto."

Eu me desculpei da melhor maneira possível, alegando que já era tarde quando cheguei, e que em sua casa não havia mais luz acesa, em vista disso não queria incomodá-lo durante a noite.

Na ilha, já se encontravam quinze pescadores equipados e prontos, apenas aguardando Mariano para zarparem. Aqui, ele tinha o comando e logo deu o sinal para partirem. Querendo ou não, tive de esperar até que ele deu suas instruções. Então me trouxe a terra firme. Tivemos que passar por entre a flotilha de pescadores, e observei como os brasileiros manobravam habilmente suas canoas para estenderem as redes entre os recifes e as rochas. Cada enseada, fosse grande ou pequena, era bloqueada. Gostaria de ter aguardado o resultado da pescaria, mas eu não podia esperar, pois precisava apressar-me para recuperar o tempo perdido.

Enquanto estávamos a caminho, Mariano falou meio sem jeito: " O senhor sempre será bem vindo à minha casa, mas preciso dizer-lhe que Anita e Mariquinha estão noivas. Eu falei com o padre sobre este assunto, mas ele não estava de acordo. Ele achava que não seria aconselhável um casamento com um, um..." Mariano ficou quieto e sem jeito.

Então eu finalizei dizendo: "com um herege". Mariano concordou e silenciou. Eu, no entanto abençoei intimamente o padre intolerante, e fiquei feliz que tudo havia terminado bem.

Ao despedir-se na praia, perguntou repentinamente se eu encontrara Novededo, pois este após assaltar e matar várias pessoas era temido em toda redondeza. Há pouco tempo assaltara, matara e roubara um cavaleiro na praia, executara o cavalo e então jogara os corpos ao mar. Prestei muita atenção neste relato, mas como não pretendia ser delator não lhe disse nada sobre meu encontro com o assassino.

– Mas, como se sabe que ele jogou o cavaleiro e o cavalo ao mar? Um homem não conseguiria jogar sozinho um cavalo ao mar.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

gedrückt: "Sie sind mir natürlich immer willkommen in meinem Hause, aber ich muß Ihnen doch sagen, daß Anita und Mariquinha bereits verlobt sind. Ich habe mit dem Pater darüber gesprochen, und der – wollte es nicht leiden. Er meinte, daß es nicht gut täte – die Ehe mit – mit..." Hier schwieg Mariano verlegen. "Mit einem Ketzer", ergänzte ich. Mariano nickte und schwieg. Ich aber segnete den intoleranten Pater im stillen und war herzlich froh, daß die Geschichte damit ein Ende hatte. – Beim Abschied am Strande fragte er mich plötzlich noch, ob ich unterwegs nichts von Novededo gesehen hätte; die ganze Gegend hier sei voller Angst seinetwegen, der schon mehrere Personen beraubt und umgebracht hätte. Erst kürzlich habe er am Strande einen Reiter angefallen, totgestochen und beraubt, dann das Pferd erschossen und die Leichname in das Meer geworfen.

Ich hatte hoch aufgehorcht bei seinem Bericht, aber ich wollte nun einmal nicht zum Verräter werden und sagte ihm nichts von meiner Begegnung mit dem Raubmörder. Ich fragte aber: "Woher weiß man denn, daß er den Reiter mitsamt dem Pferd ins Meer geworfen hat? Das Pferd kann doch ein Mann allein nicht ins Meer werfen!" – Ich dachte aber, das sei ein Irrtum, weil Novededo doch ein Pferd bei sich hatte. Aber Mariano erklärte: "Nun, die Flut hat sie doch beide wieder an die Praia gespült, und das Pferd hat er auch nicht hineingeworfen, sondern hineingeführt und dann erschossen". So mußte der Verbrecher also das Pferd, das er bei sich hatte, entweder gekauft oder gestohlen haben und befand sich offenbar auf der Flucht.

Ich mußte Mariano noch versprechen, an seinem Hause nicht vorüberzugehen ohne dort einzukehren. Und dann machte ich, daß ich fort kam. Diesmal wählte ich den Weg am Strande und ließ Sumpf Sumpf sein. Mein Plan war, in Barra Velha eine Stunde zu rasten und dann noch bis zur Überfahrtstelle nach São Francisco zu gehen, wo ich mich am anderen Morgen übersetzen lassen wollte.

Ungefähr eine Stunde vor Barra Velha sah ich etwas auf der Praia liegen, konnte aber aus der Ferne nicht unterscheiden, was eigentlich war. Bald schien es ein Ochse zu sein, der sich dort gelagert hatte, bald kam es mir so vor wie ein auf das Land geworfener großer Fisch. Es war weder Fisch noch Ochse, sondern ein wandernder Italiener, der da auf einem Scherenschleiferkarren saß und gemütlich sein Frühstück verzehrte. Er sprang auf und kam mir entgegen. Er war ein großer, schlanker und sehr hübscher Mann von höchstens 25 Jahren. – "O, Sie sind ein Deutscher", rief er mir schon von weitem in gutem Portugiesisch zu. "Können Sie auch brasilianisch sprechen?" – "Gewiß", sagte ich, "sogar auch noch lesen und schreiben." – "O, das ist gut, das ist schön, das freut mich sehr! Jetzt habe ich einen guten Reisekameraden! Wo wollen Sie denn hin?" – Ich erklärte ihm meine beabsichtigte Reiseroute. – "O, das ist schön, dann reisen wir zusammen, wenigstens bis Joinville – in Dona Francisca will ich mich länger aufhalten, dann nach Paraná, von dort nach dem Süden durch Rio Grande

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Achei que fosse um engano, pois Novededo tinha um cavalo consigo.

Mariano esclareceu dizendo:

– Bem, a maré trouxe os dois corpos à praia, o cavalo não foi jogado ao mar, mas levado mar adentro e então executado.

Neste caso, Novededo deveria ter comprado ou roubado o cavalo que o acompanhava e evidentemente estava em fuga.

Ainda tive de prometer a Mariano que não passaria em frente à sua casa sem entrar. Finalmente fui embora!

Desta vez resolvi caminhar ao longo da praia, afastando-me do pântano. Pretendia descansar uma hora em Barra Velha, depois chegar até o local da travessia para São Francisco, porém só iria atravessar no dia seguinte.

Mais ou menos uma hora antes de Barra Velha vi alguma coisa estendida na praia, mas não pude definir o que era devido à distância. Ora parecia um boi estendido, ora um peixe jogado à praia. Entretanto não era uma coisa nem outra, porém um viajante italiano sentado sobre uma carreta de amolar tesoura, comendo tranqüilamente seu lanche. Ele se levantou e veio ao meu encontro. Era um homem alto, esbelto e muito bonito, tinha no máximo vinte e cinco anos. Já de longe veio dizendo em bom português:

– Oh! O senhor é alemão, fala português?

– Certamente, respondi, também sei ler e escrever.

– Mas isto é muito bom, fico muito contente! Agora tenho um bom companheiro de viagem! Para onde o senhor vai?

Eu lhe expliquei meu roteiro de viagem.

– Oh! Mas isto é ótimo, então viajaremos juntos pelo menos até Joinville. Pretendo permanecer em São Francisco durante algum tempo, daí irei até o Paraná, depois seguirei para o sul até o Rio Grande do Sul e então irei a Buenos Aires. Por enquanto viajaremos juntos, de acordo?

Eu não fiquei muito entusiasmado com a sugestão, pois deduzi que a carreta atrasaria a viagem. Contudo para não ofendê-lo repliquei:

– Bem, se é isso que o senhor deseja podemos andar juntos, até o senhor deter-se por causa de seu negócio.

– Oh! Mas isto me alegra! Repetia ininterruptamente. É justamente nesta região que desejo ter um camarada confiável, porque um assassino anda perambulando por aqui. Já ouviu falar de Novededo?

Eu lhe contei em poucas palavras meu encontro com o meliante, após o italiano ter prometido silenciar sobre o assunto. Também lhe mostrei a espada de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do Sul bis Buenos Aires. Wir reisen vorläufig miteinander, nicht wahr?" – Ich war gerade nicht sehr erbaut von seinem Anerbieten, weil ich annehmen mußte, daß die Reise mit seinem Schiebkarren doch etwas zu langsam ging. Dennoch sagte ich, um ihn nicht vor den Kopf zu stoßen: "Ja, wenn Ihnen viel daran gelegen ist, können wir ja so lange zusammen bleiben, bis Sie durch Ihr Geschäft irgendwo länger aufgehalten werden". – "O, das freut mich!" wiederholte er immerzu. "Gerade hier in dieser Gegend wünsche ich mir einen treuen Kameraden, weil sich hier ein Raubmörder herumtreiben soll. Haben sie schon von Novededo gehört?"

Ich erzählte ihm kurz meine Begegnung mit dem Strolch, nachdem er mir das Versprechen gegeben hatte, darüber zu schweigen. Ich zeigte ihm auch den Säbel von Novededo, den ich immer noch an mir trug. Er war ganz betroffen von meiner Aussage und sah eine ganze Weile nachdenklich vor sich hin. – "Wissen Sie", sagte er dann, "den Säbel werfen Sie am besten ins Meer. Der ist sehr leicht zu erkennen, weil er keinen gewöhnlichen Säbelgriff, sondern einen Hirschfängergriff mit Buchstaben und Jahreszahl aus Messing hat." Das war mir noch gar nicht aufgefallen; aber er hatte recht. Doch ich konnte mich nicht entschließen, seinen gutgemeinten Rat zu befolgen. "Wer weiß", sagte ich, "ob er uns nicht vielleicht noch gute Dienste leisten kann". Der Italiener zuckte die Achseln und machte ein finsteres Gesicht dazu. Aber bald hellte sich sein Gesicht wieder auf und er meinte freundlich: "Jetzt essen Sie erst mit mir. Dann will ich Ihnen etwas über mich erzählen, damit Sie wissen, mit wem Sie es zu tun haben."

Die Geschichte des Italieners

Nun mußte ich mitessen. Es gab kalten Fisch, Kampkäse, Eier, Roscas und Farin. Sein Ochsenhorn lieferte uns frisches, klares Quellwasser dazu. Es war ein köstliches Mahl im Angesicht des in der Ferne ruhig wie ein Spiegel daliegenden Meeres, das nur am Strand von einer schwachen Brise leicht gekräuselte Wellen trug. Während des Essens zog der Italiener einen sechsläufigen Revolver von schwerem Kaliber und einen zweischneidigen, langen und sehr spitzen Dolch hervor. "Da, sehen und prüfen Sie, wenn Sie wollen", sagte er und reichte mir die Waffen hin. Es war ein großer, sehr schwerer Revolver, aber ein Vorderlader. Ich kannte diese Sorte von Blumenau her. Unser Kommandant Schmaucher hatte dieselbe Nummer im Walde getragen. Sie schossen ungeheuer scharf und weit, mit einer solchen Durchschlagskraft, daß es einem dabei unheimlich wurde. – "Wie viele haben Sie schon damit umgebracht?" fragte ich lächelnd, als ich ihm die Waffen zurückgab. – "O", meinte er, und ein tiefer Schatten verdunkelte sein gebräuntes Gesicht noch mehr, "ich habe schon von beiden Gebrauch machen müssen. Aus Notwehr, nur aus Notwehr. Die heilige Madonna kann es mir bezeugen!" – Dann strich er sich über die Stirn, als wollte er eine häßliche Erinnerung

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Novededo que trazia comigo. Ele ficou perplexo com minha narrativa e durante algum tempo ficou pensativo e disse:

– Sabe de uma coisa, o melhor a fazer é jogar a espada ao mar, pois facilmente poderá ser reconhecida. Veja, não é um cabo comum, mas de uma faca do mato com iniciais e data em latão.

Isto eu ainda nem havia percebido, mas ele tinha razão. Porém não consegui decidir-me, acatando o conselho bem intencionado.

– Quem sabe, retruquei, talvez ainda nos possa ser útil.

O italiano deu de ombros e ficou com ar sombrio. Em seguida seu rosto se desanuviou e falou gentilmente:

– Agora, em primeiro lugar o senhor vai comer comigo. Então contarei algo sobre mim, para que saiba com quem está lidando.

A história do italiano

Então precisei participar da refeição. Tinha peixe frio, queijo do campo, ovos, roscas e farinha. A água da fonte, fresca e cristalina, era servida em um chifre de boi. Foi uma refeição deliciosa com vista sobre o longínquo mar, tranqüilo como um espelho, suas ondas eram movidas por uma suave brisa encrespando-se ligeiramente junto à praia. Durante a refeição o italiano sacou um revólver de grosso calibre, provido de um tambor para seis cápsulas e um punhal longo de dois gumes bastante pontiagudo. Ao alcançar-me as armas disse: "Veja, examine-as se quiser". Era um revólver pesado, uma pistola. Eu já conhecia esse modelo de Blumenau, pois nosso comandante Schmaucher o usava na mata. Disparava com muita rapidez e tinha um longo alcance. Sua força de percussão era assustadora!

– Quantos o senhor já eliminou com estas armas? perguntei sorrindo ao devolvê-las.

Seu rosto bronzeado tornou-se sombrio escurecendo-o ainda mais e respondeu suspirando:

– Já precisei usar as duas, mas em legítima defesa, apenas em legítima defesa. A Virgem Santíssima é testemunha!

Passando a mão sobre a testa como se quisesse apagar uma má recordação prosseguiu:

– Veja, Carlos, não sou beberrão, nem jogador, nem arruaceiro, no entanto, se for necessário, sim, se for necessário eu fico furioso como um demônio, não reconhecendo mais a mim mesmo.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

wegwischen, und fuhr dann fort: "Sehen Sie, Carlos, ich bin kein Trinker, Spieler oder Raufbold, aber wenn es sein muß – ja, wenn es sein muß, dann werde ich furios wie ein Teufel und kenne mich selbst nicht mehr." – Dann erzählte er unaufgefordert: "Sie hatten mich überfallen, von vorn und von hinten, fünf Mann mit Schuß – und Stichwaffen, in einem Hohlweg mitten auf der Landstraße, in einer einsamen Gegend. – Ich saß in einer Falle, und nur der Schutz der heiligen Madonna und des heiligen Florian haben mich gerettet. Ich bin ein guter Schütze und wehrte mich natürlich. Drei von den verfluchten Schurken blieben in dem Hohlweg für die Aasgeier liegen, die anderen Feiglinge entflohen. Gerade zur rechten Zeit; denn ich hatte einen Streifschuß am Hinterkopf erhalten, und der Blutverlust warf mich ohnmächtig zu Boden – nur eine Minute noch und ich war verloren". Hier entfloh ein schrecklicher italienischer Fluch seinem Munde, und seine Zähne knirschten laut. "Da sehen Sie!" sagte er sich bückend und schlug dabei die langen krausen Haare zurück, "hier ist die Narbe noch zu sehen. Es war gut gemeint, aber schlecht getroffen". Ein langer roter Streifen, dicht unter dem Hinterkopf, zog sich bis ans Ohr hin. - Er ließ die dichten schwarzen Locken wieder fallen und fügte hinzu: "Es fehlte wenig - aber der heilige Florian hat mich vor einem schmählichen Ende bewahrt". – "Aber wie kommt man denn als armseliger Scherenschleifer in solch eine Lage? Die paar Vintens können doch wahrhaftig keinen Menschen zu einem Mord reizen." – Der Italiener, der Floriano Pintarelli hieß, bückte sich schweigend und zog unter dem Karren ein verborgenes Schubfach hervor, welches voll von goldenen und silbernen Schmucksachen war: Uhren, Armbänder, Broschen, Manschettenknöpfe, Schnallen, Busen – und Hemdnadeln, Ringe, Halsketten und anderes mehr kamen zum Vorschein. Mir ging ein Licht auf: der schäbige Karren war nur die Maske, um dies alles verstecken zu können; denn – wie ich später erfuhr – der liebe Flori handelte ohne Lizenz. Aber auch noch andere Sachen brachte er aus seinem Wunderkasten hervor ans Tageslicht: Taschenmesser, Bücher mit Heiligenbildern, Spielsachen aus Hartgummi, auch allerlei Tränkchen, Pillen und Pülverchen, wohlriechende Seifen und Wasser, Bartwichse und dergleichen. Der gute Flori verstand sein Handwerk.

Beim Auspacken seiner Herrlichkeiten hatte er ein blechernes Köfferchen beiseite gestellt. Jetzt öffnete er es und zeigte mir den Inhalt. Es war Geld, lauter Geld, ein ganzer Haufen! Meist waren es Scheine, aber auch Gold – und Silberstücke waren dabei. – Ich staunte über die Torheit dieses Mannes, der ein Vermögen in der Wildnis mit sich herumschleppte und sich unnötig in Gefahr brachte. – "Das haben die feinen Hunde von damals gewußt!" schrie Flori, und seine Stimme zitterte vor Wut in der Erinnerung an jenen meuchelmörderischen Überfall im Hohlweg. "Das kam so: ein Mädchen in der Pousada, wo ich übernachtete, überraschte mich beim Putzen meiner Goldsachen. Die Hexe sah auch mein Geld liegen, das ich eben nachgezählt hatte. Sie

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Então, espontaneamente relatou: "Fui assaltado por cinco homens armados de armas de fogo e facas, em meio a um desfiladeiro em uma região deserta.

Encontrava-me acuado e fui salvo somente pela proteção da Virgem Santíssima e de São Floriano. Como bom atirador, naturalmente me defendi. Três dos patifes excomungados ficaram estendidos no desfiladeiro à mercê dos urubus. Os outros dois covardes fugiram exatamente a tempo, pois eu fui atingido por um tiro na parte posterior da cabeça e a perda de sangue fez com que eu desmaiasse. Se eles demorassem apenas um minuto a mais eu teria estado perdido".

Aqui o italiano praguejou terrivelmente em seu idioma, rangendo os dentes.

– Veja, aqui! - disse ele, abaixando-se e jogando os cabelos compridos e encaracolados para o lado - aqui ainda se vê a cicatriz, a tentativa foi mal sucedida.

Um risco comprido e vermelho, rente ao occipital, estendia-se até a orelha. Deixando cair novamente os cachos pretos, acrescentou:

"Faltou pouco, mas São Floriano me protegeu de um fim injurioso".

Mas como é que um pobre amolador de tesoura pode cair numa situação dessas? Os poucos vinténs que possuía não poderiam levar uma pessoa a matá-lo. O italiano que se chamava Flori Pintarelli, abaixou-se calado e retirou uma gaveta, escondida debaixo de sua carreta, repleta de jóias como relógios, pulseiras, broches, abotoaduras, fivelas, broches, pregadores de gravata, correntes, anéis e outros mais. Eu compreendi! Sua carreta ordinária era apenas um disfarce para encobrir tudo, pois como soube mais tarde, o prezado Flori comerciava sem alvará de licença. Mas ele ainda tirou outros objetos da sua caixa de surpresa como: canivetes, livros com ilustrações sacras, brinquedos de ebonite, bebidas diversas, pílulas, remédios em pó, sabonetes perfumados e creme de barbear. O simpático Flori entendia de seu ofício.

Ao desempacotar suas maravilhas ele havia colocado de lado uma malinha de lata. Agora a abriu, mostrando-me o seu conteúdo. Era dinheiro, um monte de dinheiro! A maior parte eram cédulas, mas também havia moedas de ouro e prata. Eu fiquei admirado com a tolice desse homem, carregando consigo uma fortuna pela mata, expondo-se inutilmente ao perigo.

"Esses cães espertos sabiam disso !" – gritou Flori – e sua voz tremia de raiva ao recordar aquela tentativa de assassinato no desfiladeiro.

"Foi assim: Uma moça, da pousada onde eu pernoitara, surpreendera-me limpando meus objetos de ouro. Essa bruxa também viu o meu dinheiro que eu havia recontado. Isso ela contou ao seu amante, talvez até convencendo-o a tomá-lo de mim. Mas, como seu amante sabia através dela que eu estava bem armado, arranjou mais quatro ajudantes, achando que eu fosse uma presa fácil. Entretanto, ele foi o primeiro a tombar."

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

verriet alles an ihren Liebsten. Vielleicht hat sie ihn überredet, es mir abzunehmen. Weil er aber durch das Mädchen wußte, daß ich schwer bewaffnet war, besorgte er sich noch vier Helfer. Sie dachten leichtes Spiel mit mir zu haben, aber der Anstifter war der erste, der fiel."

Flori setzte sich wieder zu mir auf den Karren. Er hatte das Geld wieder vor sich auf dem Schoß liegen. Ich wunderte mich im stillen, daß er mich gleich in der ersten Stunde unserer Bekanntschaft in seine Geheimnisse einweihte, und sagte ihm das auch unverhohlen. – "O", sagte er und zeigte mir mit einem eigentümlichen Lächeln seine weißen Zähne, "wissen Sie, in der Fremde hat man scharfe Augen und weiß schnell Freund und Feind zu unterscheiden. Meine Augen haben mich darin noch nie getäuscht", setzte er selbstbewußt hinzu. Dann fing er an, in sehr beredter Weise, mit lebhaftem Mienenspiel und vielen Gesten von seinem schönen Italien zu erzählen. Seine Eltern hatten wohl ein kleines Weingütchen, waren aber nicht vermögend und schlugen sich redlich durch. Aber drei schlechte Weinjahre und unverhoffte Krankheitsfälle räumten schnell mit dem bißchen Ersparten auf. So verkauften sie ihr kleines Besitztum, bezahlten ihre Schulden und wanderten mit noch vielen anderen Italienern in die brasilianische Provinz São Paulo aus, wo sie sich auf einer Kaffeefazenda verdingten. Der Vater, der schon auf dem Schiff krank wurde, starb bald nach der Ankunft in Brasilien. Er und seine drei Brüder, alle noch unverheiratet, ziehen als Hausierer im Lande herum und schicken der Mutter, die noch auf der Fazenda sitzt, von Zeit zu Zeit Geld. Wenn sie genügend Geld zusammenhaben, wollen sie alle vier wieder mit der Mutter nach bella Italia zurück. Dort will er dann sein Mädchen, das auf ihn wartet, heiraten.

"Aber warum tragen Sie denn Ihr ganzes Vermögen immer bei sich, anstatt es bei einem Kaufmann sicher zu deponieren, wo es Zinsen bringt und Sie es jederzeit abheben können?" –

Flori kratze sich am Hinterkopf und meinte: "Sie haben wohl recht. Gleich in Joinville will ich nach Ihrem Rat handeln und es deponieren. – Sind Sie nun zufrieden?" – "Jawohl, ich freue mich, daß Sie das einsehen. Aber wir haben uns schon zu lange hier verweilt, wollen wir nicht aufbrechen?" – "O", entgegnete Flori sorglos, bis Barra Velha kommen wir noch früh genug." – Bis Barra Velha! Ach, du lieber Himmel! – Also weiter wollte er nicht, und ich wollte doch bis an die Überfahrt von São Franscisco. Wenn es so weiterging, konnte es sehr lange dauern, bis er in Joinville war.

Flori packte nun aber doch wirklich seine Siebensachen zusammen, schlang den Karrenriemen um den Hals und – Vamos! – Vamos! Fort ging es im Sturmschritt. Die Karre war schwerer, als sie aussah. Wenn ich aber dachte, die Reise würde nun wohl langsamer gehen, so hatte ich mich gewaltig geirrt. Flori schritt so rüstig voran, daß das große Karrenrad ordentlich summte und schnurrte. Ich konnte ihm kaum folgen und mußte mich manchmal in Trab setzen, um mit ihm Schritt zu halten. In

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Flori se sentou novamente ao meu lado na carreta com todo o dinheiro sobre seu colo. Eu me admirei dele confiar seus segredos a mim logo nas primeiras horas após nos conhecermos e, disse-lhe isso com toda franqueza. Ele falou com um sorriso estranho, exibindo seus dentes brancos: "Sabe, em terras estrangeiras nós nos tornamos perspicazes e em pouco tempo sabemos distinguir o amigo do inimigo. Meus olhos jamais me enganaram", acrescentou presunçosamente.

A seguir ele começou a falar, de maneira eloqüente e expressiva, sobre a sua bela Itália. Seus pais possuíam uma pequena propriedade vinícola, porém não eram abastados e tentavam sobreviver honestamente. Todavia, três anos consecutivos de má colheita e casos de doenças inesperadas consumiram rapidamente suas modestas economias. Assim eles venderam sua propriedade, saldaram as dívidas e emigraram com muitos outros italianos para a província de São Paulo, onde foram contratados em uma fazenda de café. Seu pai, que adoecera no navio, faleceu logo após a chegada ao Brasil. Flori e seus três irmãos, todos solteiros, viajam pelo país como vendedores ambulantes, e de tempo em tempo mandam dinheiro à sua mãe, que continua vivendo na fazenda. Quando tiverem juntado dinheiro suficiente, os quatro irmãos e a mãe querem regressar à bela Itália. Lá, Flori pretende casar-se com uma moça que está à sua espera.

– Mas por que o senhor sempre carrega toda essa fortuna consigo, ao invés de depositá-la junto a um comerciante, onde teria maior segurança e ainda lhe renderia juros, podendo retirá-la a qualquer momento?

Flori coçou a cabeça falando:

– O senhor tem razão. Assim que eu chegar em Joinville, seguirei seu conselho e farei o depósito. Está satisfeito agora?

– Sem dúvida, folgo em saber que o senhor reconhece isso, mas já nos demoramos demais por aqui. Então, partimos?

– Oh, retrucou Flori, ainda chegaremos a tempo em Barra Velha.

– Céus, até Barra Velha!

Então ele não queria ir mais longe, eu porém, queria chegar até o local da travessia para São Francisco. Se continuasse assim, ainda demoraria muito para chegarmos a Joinville. Mas, Flori juntou suas coisas e passou a correia da carreta em volta do seu pescoço.

– Vamos, vamos.

E seguimos apressadamente. A carreta era mais pesada do que parecia. Se eu imaginara que iríamos mais devagar durante o percurso, enganara-me redondamente. Flori andava com tanto vigor, de modo que a enorme roda da carreta chegava a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vollem Laufen erzählte er mir noch von seinen Brüdern, an denen er sehr zu hängen schien. Sie strebten alle nach demselben Ziel: so viel zusammenzuscharren, bis sie genug hätten, um in Italien ihr altes Anwesen zurückkaufen zu können und ein gutes Auskommen zu haben. Ich fragte ihn, wie es in São Paulo auf den sogenannten Halbpart–Kolonien zuginge. "Es kommt ganz darauf an, wie der Fazendeiro veranlagt ist. Ist der Herr gut und gerecht, haben es die Leute auch gut. Wir kamen in die Nähe einer Stadt und konnten alle unsere Produkte dort zu Geld machen. Unser Herr hatte uns zu Anfang Lebensmittel und Geld vorstrecken müssen; denn fast alle von uns kamen blutarm auf seiner Fazenda an. Er hat die Produkte billig berechnet und für das bare Geld keine Zinsen genommen, auch unsere Schulden nur nach und nach abgezogen. – Aber nicht alle Fazendeiros waren so gut und rechtschaffen wie der unsrige. Es gab auch genug, die ihre Arbeiter wie Sklaven hielten und darnach behandelten. Sie wurden von solchen Herren auf jede Weise übervorteilt und manchmal auf eine schamlose Art betrogen, daß es zur offenen Empörung kam und die Kolonisten abzogen. Jetzt sind nur noch fünf Familien dort auf dem Lande."

"Aber Sie sagten doch selber, daß sie alle gut daran waren. Warum haben sie nicht länger ausgehalten?" – "Schon recht – aber wissen Sie, einige hatten schon ganz gut verdient, ein, zwei Contos und noch mehr, aber sie konnten dort nicht zu eigenem Grund und Boden kommen, denn alles Land dort gehörte den Fazendeiros, die nicht daran dachten, auch nur eine Handbreit davon abzugeben. Das hat sie weggetrieben. Aber sehen Sie, da ist Barra Velha schon!" – In der ersten und einzigen Venda kehrten wir ein, und da es auf Mittag ging, bestellte Flori sogleich Essen. Dann fing er auch sofort mit dem Ladenbesitzer zu handeln an. Ich staunte über seine Geschicklichkeit im Schachern und über die Zungenfertigkeit, womit er seinen unechten Goldkram für teure Preise an den Mann brachte. – In der Venda war nichts weiter zu sehen als ein paar Schnapsfässer und Flaschen, eine Tonne mit Roscas und eine mit Erdnüssen, Lehmdiele und vier nackte Lehmwände, aber zwei wirkliche Glasfenster. Über zwei leeren Fässern lag ein ungehobeltes Brett, das den Schanktisch vorstellte. - Obwohl es hier so aussah, als ob da nicht viel zu holen wäre, machte Flori doch gute Geschäfte in diesem jämmerlichen Loch. Der dicke Vendeiro und hauptsächlich seine Frau kauften ein Stück nach dem anderen und bezahlten anstandslos den viel zu hoch angesetzten Preis.

Während des Essens, das aus Huhn, Reis und Farin bestand, sagte Flori zu mir: "Geben Sie acht, Carlo, in einer halben Stunde sind mindestens zehn Käufer hier." – "Wie wollen Sie das machen?" – "Oh, ich mache das nicht, das macht der Wirt". – Wahrhaftig! – Wir waren noch gar nicht ganz fertig mit unserem zähen Huhn, da kamen schon einige junge Mädchen, darunter Anita und Maria, zur Tür herein und

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

zumbir. Eu mal conseguia acompanhá-lo, precisando apressar-me a fim de alcançá-lo. Enquanto caminhávamos a todo vapor, ele falava sobre seus irmãos, aos quais era, aparentemente, bastante apegado. Todos eles visavam o mesmo objetivo: juntar o suficiente para poderem comprar de volta a sua antiga propriedade e ter o suficiente para viver. Eu lhe perguntei como é o sistema meeiro nas fazendas.

"Isso depende totalmente do modo de ser do fazendeiro. Se ele for bom e justo, as pessoas também vão bem. Nós nos estabelecemos perto de uma cidade, onde podíamos vender todos nossos produtos. No início, nosso patrão nos adiantou dinheiro e alimentos a um custo baixo, pois ao chegarmos à fazenda quase todos éramos muito pobres. O fazendeiro cedeu os alimentos por um preço barato, não cobrando juros sobre o dinheiro emprestado, e a dívida foi descontada aos poucos. Porém, nem todos os fazendeiros eram tão generosos e justos quanto o nosso. Muitos deles mantinham seus empregados como escravos e os tratavam como tais. Estes empregados eram explorados de tudo quanto jeito, às vezes, logrados de modo indecente, tanto que muitos colonos se indignaram de tal maneira, simplesmente indo embora. Lá, agora apenas restam cinco famílias."

– Mas o senhor acabou de falar que todos estavam bem, então por que não permaneceu lá por mais tempo?

– Está certo, alguns já haviam ganho bem, talvez um ou dois contos, quem sabe até mais. Entretanto jamais teríamos terra, pois lá tudo pertence aos fazendeiros e, nem lhes passa pela cabeça ceder um palmo sequer. Foi por isso que partiram. Mas veja, lá já é Barra Velha!

Entramos na primeira e única venda e Flori logo pediu comida, pois era perto do meio-dia. Em seguida começou a negociar com o proprietário. Eu admirei sua habilidade de negociar e também pela lábia com que oferecia suas quinquilharias a preços elevados. Na venda não havia nada mais do que algumas pipas de cachaça; garrafas; uma barrica com roscas; outra com amendoim; assoalho de chão batido e paredes de barro. Entretanto, havia duas janelas de vidro. Sobre dois barris havia uma tábua tosca: este era o balcão. Flori acabou fazendo bons negócios nesse lugar miserável, apesar da impressão de que aqui não se ganharia nada. O vendeiro gordo, e principalmente sua esposa, compraram muito, pagando sem hesitar o preço exageradamente alto. Havia frango, arroz e farinha no almoço e Flori me falou:

– Preste atenção Carlos, daqui a meia hora estarão aqui pelo menos dez compradores.

– Como pretende fazer isso?

– Oh, não sou eu quem vai fazer, o hospedeiro o fará.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

fragten nach Flori. Es dauerte keine halbe Stunde, da war der ganze Salon voll Käufer. Jung und alt belagerte Flori förmlich, der seine wundervollen Sachen mit großer Zungenfertigkeit losschlug. Ich hatte so etwas noch nicht gesehen. – Ich mußte warten, bis der letzte Käufer fort war. Leider war es dabei zu spät geworden, um weiter zu reisen, und wir mußten in der Spelunke übernachten.

Am Itapocu wiederholte sich dieselbe Geschichte. Flori bezahlte wohl für mich, aber ein solches langweiliges Reisen behagte mir gar nicht. Aber ich wollte den guten Flori doch nicht im Stich lassen und mein Wort, das ich ihm gegeben hatte, brechen, also – paciência! – Wir blieben hier natürlich wieder kleben, dafür weckte mich Flori am anderen Morgen sehr zeitig. Es war noch völlig dunkel, da stand er schon fix und fertig vor meinem Lager. Wir mußten erst ein gutes Stück den Itapocu wieder hinunter, um an den Strand zu gelangen, der hier die Heerstraße bildete. Flori sang und pfiff abwechselnd und war heute morgen ganz ausgelassen. Er hatte wieder schön verdient, und das machte ihn so fröhlich. Wir hatten schon ein gutes Stück am Strand zurückgelegt, da stieg die Sonne mit funkelnden Strahlen aus dem ruhig daliegenden Meer. Plötzlich hielt Flori an, bückte sich und ließ den Tragriemen über den Kopf gleiten. Ehe ich wußte, was er eigentlich vorhatte, stand er schon völlig nackt vor mir, nahm einen Anlauf und stürzte sich unter unbändigem Gelächter kopfüber in die See. "Carlo, kommen Sie, hier ist es herrlich!" – Reisenden mußte man schon von weitem bemerken. Also folgte ich Floris Beispiel. Es war auch wirklich eine Wonne, dieses erfrischende Seebad in der Morgenkühle zu genießen. – Neu gestärkt zogen wir dann wieder ab, und das große Karrenrad wurde nun ordentlich in Schwung gesetzt.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Realmente! Não havíamos nem bem terminado de comer o frango duro, quando apareceram algumas moças perguntando pelo Flori, entre elas Anita e Maria. Em questão de meia hora o salão estava repleto de compradores. Flori vendia seus maravilhosos objetos com muita lábia, cercado por jovens e adultos. Eu nunca tinha visto algo semelhante! Infelizmente ficou muito tarde para continuarmos a viagem e assim pernoitamos nesta espelunca.

A mesma coisa se repetiu às margens do rio Itapocu. Apesar de Flori pagar minhas despesas, não me agradava nem um pouco uma viagem tão monótona. Mas, eu não queria deixá-lo na mão faltando-lhe com minha palavra. Portanto paciência! Naturalmente também ficamos aqui, mas Flori me acordou bem cedo na manhã seguinte. Ainda estava escuro quando ele apareceu frente ao meu leito, pronto para partir. Tivemos que descer de novo um bom trecho pelo Rio Itapocu para chegarmos à praia, que era a estrada usada pelo exército. Flori cantava e assobiava animado, ele ganhara bem e isto o deixava feliz. Já havíamos caminhado um bom trecho ao longo da praia quando o sol, com seus raios fulgurantes, surgiu do mar.

Flori parou de repente, abaixou-se e deixou cair a correia com a qual puxava a carreta. Antes que eu pudesse perceber sua intenção, estava totalmente nu à minha frente. Saiu correndo e caiu no mar, dando boas gargalhadas.

– Venha, Carlos, está maravilhoso!

Eu olhei ao meu redor, não vendo nada além da praia infinita. Caso algum viajante aparecesse seria visto de longe. Portanto, segui o exemplo de Flori. Foi realmente um deleite aproveitar esse refrescante banho de mar pela manhã. Revigorados, seguimos adiante, colocando a enorme roda da carreta em movimento.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nota prévia sobre a litografia em Santa Catarina

TEXTO:
IAPONAN SOARES DE ARAÚJO[1]

O início das atividades litográficas em Santa Catarina se deu em 1834, três anos após o surgimento de "O Catharinense". A iniciativa era de Eugênio Pereira da Cunha, que requereu licença à Câmara Municipal de Desterro, pedindo alvará e dizendo que seu estabelecimento comercial estava instalado no Largo do Palácio, casa nº. 14.

A partir de 1864, com a chegada a Desterro de João Melchior Rohlacher, as atividades litográficas começaram a se desenvolver, talvez porque já existisse mercado local para esse tipo de serviço. Rohlacher que era estrangeiro, possivelmente judeu originário de Portugal, tinha um completo domínio do ofício e não tardou transmitir a outros interessados os conhecimentos fundamentais desse mister.

Sob a razão social de Schwarezer & Rohlacher, instala litografia à rua do Príncipe, nº 10, onde passou a atender encomendas de papéis de contas, letras de câmbio, despacho, conhecimentos, etiquetas, rótulos, cartões para bordado além de "retratos litográficos". Inicialmente a firma funcionou junto com negócios de ferragens, mas em 1869 essa parte foi vendida para José Lino Alvares Cabral e Anacleto Silveira de Sousa. Nessa oportunidade a litografia passou para a rua do Livramento, 15, sinal de que a firma já podia sobreviver somente com os serviços de litografia.

Fora da capital, Blumenau e Joinville também dispunham desses serviços. Em Joinville, através de Ottokar Doerffel e Carl Wilhelm Boehm. Em Blumenau, através de Bernardo Scheidemantel, cuja oficina tinha o nome de Instituto Artístico de Litografia e Autografia, dizendo em anúncio que

[1] Escritor e atual Presidente da Fundação Catarinense de Cultura de Santa Catarina, membro do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"este estabelecimento, o primeiro em seu gênero, nesta província, acha-se completamente habilitado para encarregar-se de qualquer desses trabalhos, já pela perfeição com que os mesmos são executados, já pela modalidade de seus preços"[2]

Ainda em Desterro, no ano de 1868, Cândido Francisco de Assis Feijó montou litografia à rua da Constituição nº. 36, dizendo no anúncio que estava devidamente equipado para executar qualquer encomenda. Pouco se sabe da prosperidade do negócio. Do proprietário sabemos que andou em alguns periódicos locais fazendo serviços de redação, mas essas folhas só usavam os recursos de tipografia, fazendo como ilustração apenas os anúncios de medicamentos, de circos e de loções capilares.

Coube a Alexandre Margarida (1834 - 1916) a primazia de ser o pioneiro da imprensa ilustrada de sua terra, usando os recursos da litografia. Por volta de 1870, o seu "Gabinete Litográfico" estava instalado à rua Augusta, nº. 28. Além dessa litografia, a capital contava por esse tempo com cinco tipografias e três ateliês de fotografias.

Em 1882, Alexandre Margarida dirigiu o jornalzinho "O Artista" e no ano seguinte foi um dos fundadores do liceu de Artes e Ofícios. Noutra oportunidade dirigiu "A Harpa Catarinense", "O Livro da Mocidade" e gerenciou " A Regeneração", órgão ligado aos liberais e pedreiros livres, que circulava sob a orientação de Duarte Schutel e Luiz Augusto Crespo.

Foi Joaquim Margarida (1865 - 1955), filho de Alexandre, a figura mais importante dessa imprensa ilustrada e caricata de meados do século passado, no Desterro. Nascendo praticamente dentro de uma oficina de jornal, Joaquim Margarida aprendeu cedo com o pai o trabalho com a pedra litográfica e, com o tio Manuel das Oliveira Margarida, a arte do desenho. Com efeito, o Velho *Maneca* Margarida era um desses espíritos elevados, que vivia para servir. Mantinha um curso noturno de desenho, ensinando gratuitamente a todos que o procuravam.

Os jornais ilustrados e caricatos mais importantes desse período foram três. Dois deles, "A Matraca" (1880 - 1888) e "O Mosquito" (1888 - 1889), foram dirigidos e ilustrados por Joaquim Margarida. O terceiro chamava-se "O Moleque" (1885), que circulava sob a orientação de Virgílio Várzea e Cruz e Sousa, sendo de Virgílio Várzea, além do texto, a responsabilidade das ilus-

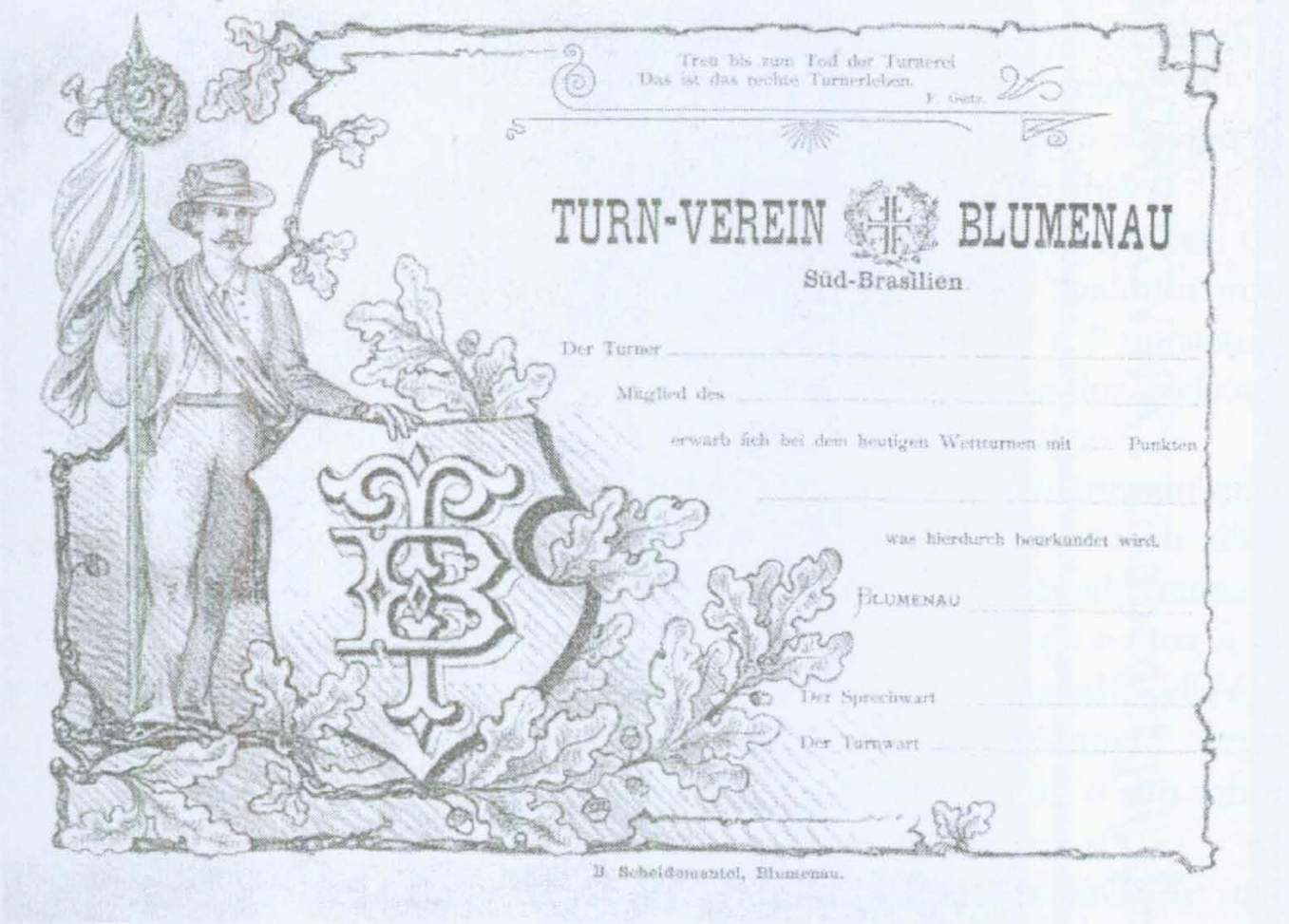
[2] In: O Conservador, Desterro, 5 de março de 1876.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

trações.

Nos primeiros anos deste século, Joaquim Margarida, então professor de uma escola pública e pintor nas horas vagas, ainda guardava carinhosamente o seu material litográfico, além de outros apetrechos de seu trabalho, como máquinas de foto-gravuras e fotografias. Era a lembrança viva da aventura com a imprensa de sua terra. Os magros vestígios de um sonho, que ele lutava para não despertar.



Certificado produzido na Litografia de B. Scheidemantel

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A "Filantropia e a mútua ajuda" na região de Blumenau: relacionando passado e presente

TEXTO:
*JAIME HILLESHEIM**

Este artigo se constitui numa reflexão sobre o surgimento/registro oficial das associações filantrópicas e de mútua ajuda na região de Blumenau, considerando o período de 1920 até o início da década de 1960. As informações aqui apresentadas foram/estão sendo coletadas através da pesquisa intitulada "Associativismo Civil em Blumenau: evolução e tendências", realizada pelo Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais da FURB. Esta pesquisa ainda está em andamento e pretende fazer um levantamento do Associativismo Civil compreendendo o período entre 1920 e 2000.

Palavras-Chave: associativismo civil, filantropia, ajuda.

As atividades filantrópicas têm se constituído num importante objeto de reflexão, em especial no Serviço Social, justamente nesse momento histórico de avanço das propostas de desregulamentação dos direitos sociais e desresponsabilização do Estado frente à questão social. As organizações da sociedade civil passam, no contexto neoliberal, a serem chamadas para *estabelecer parcerias* com o intuito de desenvolver ações de enfrentamento à pobreza. Essas parcerias vislumbram o repasse das responsabilidades do Estado para a sociedade civil organizada, de forma a criar o consenso necessário para a legitimação das propostas de cunho neoliberal.

Nesse sentido, a "cultura da crise" discutida por MOTA (1995) é imprescindível para que esse consenso ocorra. A sociedade civil incorpora a lógica contábil do discurso dominante - que afirma não haver recursos suficientes para que o padrão

* Professor Mestre do Departamento de Serviço Social da FURB.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

civilizatório pretendido pelos movimentos reivindicatórios seja mantido/alcançado e que todos, indistintamente, precisam abrir mão de algumas conquistas. Tal discurso desconsidera as diferenciações de classe, entendendo que todos estão num mesmo patamar de acesso à riqueza socialmente produzida.

Em síntese, há um retorno àquelas situações de auto-reprodução social dos trabalhadores que já, historicamente, foram excluídos do usufruto dessa riqueza produzida pelo conjunto da sociedade.

Lançados nessas reflexões nos colocamos algumas inquietações: Que (novas/velhas) feições são trazidas pelas práticas filantrópicas desenvolvidas pela sociedade civil organizada? Quais os valores que fundamentam essas práticas? Quem são os agentes que operacionalizam as ações nesse âmbito?

Obviamente que não pretendemos, aqui, dar conta de responder a todas essas questões, no entanto, a análise das práticas filantrópicas e de mútua ajuda em momentos históricos diferenciados pode apontar alguns elementos superadores de lacunas existentes.

É necessário, antes de tudo, explicitarmos o que estamos entendendo por associações filantrópicas e de mútua ajuda. Consideramos que estas organizações são aquelas operacionalizadoras de práticas que se situam na esfera da ajuda, do favor, da caridade, com vistas a atender determinadas demandas daqueles segmentos sociais mais empobrecidos.

Na pesquisa sobre o associativismo civil em Blumenau: evoluções e tendências identificou-se, até o momento, 26 (vinte e seis) associações filantrópicas e de mútua ajuda. Destas, 08 (oito) tinham suas ações definidas a partir de princípios religiosos, 10 (dez) se vinculavam a organizações de trabalhadores, 01 (uma) delas tinha a preocupação em atender às necessidades de membros de uma mesma etnia e, ainda, 07 (sete) foram constituídas de forma mais independente, em que a base das ações era a prática da caridade.

Entre as características gerais de todas as associações destaca-se que, exceto naquelas que mantinham vinculação religiosa, havia uma predominância do gênero masculino na composição de suas diretorias. Considerando-se o conjunto das associações, constatou-se que apenas 18,5% dos membros das diretorias eram mulheres e 81,5% eram homens. Em apenas 04 (quatro) das 26 (vinte e seis) associações filantrópicas e de mútua ajuda as diretorias eram compostas só por mulheres, mais especificamente, naquelas que tinham diretrizes religiosas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

No entanto, observou-se na dinâmica de funcionamento que as mulheres eram quem operacionalizavam as ações assistenciais. Tal aspecto reforçava a perspectiva construída socialmente de que as mulheres não deveriam se envolver em questões políticas, em especial de direção ou de espaços deliberativos. Ainda, legitimava a idéia de que a prática assistencial/da caridade se caracterizava como uma atribuição feminina.

Esta realidade marca, historicamente, a profissão do Assistente Social que se compõe numa categoria profissional majoritariamente feminina.

O estudo sobre a dinâmica interna destas organizações revelou também a existência de relações hierarquizadas. Em algumas havia critérios para que um sócio pudesse fazer parte da diretoria, entre eles: tempo de associado, idade, gênero, etnia e religião.

Quanto à admissão dos sócios junto às organizações filantrópicas e de mútua ajuda, os critérios também estavam relacionados principalmente à idade, gênero, etnia, religião e também o tipo de profissão. Em muitas delas constatou-se grande preocupação com a conduta moral de seus associados. Nos estatutos era comum expressões que indicavam a não admissão de atitudes que afrontassem *aos bons costumes*, sendo que os sócios envolvidos eram penalizados com a expulsão. Em outros, a admissão do sócio estava condicionada à indicação feita pelos próprios membros da diretoria.

Os sócios também eram, em muitos casos, divididos em categorias, como: os contribuintes, os beneméritos, os efetivos, os fundadores, os ativos e subscritores.

Os sócios contribuintes, subscritores e efetivos eram aqueles que destinavam recursos financeiros à organização. Esta contribuição normalmente era mensal, mas havia casos em que uma contribuição significativa garantia para sempre ao sócio sua permanência na associação. Muitas associações excluíam os sócios quando estes deixavam de cumprir seus compromissos com a tesouraria e, para isso, definiam um prazo.

Em algumas associações era considerado sócio contribuinte aquele que fazia doações a seu critério, ou seja, não havia a priori uma definição sobre a quantia da contribuição, porém havia uma quantia mínima.

Os beneméritos eram aqueles que prestavam relevantes serviços à associação e, por isso, tinham direito de serem reconhecidos como sócios.

Já os sócios fundadores eram aqueles que haviam ingressado no quadro social no período inicial de constituição/fundação da associação. Nas as-

 Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sociações ligadas à igreja, mais especificamente a católica, as autoridades eclesiásticas (bispos, etc.) eram membros natos da diretoria.

O direito a voto, variava de acordo com a categorização dos sócios. Normalmente aqueles sócios que contribuíam mensalmente, efetivos e fundadores, é que tinham direito de voto e de ser votado.

Em algumas associações havia vinculação com as organizações sindicais e isso dava aos presidentes dos sindicatos o direito de serem membros natos das associações e, em algumas, serem os próprios presidentes também das associações filantrópicas e de mútua ajuda .

Dentre aquelas associações filantrópicas e de mútua ajuda organizadas a partir de princípios religiosos, destacavam-se, no período até então pesquisado, aquelas ligadas à Igreja Evangélica e que eram dirigidas por mulheres e nas quais os homens poderiam ser sócios beneméritos. Quando se vinculavam à Igreja Católica, tais associações também eram conduzidas por mulheres, porém, as autoridades eclesiais eram membros natos das diretorias, conforme já mencionado.

Os serviços oferecidos por estas instituições variavam muito, destacando-se os seguintes: alimentação, remédios, agasalhos, creches, asilos, etc..

O público alvo destinatário das ações assistenciais eram aqueles segmentos populacionais denominados de "necessitados" (doentes, crianças, idosos, desempregados, "desajustados")[1] .

Já aquelas associações filantrópicas e de mútua ajuda vinculadas às organizações de trabalhadores se caracterizavam por desenvolver ações voltadas para a família do conjunto de determinadas categorias profissionais, como por exemplo, os trabalhadores de fiação e tecelagem de Blumenau, fundada em 1956. Como já indicado anteriormente, esse tipo de associação mantinha relações com as entidades sindicais e, em alguns casos, a sede destas associações era a mesma do sindicato.

Portanto, tinham acesso aos serviços destas associações filantrópicas, em especial, filhos e cônjuges de trabalhadores do mercado formal de trabalho, vinculados a determinadas categorias profissionais.

[1] É preciso considerar que, "a importância dessas instituições e obras, e de sua centralização, a partir da cúpula da hierarquia, não pode ser subestimada na análise da gênese do Serviço Social no Brasil. Se sua ação concreta é extremamente limitada, se seu conteúdo é assistencial e paternalista, será a partir de seu lento desenvolvimento que se criarão as bases materiais e organizacionais, e principalmente humanas, que (...) permitirão a expansão da Ação Social e o surgimento das primeiras escolas de Serviço Social" (IAMAMOTO & CARVALHO,1985:171).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Os benefícios prestados eram os mesmos de outras associações congêneres, além de assistência médica, dentária e farmacêutica, assistência financeira, cooperativa de crédito, consultoria jurídica, seguro de vida em grupo, etc..

Quanto à vinculação étnica, identificou-se apenas uma associação filantrópica e de mútua ajuda no período até então pesquisado.

Esta única associação era denominada de Sociedade Alemã de Beneficência de Blumenau e foi fundada em 1933. O público alvo de suas ações eram pessoas de origem alemã.

As associações filantrópicas e de mútua ajuda que se constituíram independentemente, ou seja, sem vínculos étnicos, por categoria profissional ou religiosa, tinham como fundamento a ação caritativa, embora, em todas, houvesse no registro estatutário o fornecimento de assistência material e "espiritual".

O público alvo destas associações eram as pessoas reconhecidamente necessitadas, em especial: cegos, doentes, portadores de deficiências físicas, crianças órfãs e viúvas[2].

Identificou-se, dentre estas associações filantrópicas e de mútua ajuda que aqui estamos categorizando como independentes, uma que desenvolvia ações terapêuticas naturais (homeopatia). Nos registros não foi possível identificar maiores detalhes sobre sua atuação.

Os dados coletados revelaram que as práticas filantrópicas e de mútua ajuda, considerando o período até então pesquisado, marcam uma contradição que se faz presente ainda na realidade contemporânea: de um lado tais iniciativas fundadas em valores humanistas-cristãos desencadeiam/desencadearam respostas às necessidades sociais de segmentos populacionais alijados do acesso à qualidade de vida – mesmo que numa concepção de favor, de mérito, da benevolência, de práticas destinadas aos não-cidadãos; por outro, tais iniciativas se apresentam/apresentaram como mecanismos que vão ao encontro da desresponsabilização do Estado frente à questão social, fruto do processo de organização social capitalista marcado, cada vez mais, pela produção coletiva da riqueza ao mesmo tempo que pela exclusão crescente dos segmentos sociais no usufruto dessa riqueza.

[2] Estas terminologias para definir o público alvo foram extraídas dos próprios documentos consultados e, portanto, não são assumidas como perspectivas/concepções do autor.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Se considerarmos, em especial, aquelas organizações constituídas pelos próprios trabalhadores e que mantinham vinculação com o movimento sindical (embora tutelado), constatamos que se configuravam como ações de autoreprodução social, isto é, os próprios trabalhadores é que acabavam respondendo às necessidades geradas pelo modo de produção capitalista.

Hoje, no contexto neoliberal, os próprios trabalhadores, após a avaliação dos capitalistas sobre a impossibilidade de se manter os direitos conquistados durante o advento do chamado Estado de Bem-Estar Social, são novamente responsabilizados pela sua própria reprodução social. A desregulamentação dos direitos trabalhistas repõe na pauta as alternativas de enfrentamento da exclusão a partir de iniciativas dos próprios trabalhadores. No entanto, na contemporaneidade, o discurso se moderniza através da difusão da cultura da "solidariedade[3]". O segmento dos trabalhadores amarga a precarização das condições de vida e de trabalho, em que a satisfação de suas necessidades depende da capacidade e criatividade da sociedade civil que, em grande medida, tem dificuldades de fazer o enfrentamento crítico das proposições de minimização do estado no que tange as suas responsabilidades sociais.

Esta postura acrítica que ainda permeia o desenvolvimento das práticas de associações filantrópicas e de mútua ajuda que fragilizam a consolidação de direitos precisa ser analisada, considerando os processos históricos em que tais práticas foram construídas. Isso porque as ações desenvolvidas por estas organizações sempre estiveram fundamentadas em valores que se contrapõem às perspectivas críticas da forma de organização da sociedade burguesa. Além disso, é preciso levar em consideração que, durante muito tempo, as associações filantrópicas e de mútua ajuda tiveram acesso a recursos públicos sem existir qualquer forma de controle social sobre a utilização desses recursos. Esta realidade dificulta a possibilidade de uma ressignificação de suas práticas e de seus fundamentos com vistas a consolidar uma nova perspectiva pautada nos direitos de cidadania.

[3] Se pensarmos no contexto atual em que se vivencia a tentativa de consolidação da idéia de que as lutas de classes são algo do passado, vamos constatar que, "a *solidariedade* tem a conotação de uma categoria apolítica e unificadora da sociedade, 'limpa' de qualquer convicção, num mundo sem ideologias. A *solidariedade* defendida tem a característica de uma ideologia denegadora do próprio conceito de ideologia, que conquista espaço no momento em que se operaram transformações produtivas no mundo. Sob a aparência da convivência pacífica e da colaboração dos ricos com os pobres, de fato a *solidariedade neoliberal* procura, inversamente, a colaboração dos trabalhadores com os donos do capital, pela via do consentimento na fratura de sua solidariedade e de sua união" (GUSMÃO, 2000:104).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Se, no passado, as ações filantrópicas e de mútua ajuda se caracterizam por valores cristãos, fundamentados pelo princípio da ajuda ao necessitado, do mérito e do favor, na contemporaneidade, embora com algumas particularidades, assiste-se ao que alguns estudiosos chamam de "refilantropização".

Mesmo com os avanços da discussão sobre a Assistência Social enquanto um direito do cidadão e dever do Estado, na prática, as organizações da sociedade civil que atuam na área assistencial, são conclamadas a assumir, cada vez mais, as funções que de forma predominante caberiam ao Estado. O discurso da parceria e a propagação do ideário do voluntariado fragiliza a noção de direito dos cidadãos ao usufruto da riqueza social e fortalece a noção do favor. O cidadão excluído fica, mais uma vez, sujeito à disponibilidade ou não de programas e projetos sociais pautados na concepção da ajuda, marcados pela fragmentação e pontualidade.

De acordo com as informações coletadas no processo investigativo sobre o associativismo civil em Blumenau, em especial, sobre as organizações filantrópicas e de mútua ajuda, podemos verificar que velhas práticas são valorizadas, ganhando novos contornos para responder, embora em períodos históricos diferenciados, aos mesmos objetivos capitalistas: a manutenção das taxas de lucro através da diminuição dos custos da produção.

Mesmo que pautadas em valores culturais que revelam modos de vida das classes subalternas construídos nas relações sociais, as práticas filantrópicas e de mútua ajuda se colocam como importantes mecanismos de pactuação social em que, mais uma vez, as classes trabalhadoras assumem um posição reativa frente às investidas anti-democráticas das classes hegemônicas.

Desconstruir estas perspectivas marcadas pelo favor, pela idéia da caridade que fundamentam as práticas das organizações da sociedade civil que atuam na área assistencial, é uma demanda profissional relevante que se coloca ao Serviço Social. Fazer delas organizações que se posicionem na defesa da cidadania e operacionalizadoras de ações pautadas em valores democráticos é a tarefa posta aos profissionais Assistentes Sociais, comprometidos com a construção de um padrão societário que assegure a todos os seus membros o acesso à riqueza socialmente produzida.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Bibliografia

GUSMÃO, Rute. A ideologia da Solidariedade. In: *Revista Serviço Social e Sociedade, nº 62*. São Paulo, Cortez, 2000.

IAMAMOTO, Marilda & CARVALHO, Raul. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil. 4ª ed. São Paulo, Cortez/Celats, 1985.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Serviço Social: identidade e alienação. São Paulo, Cortez, 1995.

MOTA, Ana Elizabete. Cultura da crise e seguridade social: um estudo sobre as tendências da previdência e da assistência social brasileira nos anos 80 e 90. São Paulo, Cortez, 1995.

SPOSATI, Aldaiza. Mínimos sociais e seguridade social: uma revolução da consciência da cidadania. In: Revista Serviço Social e Sociedade, n.º 55, São Paulo, Cortez, 1997.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Corporação Militar e Rumos da Educação Brasileira: O Exército e a Escola nos Tempos do Estado Novo*

TEXTO:
*DRA. NEIDE ALMEIDA FIORI***

O presente estudo analisa as relações existentes entre a corporação militar - Exército e Polícia Militar - e os rumos da educação brasileira. Como preliminar, enfoca-se o **espírito militar** impregnando a escola. Num segundo momento, e como objetivo principal, estuda-se as **ações militares** levadas a efeito por essa corporação nos estabelecimentos de ensino, visando assimilar os imigrantes estrangeiros e seus descendentes. O recorte histórico principal sinaliza a época do Estado Novo e enfatiza o momento em que o Brasil, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, alinha-se pró-Aliados (1942). No desenvolvimento da pesquisa, a reconstrução empírica do cotidiano constitui-se em fio condutor. A investigação utilizou as técnicas da análise bibliográfica e documental e concretizou entrevistas com atores sociais que viveram os acontecimentos. Essas técnicas foram submetidas a uma análise crítica - os trechos de entrevistas, com uma preocupação que lembra um tipo ideal weberiano, aqui figuram após terem sido considerados depoimentos expressivos com representatividade do real.

Nesta investigação deu-se enfoque cultural, mas não se nega a existência de indiscutíveis confrontos na área diretamente política, relacionados com as temáticas do pangermanismo, da espionagem e da contra-espionagem. O que se quer dizer é que a pesquisa parte do entendimento básico de que as idéias de nação, e por decorrência as de **nacionalidade** e de **brasilidade** são construções sociais; e será a partir desse referencial que se estudará os papéis desempenhados pela corporação militar e pela

* Comunicação apresentada no Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), GT Educação e Sociedade, realizado de 22 a 25 de dezembro de 1993, em Caxambú, Minas Gerais.

** Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

escola, na construção dessa realidade.

Os imigrantes estrangeiros começaram a chegar logo após a independência política do país (a partir de 1829). As ações implementadas pelo Governo brasileiro, do assimilá-los e a seus descendentes, são um tema complexo.Tema que se mescla estruturalmente ao da formação da nacionalidade brasileira e que vem despertando meu interesse há largo tempo. Na formação dessa nacionalidade, os papéis da instituição militar e da escola foram decisivos. Inicialmente, a partir da Proclamação da República, o que se poderia chamar de **espírito militar** começa, de forma sistemática, a penetrar nos estabelecimentos de ensino.

Nesses tempos, o grande modelo era o estado de São Paulo que, com seu processo de industrialização, salientava-se no panorama nacional. Em termos de ensino, vivera uma fase decisiva ao ser reformulada a Escola Normal da Capital,[1] num processo inovador que se dá sob a égide intelectual do republicano Rangel Pestana.[2] O responsável pela reforma de ensino (1890) foi Caetano de Campos.[3] Na ocasião implantam-se, nas escolas públicas, os métodos de ensino norte-americanos. Esses acontecimentos, encarados como fases de um mesmo processo - a modernização do ensino brasileiro -, deram à educação do estado de São Paulo uma projeção nacional.[4]

Eram também contratados, em terras paulistas, os serviços profissionais dos egressos da Escola Normal da Praça da República; e, por essa vertente, saíram as lideranças que reorganizaram o ensino nos estados de Santa Catarina,[5] Mato Grosso e Espírito Santo (1910), Sergipe (1911). Por esse motivo, e por outros, eis o modelo. Declara-se mesmo, em documentos oficiais de outras unidades da federação, que nas terras paulistas eram utilizados "os métodos de ensino reconhecidos como os mais aperfeiçoados".[6]

O positivismo havia penetrado nos currículos de suas escolas de formação de professores; conseqüentemente, desenvolvia-se uma atitude de valorização da ciência, entendida como o centro de todo o saber humano. Afinal, nas escolas do estado de São Paulo, estava bastante presente o espírito da República, identificado em aspectos como a efetiva separação entre Estado e Igreja (Católica) e a valorização do ensino impregnado de valores laicos. Estes serão os fios condutores de aproximação entre Escola e Exército.

Enfim, o mito era agora o estado de São Paulo; ali eram observados, com cobiça, os Grupos Escolares - instituições inovadoras no sentido de agrupar

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

diversas classes de alunos com diferentes níveis de adiantamento, sob uma única direção. E a partir desse modelo, longe foi ficando, pelo menos nos centros urbanos mais expressivos, a figura da escola com poucos alunos e um só professor. Comparativamente a essa situação, os Grupos Escolares eram interpretados como estabelecimentos de ensino complexos, capazes de permitir que se aumentasse substancialmente a matrícula nas escolas públicas.

Mas, paralelamente, os responsáveis pelo ensino - administradores e professores - não se sentiam preparados para conviver eficientemente com esse alunado que, no contexto da época, era considerado muito numeroso. Para que a escola se mantivesse num clima de disciplina e de ordem, fazia-se necessário desenvolver comportamentos institucionais para lidar com essa massa de alunos. Os dirigentes do ensino público passaram então a analisar e a difundir (especialmente no Anuário de ensino do estado de São Paulo) atividades e regulamentos que, com adaptações, poderiam ser aplicáveis às escolas: exercícios de educação física, toque de silêncio no ambiente escolar, formação dos alunos. Não era o Exército que tinha experiência em organizar a formação do corpo da tropa? E era a hora também, em atendimento ao sentimento nacionalista que já estava presente, de a escola ensinar aos seus alunos os hinos pátrios e a postura a ser mantida no decorrer dos atos cívicos. Assim, foi ocorrendo a penetração do **espírito militar** no ambiente das escolas.

A presença do **espírito militar** pode ser identificada até na organização dos currículos.[7] Como ilustrativo dessa questão, o Programa de Ensino dos Grupos Escolares vigente no estado de Santa Catarina (1911), apresenta orientações referentes à "Instrução Moral e Cívica". Há também um título que trata da "Ginástica e Exercícios Militares"; este, quando referente ao 2º e 3º ano primário, não envolvia armas. Todavia, ao tratar do 4º ano de escolaridade elementar, incluía como orientação destinada aos alunos do sexo masculino: "Exercícios militares. Manejo de armas. Evolução da companhia com armas".[8]

Evidencia-se logo que o **espírito militar** se relaciona com as idéias nacionalistas. Estas integram um tema encantante, que chega a soar para o pesquisador como um canto de sereia; mas não será aqui aprofundado. A meta principal deste estudo constitui-se em analisar a **ação militar** nas escolas brasileiras. Ou seja, o Exército como parte do jogo de forças postas a serviço da assimilação dos imigrantes estrangeiros e de seus descendentes. Mas trata-se efetivamente, usando uma terminologia mais específica, do "abrasileiramento"

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dessas populações; o termo está entendido como "(...) processo pelo qual os costumes sociais, idéias políticas geralmente aceitas, assim como os sentimentos da lealdade a uma comunidade ou a um país são transmitidos a um cidadão adotivo.".[9] Trata-se enfim, do desenvolvimento de um sentimento de solidariedade nacional capaz de envolver todos os habitantes do país.

Essas questões, que estavam latentes há muito tempo, afloram com mais força nos tempos da Primeira Grande Guerra. Evidencia-se, então, existir o "receio de que o Brasil pudesse vir a ser dominado pelos estrangeiros em sua própria casa, em razão da superioridade [cultural] do imigrante relativamente ao nacional".[10]

Entre os debates da época incluíam-se aspectos referentes à Constituição Federal de 1891, que manteve a postura descentralizadora do Ato Adicional de 1834. E conservou a mesma polêmica: a União pode intervir no ensino primário das unidades federadas? Muitos estados clamavam por essa intervenção, como uma forma de receber recursos para a expansão do ensino. Mas as características do Sul também influem nos alunos da questão.[11] Como diz Leonor Maria Tanuri,

[...] a forte corrente imigratória que se processava a partir dos fins do século XIX, e o número considerável de escolas estrangeiras que se localizavam sobretudo no sul do pais, consideradas "desnacionalizadoras" por dificultar a integração dos grupos de imigrantes na nacionalidade brasileira, aparecem também como responsáveis pelo movimento de chamada de participação do Governo Central no âmbito da escolarização primária. Tal participação deveria verificar-se no sentido de nacionalizar a escola primária, bem como de ampliar as oportunidades educacionais, com que se esperava congregar a todos, brasileiros e imigrantes, num grupo coeso, unitário, a batalhar pela elevação do país e pela sua colocação entre as nações mais desenvolvidas.[12]

Na obra **A cultura brasileira**, Fernando de Azevedo afirma que, enquanto se analisava e se debatia a Constituição de 1891 (poderia a União intervir no ensino primário?), na região Sul floresciam as escolas alemãs, as italianas e de outras etnias.[13] A dimensão legalista da cultura brasileira prevaleceu sobre a visão política, e nessas escolas, de nível elementar e secundário, o ensino era ministrado em idioma estrangeiro, sendo freqüentemente também estrangeiros os professores. Esta é a ética de um autor nacionalista da enver-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

gadura de Fernando de Azevedo, de grande atuação na vida educacional e cultural do país.[14]

Todavia, para os autores que se colocam mais próximos do viver dos imigrantes, o entendimento da mesma questão - as escolas "estrangeiras" no Sul - é relacionado com as posturas do Governo brasileiro. Ou seja, com o abandono com que as autoridades brasileiras trataram os imigrantes e seus descendentes, que já imitam um histórico isolamento geográfico e cultural, perante a sociedade nacional; enfim, segundo a interpretação desses grupos, os mesmos foram "deixados à própria sorte". Criaram assim as suas próprias escolas - com seus valores, no seu idioma. Era o que poderiam fazer no contexto, especialmente nas zonas rurais. Poucos dominavam o idioma português; e destes, menos ainda aceitavam ser mestre-escola.

Sobre o assunto acrescente-se ainda que, desde os tempos da Primeira Guerra Mundial, com plena tolerância do Governo brasileiro, os países de origem dos imigrantes auxiliavam suas escolas, fornecendo material didático, professores e outras formas de ajuda. Na obra **A escola pitoresca e outros estudos**, Almeida Junior trata do assunto e faz referência à fraqueza do Governo brasileiro nas relações com certas embaixadas estrangeiras. E diz mais:

Nos anos que precederam a entrada do Brasil na [Segunda] Guerra, falava-se de ordens vindas do Rio de Janeiro no sentido de deixarmos em paz as escolas do "eixo". Não convinha irritar nem Hitler, nem Mussolini.[15]

São as contradições do Governo refletindo-se nos estabelecimentos de ensino. E por falar em contradições, é oportuno registrar que a equipe governamental de Getúlio Vargas, apesar de sua unidade aparente, estava dividida em dois grupos: o primeiro, liderado por Oswaldo Aranha, que se mostra disposto a colaborar intensamente com os Estados Unidos. O segundo, contando com as lideranças de Gaspar Dutra e Góis Monteiro, apresentava atitudes de simpatia para com os países do "eixo", salientando muito as vantajosas condições oferecidas então pela Alemanha para o fornecimento de equipamentos militares.[16]

Em plena fase da nacionalização (1940), Getúlio Vargas visitou a cidade de Blumenau e, no habilidoso discurso que proferiu, reconheceu que os imigrantes daquela operosa etnia não tinham recebido o devido atendimento do Governo brasileiro; e haviam ficado sem escolas para seus filhos; e esta era uma vivência à qual estavam acostumados em sua vida na Europa, mesmo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

quando em comunidades aldeãs. Mas apesar desse compreensivo reconhecimento público, tempos depois - quando o Brasil rompe relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, a Itália e o Japão -, inicia-se uma nova etapa da nacionalização. Essa fase tem sido conhecida como de "assimilação cultural coerciva".[17]

Nessa oportunidade, o Governo federal e os estaduais (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) passam a agir integradamente; e como vive-se nos tempos do Estado Novo, a liderança do processo situa-se no âmbito federal. Nessa orquestração, que se constituiu numa nova forma de articulação entre os poderes nacionais, a corporação militar tem um papel relevante.

Os sistemas educacionais dos estados do Sul acentuam, então, uma política que ficou conhecida como "nacionalização do ensino"; no bojo desta, dá-se início a uma intervenção federal mais efetiva no ensino elementar,[18] implantando a figura da escola primária subvencionada pela União. Durante a época getuliana, é verdade, o processo de nacionalização do ensino e da sociedade em geral deu-se a nível de país - nacionalismo e Estado Novo sempre andaram de mãos dadas. Mas é também real que a região Sul, dadas às suas características como receptora de imigrantes, será olhada com forte preocupação pelo Estado.

A essas circunstâncias, acrescente-se o contexto internacional. No momento em que o Brasil passa a viver em "estado de guerra",[19] todos os níveis de ensino ficam sujeitos a rígido controle; e passam a ser freqüentes as **ações militares** nos estabelecimentos da ensino.

Com a situação de guerra, cria-se uma nova posição para os imigrantes e seus descendentes (muitos deles já brasileiros natos); ou seja, os pertencentes a estas etnias - os alemães, os italianos e os japoneses - perderam a simples condição social de imigrantes e assumiram o *status* de inimigos em potencial. Como conseqüência, o viver dessas populações passa a ser analisado, pelas autoridades brasileiras, sob a ótica da segurança nacional.

Alguns setores logo assumiriam essas questões: o Exército, como elemento das forças armadas dotado da responsabilidade pela segurança do Estado em terra; as Polícias Militares Estaduais, na condição de forças auxiliares do Exército e responsáveis pela segurança pública.

Entende-se que "a Polícia é uma parte do aparelho militar que o Estado especializa para exercer, em primeira linha, a repressão interior e para

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

controlar pela força os conflitos que ameaçam a ordem pública".[20] Ou seja, o traço distintivo da Polícia, em relação ao conjunto das forças do Estado, é o caráter **social** de sua especialização, em oposição ao caráter **técnico** que diferencia, entre si, a Aeronáutica, o Exército e a Marinha.

Se considerarmos agora a clássica divisão acerca das atribuições do Exercito (dirigidas para o "inimigo externo") e da Polícia (voltadas para o "controle interno"), evidencia-se que a colocação da Polícia como força auxiliar do Exército no mínimo relativiza tal divisão; efetivamente, são duas forças mais integradas do que pode parecer à primeira vista.

Um fato interessante relacionado à organização de defesa do Estado brasileiro, no período em estudo, é a sua estruturação hierárquica. Na Carta Magna de 1934 as forças armadas são colocas como "(...) dentro da lei, essencialmente obedientes aos seus superiores hierárquicos", sendo que sua destinação é a de "(...) defender a Pátria e a de garantir os poderes constitucionais, a ordem e a lei" (art.162). A Constituição de 1937 (outorgada) se omitirá em explicitar os objetivos das forças armadas; ao invés de falar em "superiores hierárquicos", "constituição", "ordem" ou "lei", falará unicamente de "(...) fiel obediência ao Presidente da República" (art. 161). É este o espírito do Estado Novo.

Até agora tem sido mais enfocada a nacionalização do ensino no Sul. Mas o fato dava-se também em outras regiões, a ponto de poder dizer-se que haveria, no ano de 1942, cerca de 1.030 aulas ou escolas alemãs[21] em terras brasileiras. A afirmativa diz respeito a um conceito amplo de escola "alemã" - aquela assim identificada pelos valores que transmitia, pela organização curricular e, principalmente, pelo idioma usado no decorrer das atividades escolares.[22] Essa situação abrangia as escolas de zonas rurais e as localizadas em cidades. No caso de situações urbanas, o termo "alemã", com que se designava a escola, entrava como um qualificativo mas também como a denominação de estabelecimento escolar - *Deutsche Schule* -, na terminologia da época. Essas instituições apresentavam uma organização mais complexa do que a simplicidade da escola do campônio imigrante; suas origens por vezes podem ter sido modestas, mas as *Deutsche Schule* logo encaminharam-se para uma situação de estabelecimentos de elite, seja pela eficiência do ensino ministrado, seja devido ao fato de seu alunado ser oriundo das classes sociais superiores, na maioria das vezes, com raízes culturais germânicas. Essa análise se aplica ao protó-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tipo da *Escola Alemã* que podia ser encontrada em cidades como Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Recife.

No decorrer dos tempos da Segunda Guerra Mundial, uma rede de acontecimentos envolveu a **Escola Alemã** da cidade de São Paulo. O assunto será mais detalhadamente enfocado como típico dos acontecimentos político-pedagógicos que caracterizavam o processo de nacionalização do ensino então implantado no pais. Falar-se-á de São Paulo mas, no que diz respeito às relações do Governo brasileiro (leia-se, da polícia) com as escolas colocadas sob o seu controle nacionalizador, *mutatis mutandis*, estar-se-á falando do Brasil.

A **Escola Alemã** de São Paulo constituía-se numa instituição tradicional, fundada em 1878, com um início cercado de grandes dificuldades. No começo do século, quando "havia no ar paulistano uma certa disputa entre as colônias italianas, árabes, franceses, espanhóis solidarizavam-se para dar às escolas de suas comunidades o arrojo atrevido que definia a cidade".[23] A Escola Alemã instalou-se em sua sede própria (1913), em edifício com requintes arquitetônicos.[24] Na época da nacionalização, era um estabelecimento escolar que oferecia ao seu alunado Jardim de Infância, Curso Primário e Escola Secundária, tudo bem diferenciado dos moldes nacionais - desde 1925 estava equiparado pelo governo alemão às escolas oficiais desse país. Como que incrustado nesse estabelecimento passou a funcionar (a partir de 1935) o Ginásio Brasileiro-Alemão,[25] plenamente reconhecido pelo governo do Brasil.

Nessa instituição escolar freqüentemente estagiavam docentes e pesquisadores formados em Universidades alemãs, numa relação que estimulava o uso do idioma e um estilo de nacionalismo que fazia voltar os olhos para a Europa; e lá tão distante, colocava a pátria-mãe. No ano de 1942, segundo descrição do diretor geral, na escola reinava um clima de disciplina rígida, ao lado de riqueza de material didático nas diversas áreas. Mas os conteúdos eram preferencialmente relacionados com o mundo germânico, e esse idioma estava presente nas aulas, nos diálogos informais dentro da escola e na biblioteca, composta por mais de seis mil volumes.

A **Escola Alemã** de São Paulo, sob qualquer ângulo que se analise, pode ser considerada de manutenção dispendiosa - professores e funcionários bem remunerados, turmas reduzidas visando aumentar a eficiência do ensino

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que abrangia conhecimentos teóricos à instância do prático. As dotações responsáveis pela manutenção de tudo eram oriundas de diversas fontes, mas era inegavelmente expressiva a contribuição oferecida pelo governo alemão.

Nos novos tempos surgidos com a nacionalização, a **Escola Alemã** fica sob a fiscalização da Superintendência de Segurança Política e Social do Estado de São Paulo.[26] Dizendo de forma mais específica, esse estabelecimento de ensino passa para o âmbito de controle da 3ª Delegacia Auxiliar do Serviço Especial de Fiscalização das Organizações Estrangeiras: no caso, Organizações Educacionais pertencentes aos súditos do "eixo".

O processo de nacionalização da **Escola Alemã** inicia-se formalmente em março de 1942 quando o então Diretor foi intimado para apresentar-se à autoridade policial. Na própria delegacia ocorre a transmissão do cargo para um outro professor da escolar.[27] Do delegado, o novo diretor recebe ordens para substituir o Conselho Diretor, para que essas funções fossem exercidas somente por brasileiros natos; dispensar certo número de professores alemães;[28] reformar os estatutos da escola dando-lhes um sentido nacionalizador. As ordens policiais passaram a ser cumpridas com agilidade.

Em breve altera-se também a denominação do estabelecimento de ensino para **Instituto Visconde de Porto Seguro**.[29] Menos de sessenta dias após iniciado o processo nacionalizador, a mesma autoridade que dera as ordens primeiras – o delegado Laudelino de Abreu -, escrevia o termo de visita depois da inspeção: "o estabelecimento está realizando a completa nacionalização do ensino. Esse alto objetivo vai sendo alcançado lenta, mas seguramente".[30]

Mas o mar não está para calmarias. Navios mercantes brasileiros são torpedeados e há vidas que se perdem; os ânimos nacionalistas se exaltam, querendo brasilidade em tudo, exigindo mais mudanças. O fato não ocorre só nas escolas. Falando ainda a respeito de São Paulo, a muito conhecida Casa Alemã transforma-se na Galeria Paulista, a Farmácia Alemã muda seu nome para Farmácia Líbero Badaró e Hospital Osvaldo Cruz foi a nova denominação do conhecido Hospital Alemão, e assim por diante. Nesse contexto, a germanidade da Escola Alemã, analisada sob o prisma do objetivo ou do subjetivo, causava inquietações: uma inspetora federal de ensino denunciou o que considerava como irregularidades, o próprio relatório do delegado Laudelino começou a receber ressalvas, professores da escola foram presos;[31] a interven-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ção federal parecia então inevitável. As tensões começam a amainar-se, todavia, quando o Professor Antônio Ferreira de Almeida Junior aceitou uma responsabilidade muito complicada - dirigir a antiga **Escola Alemã**.

A escolha era de fato tranqüilizadora; comunidade escolar e governo confiavam em Almeida Junior.[32] Este, tão logo assumiu a direção da escola, procurou tranqüilizar a comunidade escolar e "serenar as autoridades federais de ensino e os policiais paulistas",[33] mediante a remessa de longos e patrióticos relatórios.

Em Almeida Junior reconhecia-se personalidade democrática e envergadura intelectual. Além dos numerosos cargos públicos que ocupou, tinha a seu crédito haver integrado a comissão que elaborou o projeto da Universidade de São Paulo (1934). Ao estudar a ideologia da cultura brasileira, Carlos Guilherme Mota coloca-o ao lado de Anísio Teixeira, de Lourenço Filho, de Fernando de Azevedo e considera a todos "figuras maiores da história da educação no Brasil contemporâneo".[34] intimamente ligado às lideranças educacionais do país que mantinham posturas nacionalistas, o novo Diretor do **Instituto Visconde de Porto Seguro** era, parafraseando o título de um filme que se incorporou ao linguajar popular, "um cidadão acima de qualquer suspeita".

A posse de Almeida Júnior, na Direção do **Instituto Visconde de Porto Seguro**, ocorre na data de 20 de julho de 1942. O evento ainda não completara um mês quando o Diretor teve conhecimento de que a escola iria receber um assistente de delegado, com a missão específica de vigiar permanentemente o estabelecimento. O fato gera uma correspondência altiva de Almeida Junior, na qual ele diz:

Vejo por aí que a Polícia de meu estado, embora saiba que por mais de seis anos dirigi um dos maiores Colégios desta Capital; que por mais de três anos fui Diretor-Geral da Instrução Pública do estado de São Paulo, e que presentemente, depois de trinta e dois anos de magistério, ocupo uma cátedra na Faculdade de Direito de São Paulo, a Polícia de meu estado (repito) não confia deixar em minhas mãos um simples educandário de setecentas crianças, localizado no coração da cidade [de São Paulo].[35]

A seguir, pede exoneração do cargo de Diretor do **Instituto Visconde de Porto Seguro**, afirma que aguardará no posto a designação do substituto mas solicita que esta ocorra, em nome de sua dignidade, antes de haver na

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

escola a constrangedora presença de um assistente de polícia. Este não chegou a ser designado e o Diretor continuou no cargo; Almeida Junior venceu invicto o primeiro *round*.

No entanto, surgem novos fatos - a representação que uma autoridade policial do estado de São Paulo dirigira contra Almeida Junior. O assunto é por ele abordado em correspondência a um grande amigo, em fevereiro de 1943. Na missiva, como num desabafo, afirma que o fato colocara-o "às portas do desfavor por traição ao Brasil";[36] e que o constado "nos pareceres dos técnicos [do processo que o envolve], é simplesmente a proposta da guilhotina".[37] Palavras textuais. E, nesse tom, ele continua as confidências ao amigo distante e analisa os fatos que estava vivendo:

Levado à Direção de uma escola ex-alemã, para nacionalizá-la, ali mantido graças à confiança do Ministro da Educação, estaria eu fugindo ao cumprimento do dever e fazendo o jogo dos alemães... Incrível!

Mais incrível, entretanto, e até inominável, foi o que se seguiu. As (..) repartições técnicas do Ministério [da Educação] poderiam desconhecer-me. Poderiam ignorar que tenho trinta e dois anos de serviços à educação, nos mais diversos setores, alguns dos quais de muita responsabilidade. Poderiam não saber que, antes de haver nas repartições uma germanofobia oficial, imposta de fora para dentro, eu já detestava cordialmente o nazismo e pregava abertamente contra os princípios que ele defende. Mas o que não podiam (tão grande é o peso do parecer deles, tão importante as suas eventuais conseqüências), era aceitar de ânimo leve aquela grave acusação contra um diretor de Escola, sem primeiro examinar-lhe a gênese, sem sopesar-lhe o valor, sem verificar as suas provas e medir o seu avance. Com que facilidade, nessas repartições, se permite o aniquilamento de um nome! Como se comprazem elas, não em resguardar os seus auxiliares visados por acusações sem fundamento, mas, ao contrário, em levar, por conta própria, mais lenha para queimá-los! Não dá para assustar as criaturas? (..)

Cada qual de nós (você sabe bem) tem sempre tendência a ver com vidro de aumento o seu próprio "caso". Para o protocolo burocrático, é o processo número X; para o interessado é um drama ou uma tragédia. "Drama" (ensinei isso em Pirassununga, há trinta anos), quando acaba casando; "tragédia", quando morre.

Aqui, por sua interferência amiga, e pela atenção do Ministro [da

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Educação], não passou de um "drama". Mas andamos beirando Shakespeare... (..)

Nazista? Germanófilo? Mas que absurdo, meu caro! Espero que os jovens "técnicos" nunca venham a saber que, um dos meus grandes êxitos de salão, há quase quarenta anos, era o 'Estudante alsaciano'... E hoje, se não uso um V na lapela [como símbolo da vitória dos Aliados], ou não vou aos banquetes simbólicos oferecidos a Churchill, é para não confundir-me com os 'cristãos-novos' do oportunismo.[38]

São palavras indignadas devido à acusação de manter posturas que indicavam traição ao Brasil. Mas, em decorrência de uma posição favorável do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, e de intelectuais que o conheciam como Drummond de Andrade, Almeida Junior venceu também o segundo *round*. Mas o fato deixou marcas e a correspondência analisada revela uma grande mágoa; saiu ferido o homem, a sensibilidade de Almeida Junior.[39]

Ao que tudo indica, as divergências (e mesmo os confrontos) entre a visão policial dos fatos e os entendimentos de Almeida Junior podem ser atribuídos à sua personalidade e formação acadêmica que logo lhe permitiram identificar os aspectos culturais de uma "escola alemã", separando-os das situações estritamente políticas. As autoridades policiais, por certo, tinham dificuldade em trabalhar intelectualmente com essas categorias de análise. Em seus escritos, Almeida Junior transmite ao leitor a sua visão crítica sobre a ação policial junto às escolas, especialmente as chamadas escolas "estrangeiras": aceitação leviana das acusações que eram formuladas; carência de preparo cultural para o trato com questões do gênero; oportunismo de alguns (ou de muitos) face a uma nova rede de interesses criada pelos tempos de guerra.

Pensando sobre esses fatos, além de todo o testemunho de um passado de homem público, é difícil imaginar-se que tenha sido acusado de germanófilo quem, nos tempos da nacionalização do ensino, escreveu:

As escolas primárias e médias do Brasil devem ser, como as suas praças de guerra, entregues a uma guarnição nacional, chegadas por nacionais de sangue e de sentimentos. O estrangeiro nelas trabalharia simplesmente como elemento auxiliar.[40]

Sua ação na escola foi nacionalizadora. Tão logo assumiu a direção do **Instituto Visconde de Porto Seguro**, Almeida Junior providenciou uma revisão geral no material de ensino - mapas, filmes, painéis -, deles retirando

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

qualquer comunicação em língua alemã: da mesma forma na biblioteca veio a colocar sob custódia muitas obras existentes nesse idioma; a escrituração escolar antiga, toda não escrita em português, tinha sido guardada (ou escondida) sob o forro do edifício principal da escola e o Diretor dela deu conhecimento a um investigador policial O idioma português passou a ser rigorosamente utilizado na escola, o que era um fato novo.

Paralelamente, porém, o administrador Almeida Junior sabia reconhecer que recebera "um educandário organizado, cheio de vida, freqüentado por crianças de uma determinada colônia estrangeira"[41] mas essa compreensão não o impedia de oferecer informações ao governo. Assim, em relatório oficial encaminhado ao Ministro da Educação, Gustavo Capanema, dizia que na escola sob sua responsabilidade nada encontrara de material que pudesse ser considerado propaganda germânica:

Nenhum vestígio encontrei de uniformes, bandeiras, flâmulas, insígnias ou distintivos de partidos políticos estrangeiros (salvo os constantes do pontispício de alguns livros, como já referi). Nem tampouco armas de qualquer espécie, ou aparelhos de radiocomunicação.[42]

Relata ainda, Almeida Junior, que o antigo Diretor (antes da fase da nacionalização), era por todos considerado como profundamente alemão, mas não dirigia simpatias ao nazismo e procurava impedir a exteriorização de atividades políticas no âmbito da escola. Fala ainda de sua sensibilidade face aos alunos, ao dar-se a aprendizagem do vernáculo:

E é até comovente o esforço de alguns pequeninos alunos (como tem acontecido em minha presença) que, interrogados nas lições, indagam às vezes do vizinho, ao ouvido, a tradução de uma ou outra palavra alemã, cujo correspondente e em português ainda ignoram.[43]

Finalizando esse relatório dirigido ao Ministro da Educação (está aqui o ponto principal onde queríamos chegar), Almeida Junior expressa sua compreensão de que à **etapa policial** da nacionalização, deve seguir-se a **fase pedagógica**; e expressa também entendimento de que, no **Instituto Visconde de Porto Seguro** do qual era Diretor, poder-se-ia dispensar a presença de investigadores constantemente postados à porta da instituição escolar - expressão direta de vigilância policial.

Toca-se aí num ponto crucial do processo de nacionalização do ensino, que se aplica às escolas "alemãs", "italianas" ou "japonesas" - a passagem

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da fase policial para a fase pedagógica. Ou, segundo uma linguagem mais sociológica, a transformação de um processo de acomodação em assimilação, pois só neste se poderia falar no efetivo "abrasileiramento" dessas populações. Passagem geralmente tensa (quando ocorreu), na qual os detentores do saber pedagógico - diretores de repartições que se ocupavam com a educação pública, inspetores escolares, diretores de estabelecimentos de ensino, professores públicos - mesmo quando atuavam visando a nacionalização escolar, por vezes se confrontavam com o poder militar, geralmente expresso na atuação da Polícia Militar Estadual. O Exército costuma ficar mais distante, como o articulador das estratégias; no cotidiano da escola a Polícia estava muito mais presente. Não só nas grandes escolas de centros urbanos (o caso do **Instituto Visconde de Porto Seguro** é típico), mas mesmo nas escolas rurais de zonas de imigração estrangeira, que eram muito numerosas na região Sul do Brasil.

O assunto fez-me lembrar as minhas primeiras incursões na região catarinense de Pomerode - sede principal de meu trabalho de campo -, distante uns trinta quilômetros da cidade de Blumenau (Santa Catarina). Numa ocasião, entrevistei um senhor de ascendência alemã. Dono de uma indústria de porte médio (usando um paradigma de comparabilidade local), sua casa estava no alto, rodeada de verde, e na sala o piano demonstrava o gosto pela música; havia o barulho dos netos em derredor. Muita coisa interessante falou sobre o acontecido nos tempos da guerra, que ele viveu naquele vale povoado por imigrantes alemães - os "colonos". Descreveu o *black-out*, que com freqüência era decretado na região: todos muito quietos no escuro, as crianças encolhidas de medo, seguindo as instruções que haviam aprendido na escola. Por vezes, as autoridades policiais avisavam que havia o perigo iminente da região ser atacada pela força aérea alemã. De novo o *black-out* e qualquer claridade seria, por certo, interpretada como sinalização aos aviões inimigos do pais. Sorri, recordo ainda, e diz que só o adulto compreendeu o absurdo dessas afirmativas: os aviões não tinham então capacidade do vôo para tal. O objetivo desse modo de agir das autoridades militares brasileiras era por certo, conclui ele, manter-nos aterrorizados; e testar o domínio, digo eu.

Pergunto então ao meu entrevistado se, no decorrer desse tempo, ele havia sido preso alguma vez. Responde que não, mas começa a relatar a inesperada prisão de sua mãe, pelo fato de ter falado em idioma alemão ou qual-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

quer coisa assim. Recorda que tão logo um vizinho avisou a família que a Polícia a havia levado para Blumenau - para o Exército, todos já sabiam -, a irmã adolescente correu até a casa da escola pública estadual - uma escola de nacionalização - e pediu ajuda. A professora logo tomou o rumo da cidade e dirigiu-se ao 32º Batalhão de Infantaria. Pediu às autoridades militares que libertassem a amedrontada senhora a quem. na qualidade de professora de seus filhos, bem conhecia; que esta, de nada mais grave podia ser acusada. Os militares não cediam e já começava a escurecer. A professora da escola pública disse então ao Comandante Militar: "se ela ficar presa pelo Exército, eu fico junto, permaneço ao lado dela". Pouco depois a senhora em questão foi libertada. Mas o fato não foi esquecido nas brumas do tempo e gerou o patético. O ato de recordar tudo despertou emoção e fez o entrevistado pôr-se a soluçar compulsivamente. Eu não sabia o que fazer! Achei que o silêncio era a melhor resposta.

Chegada do 32º Batalhão de Caçadores em Blumenau - 1939

Subordinado ao Comando da 5ª Região Militar (sede em Curitiba, Paraná), o 32º Batalhão de Infantaria foi uma instituição relevante no jogo das

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

forças políticas, relacionadas com o processo de nacionalização implantado já nos tempos iniciais do Estado Novo. Uma solicitação expressa do Interventor Federal Nereu Ramos, levou a instalação, na cidade de Blumenau, desse Batalhão. A fundamentação do pedido era clara: nacionalizar as regiões povoadas por imigrantes estrangeiros.

O 32º Batalhão de Infantaria[44] iniciou suas atividades em 23 de janeiro de 1939, na cidade de Valença, estado do Rio de Janeiro. Em breve - durante o mês de abril de 39 - começa seu deslocamento para sua sede definitiva, a cidade de Blumenau. Mas ao dar-se essa transferência, a base do corpo da tropa já estava formada, composta por elementos heterogêneos selecionados pela 1ª Região Militar (sede Rio de Janeiro), a partir de critérios especiais para a situação: luta contra os possíveis inimigos localizados no Sul.

O planejamento do contingente militar que integraria o 32º Batalhão de Infantaria (e do 13º Regimento de Infantaria que seria estabelecido em Hammônia, Santa Catarina) foi cuidadoso, tudo lembrando muito a afirmativa convicta do General José Meira de Vasconcellos, Comandante da 5ª Região Militar, ao falar da presença nacionalizadora do Exército: "O problema é mais um problema de inteligência que de força.[45] Um militar assim descreveu a seleção desses corpos de tropa:

[...] serão constituídos - de gente inteiramente estranha ao meio [o Sul] - mas como há necessidade inadiável de preparar todos os elementos de êxito, esta tropa será a mais selecionada possível, quanto ao tipo físico, tipo racial, condição moral, preparo militar, saúde e apresentação.

Serão elementos de valor incomparável, pois o Exército é em qualquer época e lugar o maior agente nacionalizador, a mais completa escola na qual se nivelam todos os tipos e todos os caracteres.

E necessário que a escolha desses homens [para integrar a tropa] se faça de uma forma tal que não se estabeleça um contraste chocante com os originários da região, pela questão dos hábitos sociais, apresentação, capacidade intelectual, etc. Donde a idéia do General [Meira de Vasconcellos] da escolha de homens dos grandes centros. Não é com contingentes escolhidos à vontade só pelo falo de serem de outras regiões, que se resolverá o problema, mas principalmente com homens que no dizer preciso de Bilac, "têm o hábito do pente, escova e sabão".[46]

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Adequada a referência a Bilac, o paladino do serviço militar obrigatório; adequada a referência a "escova e sabão" devido ao gosto pela limpeza que costumava imperar entre os imigrantes, especialmente os de origem germânica.

Como esclarecimento a uma política adotada - o corpo de tropa formado por estranhos ao meio -, acenava-se com o ideal da miscigenação. a tão necessária "mistura de raças", para que emergisse finalmente a unidade nacional; daí a importância que recrutas e oficiais de regiões mais do Norte viessem "servir o Exército" no Sul. Mas no decorrer da pesquisa emerge, como verdade mais verdadeira, o fato de que os elementos do Sul eram considerados pouco confiáveis politicamente, na visão militar da época.

As chuvas não foram obstáculos para os blumenauenses saírem às ruas para receber o 32º Batalhão de Caçadores - 1939

Esperava-se resistência da população à instalação em Blumenau, do Batalhão de Infantaria.[47] Setores militares entendiam mesmo que o Comando da 5ª Região Militar deveria estar preparado para enfrentar "elementos de quem se desconhecia realmente o valor bélico, mas que se julgava grandemente armados".[48] Mas a questão política, segundo obra escrita por um militar, foi

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

resolvida "sem necessidade de intervenção armada".[49]

Nesta época constituía-se numa questão debatida a prestação de serviço militar pelos descendentes de imigrantes estrangeiros. No Exército pairava o entendimento de que a passagem desses jovens pela vida de caserna, mantendo-se no mesmo contexto cultural em que viviam, de pouco efetivamente ajudava a nacionalização, vista como um processo educativo. Entendeu-se ser eficiente o deslocamento e iniciou-se o procedimento de jovens que ingressavam no Exército no Sul serem, de forma praticamente sistemática, enviados para outras regiões do país.[50] Assim, o Comando da 1ª Região Militar (sede na então Capital do país, o Rio de Janeiro) recebeu, no ano de 1939, quinhentos homens vindos da 5ª Região Militar e que haviam ingressado no Exército sem saber falar o idioma português; segundo os relatos, este fato repetia-se anualmente.

Pouco depois de instalado o Batalhão de Infantaria na cidade de Blumenau, começaram aí a chegar os primeiros "sorteados" - convocados para o serviço militar oriundos da região do Vale do rio Itajaí e circunvizinhanças. Na vida militar iriam, pela primeira vez, conviver com o corpo de tropa base oriundo de distantes regiões brasileiras, verdadeiro sustentáculo do Batalhão. Muitos desses recrutas eram descendentes de imigrantes localizados em zonas rurais, não portadores do conhecimento da língua nacional. As entrevistas, ao resgatarem o passado revelam que esses soldados sentiam-se desconfortáveis no ambiente do Exército; o fato, todavia, não se originava de qualquer posição política, mas do desconhecimento do idioma vernáculo que, além da questão-problema em si, colocava-os como alvo predileto das brincadeiras e piadas da caserna.

Como afirmei em outro estudo,[51] muitos dos confrontos e das lutas entre os "nacionais" - o povo e as autoridades brasileiras - e os imigrantes estrangeiros e seus descendentes, foram gerados por desencontros na área cultural. Nesse caminho de linhas transversas a questão idiomática era fundamental, seja da forma falada, seja da forma escrita. Em relação a esse assunto, da análise de documentos e de entrevistas que reconstituem o período, confirmam-se alguns entendimentos.

De um lado, o não uso do idioma português era considerado um ato de traição à pátria brasileira. De outro, o emprego do idioma estrangeiro (independente de qualquer análise política) qualificava o falante - se a língua era o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

italiano, tratava-se de um fascista; se o idioma era o alemão, estava-se diante de um nazista.

O assunto envolve um quadro referencial que pode nos ajudar a entender a existência, alimentada pelas autoridades governamentais e policiais, de uma verdadeira rede de espionagem local destinada a apontar os que, ao falar um idioma estrangeiro ou ler (ou deter) livros nessa língua, rompiam com a lei. À luz dos nossos tempos, os fatos parecem tomar tons de absurdo e nos remontam ao romance "1984", de Orwell,[52] no qual tudo era espionado pelas "teletelas". Sem igual desenvolvimento tecnológico, na época investigada por esta pesquisa o instrumento base era a denúncia.

Esses tempos de guerra eram muito propícios aos delatores - luso-brasileiros e, surpresa, os próprios integrantes da etnia perseguida assumiam esse papel visando agradar as autoridades brasileiras e assim "subir na vida". Algumas ilustrações a seguir, capazes de representar o tipo de acontecimento, sempre e sempre presente nas entrevistas. Vejamos o diálogo a seguir:

- Naquele tempo quem falasse o alemão era preso; também os que cantassem canções alemães em festas eram presos. Isso aconteceu aqui [em Caminho de Meio, município de Ibirama], onde a comunidade toda estava participando de um baile quando a polícia chegou, prendeu todos os participantes. Muitos foram ainda surrados. Depois começaram a fazer perseguições no interior das casas. A polícia [ainda] colocava espiões para ouvir se dentro das residências eram faladas palavras em alemão. O nosso prefeito era alemão, ou seja, descendente, e era ele que contratava as pessoas que faziam o trabalho de espionagem.

– Não era a polícia que fazia esse tipo de espionagem?

– Olha, para dizer a verdade, tudo isso era arquitetado pelo Prefeito, ele era como o principal chefe a mandar nessa ação. O prefeito mandava os espiões e depois a polícia chegava e levava as pessoas indicadas pelos espiões, que eram presas; dependendo da acusação, o castigo era mais severo. Havia também as reincidências (...) [53]

Situações paralelas, envolvendo livros, aprendizagem e uso do idioma vernáculo estiveram muito presentes no âmbito escolar, e emergem cercadas de recordações, num relato de infância vivida por volta de 1924, em Mondaí (extremo oeste de Santa Catarina):

No mesmo ano em que começa a colonização [da região] a empresa já

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

providencia a escola, e o diretor em pessoa veio empossar a Professora, que era a Elizabeth Raminger; ela só tinha quinze anos, mas ela soube fazer a escola ser importante. O nosso ensino foi logo implantado em alemão e em português. Nós tínhamos desde o início uma biblioteca pública. Lá a gente ia ler, inclusive eu, pois era muito interessado em saber mais. Na escola tinha uma área que era a biblioteca, lá a gente podia pegar livros. Essa biblioteca passou a ser perigosa para o Estado, era uma ameaça para a segurança do Brasil; por isso eles puseram fogo em todos os livros; lá nós tínhamos mais de dois mil livros e foi tudo queimado. O alemão foi proibido e os policiais, aqueles que foram contratados como policiais, passaram a vigiar as casas para ouvir se alguém falasse alemão.[54]

Como diz Nelson Werneck Sodré, na obra **História militar do Brasil**,[55] "o Estado Novo criou o hábito de todos se espionarem e se denunciarem". No âmbito do Governo Federal havia o chamado "Quadro Móvel", que recebia as benesses de verbas secretas e que envolvia todas as classes e categorias sociais. Eram os chamados "invisíveis" que tudo anotavam em repartições, hotéis, cinemas, escolas, hospitais, restaurantes, etc.; essas informações acabavam em mãos policiais. Nas entrevistas apresentadas, cujos fatos ocorreram entre agricultores, em regiões isoladas e de vida muito simples, criou-se o que talvez se possa chamar de versão local do "Quadro Móvel": uma rede de informantes articulada, orientada (e paga) geralmente pelo Delegado e/ou pelo Prefeito da localidade (lembrar que os Prefeitos eram então cargos de nomeação do Poder Executivo). Essa rede de informantes, com extremo cuidado, cercava as escolas e os professores e as denúncias formuladas abriam o caminho para a prisão do docente.

Na obra **Nacionalização do Vale do Itajaí**, escrita pelo Capitão Rui Alencar Nogueira, há o relato de uma situação assim. Não fica bem claro ao leitor o delito cometido pelo Professor, mas o texto (que vamos transcrever a seguir para não perder a originalidade da comunicação) inicia-se denunciando a questão idiomática e se encerra falando em nazismo:

Chegou-nos, certa vez, a denúncia de que numa escola distrital [de Blumenau], um professor, brasileiro nato, ministrava aulas e mantinha conversação com seus discípulos, sistematicamente em língua alemã. Parecia realmente incrível que uma denúncia dessas fosse verdadeira. No entanto, uma investigação procedida vinha confirmá-la inteiramente. Lá estava o mestre

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aproveitando a sua autoridade de orientador da juventude, para desviá-la do verdadeiro caminho e torná-la inimiga da própria pátria. [...] Que se podia fazer com esse homem? Que castigo merecia ele? Trouxemo-lo ao nosso meio [o 32º Batalhão de Infantaria]. Era altivo, arrogante, embora jovem. Falava com sobranceria e ungia não entender corretamente o português, pois respondia às nossas perguntas em alemão. Permaneceu vários dias no quartel, dormindo entre soldados, conversando com eles, trocando idéias, assistindo às instruções ministradas e olhando, diariamente, o mapa do Brasil.

Perguntávamos-lhe sempre, qual as razões de sua atitude hostil aos nossos interesses. Nenhuma resposta obtínhamos.

Tempos depois, por ordens das autoridades superiores, seguiu ele para a Capital Federal. Devia ajustar contas perante a justiça. Foi-se o professor nazista e nós continuamos o nosso trabalho.[56]

A partir daí não consegui mais informações sobre os caminhos percorridos por esse professor. Se voltou a Blumenau, não sei dizer.

No decorrer da presente pesquisa revelou-se muito expressiva uma entrevista efetuada com um morador da região oeste de Santa Catarina, cujo relato vai apresentado a seguir. O entrevistado foi recruta no Sul, sendo depois transferido para o Rio de Janeiro onde trabalhou junto ao serviço de censura do Exército. Ao que tudo indica, trata-se de um descendente de imigrante (no caso, alemão) considerado "de confiança". Diz-se isso porque chegou a ser relacionado para lutar na Itália, integrando as tropas brasileiras, nos tempos da Segunda Guerra Mundial. Essas circunstâncias valorizam o seu depoimento.

De início, o entrevistado relata que, vindo do meio rural, chegou à cidade de Passo Fundo (Rio Grande do Sul) bem no começo da Guerra de 39; tinha sido convocado para "servir o Exército". Relembra o contexto social então existente em terras gaúchas quando, segundo descreve, eram promovidos grandes comícios com objetivo de instigarem a população de origem brasileira contra os imigrantes e seus descendentes: "(...) diziam-se muitas barbaridades; que os alemães eram bárbaros, sujos, que comiam cavalos, etc., no sentido de fazer a população voltar-se contra os mesmos".[57]

Ao falar sobre sua vida no Exército, relata casos de prisões, repassa detalhes referentes aos tempos em que atuou junto à censura; enfim, relembra o clima então reinante na corporação militar:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

No quartel também ocorreram atos de repressão e, principalmente, discriminação com os soldados de origem alemã e italiana. À medida em que a repressão aumentava entre os civis, ela também se acirrava no quartel. Qualquer palavra em língua alemã era severamente punida como subversão.

No que se refere à perseguição nos quartéis, esta não acontecia por parte dos altos escalões, mas sempre por chefes subalternos que faziam isso com prazer e, principalmente, para buscar promoção pessoal.[58]

Dito de outra forma, o texto acima refere-se à função dos tenentes e dos sargentos,[59] especialmente os últimos. O entrevistado declara ainda que dos próprios soldados de origem brasileira também partia muita agressão e provocação, sempre dirigida aos colegas de farda de ascendência estrangeira. Como disse outro entrevistado:

A discriminação já começava por causa do nome e da cor, e aí os subalternos se aproveitavam disso para ofender, agredir e humilhar principalmente. Eu particularmente não sofri perseguição no Exército, mas outros sim. E olha que nunca vi nenhum superior do Exército discriminar alguém, muito pelo contrário, eles defendiam a gente. Acho mesmo que o Getúlio Vargas nem imaginava o que se passava pelos interiores do Brasil e tenho certeza que ele não autorizou ninguém a perseguir com maus tratos e humilhações os alemães e os italianos.[60]

Agora não estamos mais ouvindo o entrevistado. Sou eu que falo, sobre um tema que recebe a minha reflexão há bastante tempo. Devia ser efetivamente uma situação difícil de ser "trabalhada" pelo grosso da tropa, a nível intelectual e emocional; talvez poucos o conseguissem adequadamente. Afinal esses recrutas - os descendentes de alemães, de italianos e de japoneses - tinham uma imagem física e ideológica que lembrava inimigos de guerra. Além desses aspectos, na situação de quartel, o idioma vernáculo funcionava como a mais expressiva encarnação da brasilidade; símbolo problema para os recrutas que não dominavam o idioma português. Daí desejarem aprendê-lo antes de vestir a farda. Cria-se assim uma articulação entre a Escola e o Exército.

Esse assunto aflorou em entrevista realizada na cidade de Campinas (estado de São Paulo), com um antigo professor de escola pública estadual; um dos primeiros que, com objetivos nacionalizadores, assumiu o ensino em Ribeirão Wunderwald, então zona bem rural do vale do rio do Testo.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Encontramo-lo na posição de Procurador do Estado de São Paulo, evidentemente já aposentado.

Recordava-se bem de tudo e as análises vinham acompanhadas de observações perspicazes. Como era a vida na região, o trabalho, o lazer? Não havia a prática de esportes. O exercício físico era o cabo da enxada, "dando duro" a semana inteira, mal o dia clareava. Trabalhava a família toda e mesmo as crianças em idade escolar. Mas, de modo algum, a escola era abandonada: e os produtos agrícolas, plantados pelos pais, ajudavam a manter o mestre-escola e sua família. Aos domingos tudo mudava. Os colonos vestiam as roupas de passeio e os mais jovens saíam de bicicleta pelas estradas de terra; as famílias, geralmente numerosas, faziam os seus passeios em carroças - forma de transportar todos. O entrevistado lecionou na região por volta dos anos 40 e ele lembra que era procurado por jovens e homens feitos que lhe pediam aulas particulares do idioma português que ele, assim relata:

Foram moços de quinze a trinta anos ou mais, que queriam se nacionalizar. Então eles me procuravam para eu dar alguma base [de conhecimento do idioma português] para eles poderem se locomover melhor; e porque eles eram recrutados para o serviço militar, e [como] não sabiam se expressar, então eles recebiam as maiores ofensas, de estilo hilariante, como de deboche. Eram considerados não patriotas ou não brasileiros, caipiras ..., vamos dizer, caipiras alemães, né? Então eles sentiam isso aí; mas, no entanto, eram rigorosamente disciplinados e orgulhosos de serem soldados, soldados brasileiros.[61]

E o nosso entrevistado continua. O pessoal da região adorava música, especialmente bandas; e os bailes de fim de semana eram uma tradição. Não só nessa região mas onde houvesse colonização germânica. E nesse evento penetrou a nacionalização, como se observa em entrevista sobre fatos ocorridos na região oeste de Santa Catarina (quase fronteira com a Argentina):

Naquela época não tinha salão [de baile], a gente fazia os bailes nas casas. E lá eles [a polícia] vinham e se plantavam; e ficavam observando tudo e tinham que ser tratados como autoridades: mas isso nem era [mais] divertimento - eles ficavam lá com seu revólver enorme. Naquele tempo a gente vivia abandonado noite e dia, sempre com medo.[62]

E fica-se pensando: como se deu a nacionalização na vida cotidiana de distantes escolas rurais? Acredito que os trechos de entrevistas, apresentados a seguir, fazem os fatos falar. Recordando a infância em zona colonial,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

quando estudava e trabalhava numa loja (a "venda"), foi relatado de suas tarefas de trabalho e de sua vida de estudos:

E todo o dia eu ia juntar o leite na colônia, todo dia, e não podia falar alemão. O meu patrão tinha loja e fábrica também; ele fazia queijo. Aí eu vinha bem cedo para guardar o queijo, bem fresquinho, nas prateleiras, e ele ficava em cima, [insistindo] dizendo: tu não fala!... E lá na escola [eu] pegava as coisas que o freguês mandava trazer. Mas quando cheguei na escola o professor foi preso porque tinha dito "hald", quer dizer "pare". Aí a escola ficou fechada por três dias e nós ficamos sem aula. Depois ele [o professor] voltou, mas com muito medo e ele disse: "olha, a agulha está em cima da mesa, se vocês falarem alguma coisa eu costuro a boca! E nós aí, a fazer o serviço [escolar] sem abrir a boca... Não era o barulho que tem hoje na aula, já tinha ordem [antes], mas aí não podia falar! E ele tinha muito medo.[63]

E continua o entrevistado:

Na escola depois nós conseguimos um livro, era bem grande, e tinha todas as palavras que a gente mais usava, e ali estava escrito em alemão e do lado em português. Assim fomos aprendendo a falar e a entender o português.[64]

Analisando o assunto que vem sendo tratado, agora sob diferente perspectiva, registra-se que há fortes indicadores de que a política de nacionalização endossada pelo Governo brasileiro, implantada no decorrer dos tempos da Segunda Guerra Mundial, desenvolveu-se articuladamente com o Governo norte-americano, então parceiro internacional, aliado na guerra; mas este é apenas um registro para possível aprofundamento em outra ocasião.

O alunado da escola de nacionalização, por certo, individualmente pagou elevados custos psico-emocionais por ter vivido uma conflitante ambivalência cultural - ser brasileiro e ser descendente de imigrante estrangeiro. Mas, em termos sociais desempenhou um importante papel integrador, seja nas relações com o seu mundo familiar, seja como gerações de alunos que conseguiram alargar, ampliar e estabelecer a um nível mais compreensível, as relações entre o mundo isolado do imigrante (fala-se do imigrante de zona rural) e a sociedade mais ampla, a nacional.

A escola de nacionalização foi objeto das reflexões de João Roberto Moreira, ao analisar o ensino catarinense daqueles tempos. O trecho a seguir, que é colocado à guisa de conclusão, é muito ilustrativo de tudo que vem sendo enfocado. É importante e científico no sentido de que, mediante o que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Florestan Fernandes chama de "empírico reconstruído", resgata adequadamente situações que envolvem um emaranhado de relações sociais; parece até poético e fica no ar a indagação sobre que ligações haverá entre ciência e poesia? Mas o que cabe agora para encaminhar disciplinadamente o presente estudo é ouvir João Roberto Moreira falando sobre o papel desempenhado pela escola de nacionalização então implantada:

A primeira vista, quem do Norte fosse ao Sul, diria não ser aquilo Brasil, mas apenas província russa ou germânica. Entretanto, o brasileiro do Norte, que chorava a desbrasilidade do Sul, teria notado, quando seu "fordinho" parava na estrada de macadame e esburacada e ele apeava para pedir água ou comprar frutas na chacrinha da beira, que o alemãozinho ou o russinho, nascidos ali, já traduziam o pedido do viajante para o pai, e deste para aquele, numa língua meio arrastada ainda, mas já dum tom semelhante ao do caboclinho, seu colega de escola. Naquele pequeno filho de estrangeiro, de olhos azulados e cabelos loiros como a flor do milhal plantado pelas mãos calosas de seus pais, fora conseguido já uma conquista a mais da inteligência e da escola.[65]

NOTAS DE FIM

[1] A Escola Normal da Capital, devido à sua localização, era também conhecida como Escola Normal da Praça da República. Posteriormente, passou a ser denominada Escola Normal Caetano de Campos.

[2] Rangel Pestana já foi chamado de "o educador esquecido". Cf. HILSDORF, Maria Lucia Spedo. Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador. São Paulo. USP, 1986. p. 2-6. Mimeo. (Tese de doutoramento).

[3] O pensamento pedagógico de Caetano de Campos é tratado na obra REIS FILHO, Casemiro. Reforma republicana do ensino público paulista: fase de implantação 1890-1896. São Paulo: PUC de São Paulo, 1974. p. 69-95. Mimeo. (Tese de doutoramento).

[4] Em assuntos de ensino, a aspiração nacional não se dirigia mais aos "países adiantados do mundo", como ocorria no séc. XIX. Afinal, havia agora a Escola Normal da Capital do estado de São Paulo, que se tornara o mais importante centro dedicado à Pedagogia, efetuando estudos e realizando experimentos.

[5] O ensino catarinense foi reorganizado por Orestes Guimarães. Nessa obra educativa já se encontra clara uma política de assimilação cultural dos imigrantes estrangeiros (e de seus descendentes), mediante a ação da escola pública. Para maiores informações ver FIORI, Neide Almeida. Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano. 2ª ed. rev. Florianópolis, Editora da UFSC & Secretaria da Educação, 1991. 175p.

[6] SANTA CATARINA. Art. 2º da lei nº 689, de 11 de outubro de 1906, que providencia sobre a instrução pública municipal.

[7] O termo "currículo" está sendo entendido como "o conjunto das atividades nucleares desenvolvidas pela escola" Cf. SAVIANI, Demerval. O ensino básico e o processo de democratização da sociedade brasileira. In: Revista Ande. São Paulo, 4(7):11. 1984.

[8] Programa dos grupos escolares e escolas isoladas do estado de Santa Catarina, aprovado e mandado observar pelo decreto nº 587 de 22 de abril de 1911. Florianópolis, Gab. Typ. d'O Dia, 1911. p.14.

[9] PARK, Robert E. *Apud* WILLEMS, Emílio. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo, Nacional, 1946. p.24.

[10] ANTUNIA, Heládio César Gonçalves. A instrução pública no estado de São Paulo: a reforma de 1920. São Paulo, Faculdade de Educação da USP, s.d. p.135.

[11] O estudo pode ser aprofundado na seguinte obra: NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na Primeira República. Reimpressão. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Material Escolar, 1976. pp.95-124. (2ª parte).

[12] TANURI, Leonor Mada. O ensino normal no estado de São Paulo: 1890-1930. São Paulo, Faculdade de Educação da USP, 1979. p.55.

[13] AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira. 4ª ed. revista e ampliada. São Paulo, Melhoramentos, 1964. p.651.

[14] Redator do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, presidente da Associação Brasileira de Educação, diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, Secretário de Educação do município de São Paulo, Secretário da Educação do estado de São Paulo, fundador da Universidade de São Paulo, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras dessa Universidade, presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia, membro da Academia Brasileira de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

[15] ALMEIDA JUNIOR, A. A escola pitoresca e outros estudos. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1966. pp. 263-4.

[16] SEINTENFUS, Ricardo Antonio Silva. O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos Blocos: 1930-1942; o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. São Paulo, Editora Nacional; Brasília, INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. p.306.

[17] FIORI, Neide Almeida. Op. cit. p.120.

[18] No ano de 1918, em iniciativa que geralmente é considerada tímida, o Governo federal já mandara fechar escolas "alemãs" no Sul e subvencionara o ensino primário nesses estados.

[19] As relações diplomáticas do Brasil com os países do "eixo" passaram por diversas etapas: em 28 de janeiro de 1942, o Brasil rompe relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, a Itália e o Japão. Em 31 de agosto de 1942, o Brasil declara-se "em estado de guerra" contra a Alemanha e a Itália.

[20] BORGES FILHO, Nilson. Estado e militarização: as polícias militares como aparelhos repressivos de Estado. Florianópolis, UFSC, 1989. 256pp. Mimeo. (Tese de doutoramento)

21 DONATO, Hernâni. Colégio Visconde de Porto Seguro: ponte entre duas culturas, 1878-1993. São Paulo, Empresa das Artes, 1993. p. 11.

[22] Na obra escrita por um integrante do exército encontra-se a descrição de uma visita inesperada efetuada em fins de 1937, na Escola Alemã de Curitiba, visando a constatação de denúncias: "E se lá entraram [os militares] vagamente convencidos de que iriam presenciar aqueles fatos [denunciados], verdadeiramente impressionados voltaram, com a constatação absoluta da denúncia. Na Escola Alemã tudo era alemão, desde o nome escrito nas paredes, os quadros que representavam personagens, paisagens e cenas históricas alemãs, os professores alemães ou de origem, as aulas que eram todas ministradas em alemão, os programas de ensino igual ao aprovado na Alemanha, o regime escolar, a disciplina, o método de educação física". Cf. BETHLEM, Hugo. Vale do Itajaí: jornadas de civismo. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1939. p.15.

[23] Idem p. 11.

[24] A escola instalou-se então à rua da Olinda nº 46 e 48 e passou a ser conhecida como "a escola da rua da Olinda". O valor arquitetônico da edificação demonstrou-se ao ser devidamente tombada, passando a integrar o patrimônio cultural da cidade de São Paulo, quando o estabelecimento escolar transferiu-se para outro local. Isto ocorreu no ano de 1974, sendo que a antiga Escola Alemã então já se denominava Colégio Visconde de Porto Seguro.

[25] Posteriormente, é criado o Colégio Brasileiro-Alemão.

[26] Essa Superintendência foi criada pelo decreto nº 11.128 de 4 de junho de 1940, que criou novos setores: 1) a Delegacia Especializada de Ordem Política e Social; 2) o Serviço Secreto.

[27] O diretor era o Prof. Gustavo Adolfo Hoch. Assumiu o cargo o Dr. Genésio de Almeida Moura, antes diretor do Ginásio Brasileiro-Alemão.

[28] A direção da escola adotou, para a dispensa dos professores de nacionalidade alemã, critérios que indicavam os que tinham menores responsabilidades familiares e mais ágil domínio do idioma português.

[29] A denominação foi uma homenagem a Francisco Adolfo de Varnhagen, historiador brasileiro de origem germânica.

[30] ABREU, Laudelino de. *Apud* ALMEIDA JUNIOR, A. A escola pitoresca e outros estudos. Rio de Janeiro, MEC, 1966. p.256.

[31] Foram presos então o Diretor Técnico, Professor Gustavo Adolfo Hoch, e mais onze docentes; estes foram breve libertados e a sindicância perdeu o sentido pois o Diretor Técnico faleceu na prisão.

[32] De início, Almeida Junior foi convidado pelo conselho diretor para assumir a direção geral do Instituto Visconde de Porto Seguro sendo-lhe garantida inteira liberdade de ação. A posse dá-se em julho de 1942. O governo brasileiro solidifica a situação de Almeida Junior ao, em julho de 1943, nomeá-lo para administrador dessa escola.

[33] DONATO, Hernâni. Op. cit. p.62.

[34] MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974; pontos de partida para uma revisão histórica. 6ª ed. São Paulo, Ática, 1990. p.75.

[35] ALMEIDA JUNIOR, A. Op. cit. p.265.

[36] Ibidem, p.272.

[37] Ibidem, p.273.

[38] Ibidem, p.272-3.

[39] O professor Almeida Junior permaneceu na direção do Instituto Visconde de Porto Seguro até 15 de junho de 1944, afastando-se cercado pelo respeito dessa comunidade escolar. Na breve alocução que então proferiu, defendeu o mesmo programa que, vários anos antes, endossara como Diretor de Ensino paulista, ao dirigir-se ao professorado particular japonês: "O ideal, que havemos de atingir, é que sobre toda a superfície do Brasil só encontremos, nas escolas primárias, mestres de nacionalidade brasileira. Por enquanto somos obrigados a transigir. O país não pode ainda colocar escolas suas em todos os pontos em que as crianças reclamam educação. Mas, onde quer que se instalem as escolas particulares, devem estas subordinar-se à orientação nacional e cooperar na formação do sentimento pátrio brasileiro". Cf. ANUÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Ano 1936. p.419.

[40] ALMEIDA JUNIOR, A. Op. cit. p.263.

[41] Ibidem, p.268.

[42] Ibiden, p.259.

[43] Ibidem, p.262.

[44] A denominação mudou no tempo. Inicialmente era 32º Batalhão de Caçadores (BC).

[45] VASCONCELLOS, José Meira de. *Apud* BETHLEM, Hugo. Op. cit. p.37.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

[46] BETHLEM, Hugo. Op. cit p.38-9.

[47] O Capitão Rui Alencar Nogueira, que acompanhou toda a instalação do 32º Batalhão de Infantaria na cidade de Blumenau, assim descreve as relações do Exército com a comunidade local "Quando ainda se achava em construção o quartel do 32º B.C. [Batalhão de Caçadores], no bairro do Garcia, aproveitávamos todas as oportunidades para uma palestra com aquela gente da circunvizinhança, na maioria de descendência teuta, às vezes de pé, junto à cerca de arame farpado que separava os terrenos do Ministério do Exército. (...) Os garotos descalços, muito alvos e de faces rosadas, cabelos louros e olhos azuis e vivazes, enfiados em grossos capotes, passavam céleres para a escola, mas sempre até estacionavam, para, na sua curiosidade infantil observarem o que se fazia. Muitas vezes também as moças do perímetro rural, sentadas nas suas carroças, nas quais vinham vender hortaliças ou frutas, do mesmo modo ali paravam e ficavam olhando a intensidade do serviço. Surgia, quase sempre, uma palestra entre os circunstantes, palestra que não entendíamos pôr ser em alemão... Intrigava-nos aquela observação continuada. Que pensaria aquela gente? Que andaria pela cabeça daquele povo a respeito da construção do nosso Quartel? Cf. NOGUEIRA, Rui Alencar. Nacionalização do Vale do Itajaí. Rio de Janeiro, Ministério da Guerra, 1947. p.88-9.

[48] BETHLEM, Hugo. Op. cit. p.4.

[49] Ibidem, p.5.

[50] Com a forte nacionalização implantada em todo o Sul do país no decorrer da década de quarenta, o aspecto idiomático deixa de ser uma questão problema nos moldes em que era, mas continuou ocorrendo a prática militar de soldados do Sul irem prestar serviço militar na capital da República. A partir dos anos cinqüenta e década de sessenta os recrutas do Sul, com seu tipo básico de descendentes de europeu - geralmente altos, robustos e claros -, costumavam ser designados para o Batalhão da Guarda Presidencial ou para outras unidades consideradas de elite, num tipo de representação ideológica do país capaz de revelar as contradições do Estado-Nação. E, é fácil imaginar porque, passaram popularmente a ser conhecidos como "o Batalhão dos Catarinas".

[51] FIORI, Neide Almeida. Rumos do nacionalismo brasileiro nos tempos da Segunda Guerra Mundial: o "nacional" e as minorias étnicas inimigas. In: Natureza, história e cultura. Porto Alegre. Editora da Universidade. p.131-144.

[52] ORWELL, G. 1984. 16ª ed. São Paulo, Nacional, 1983.

[53] Entrevista realizada na localidade de Caminho de Meio, município de Ibirama (SC), em 27 de dezembro de 1991.

[54] Entrevista realizada na cidade de Mondaí (SC), em 12 de fevereiro de 1992.

[55] SODRÉ, Nelson Wemeck. História militar do Brasil. Rio de Janeiro Editora Civilização Brasileira, 1965. p.279.

[56] NOGUEIRA, Rui Alencar. Op. cit. p.71-2.

[57] Entrevista realizada na cidade de São Carlos (SC), em junho de 1992.

[58] Idem

[59] O entrevistado contou ter tido conhecimento de que devido ao modo como se relacionaram com os soldados brasileiros descendentes de estrangeiros, dois tenentes foram julgados e um sargento foi condenado e preso por trinta dias.

[60] Entrevista realizada na cidade de Ibirama (SC), em abril de 1993.

[61] Entrevista realizada em Campinas, estado de São Paulo, em setembro de 1991.

[62] Entrevista realizada na região oeste de Santa Catarina, em julho de 1992.

[63] Entrevista realizada em Mondaí, estado de Santa Catarina, em abril de 1993.

[64] Idem.

[65] MOREIRA, João Roberto. A educação em Sta. Catarina. Rio de Janeiro, MEC/INEP, 1954. p.116. 103pp.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ABREU, Laudelino de. *Apud* ALMEIDA JUNIOR, A. **A escola pitoresca e outros estudos**. Rio de Janeiro. MEC, 1966.

ALMEIDA JUNIOR, A. **A escola pitoresca e outros estados**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1966.

ANTUNIA, Heládio César Gonçalves. **A instrução pública no estado de são paulo:** a reforma de 1920. São Paulo, Faculdade de Educação da USP, s.d.

ANUÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Ano 1936.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira.** 4ª ed. rev. e ampliada. São Paulo, Melhoramentos, 1964.

BETLHEM, Hugo. **Vale do Itajaí:** jornadas de civismo. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1939.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BORGES FILHO, Nilson. **Estado e militarização:** os policias militares como aparelhos repressivos de estado. Florianópolis, UFSC, 1989. 256p. Mimeo. (tese de doutoramento)

DONATO, Hernâni. **Colégio Visconde de Porto Seguro:** ponte entre duas culturas, 1878-1993. São Paulo, Empresa das Artes, 1993.

FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público:** ensino público e política de assimilação cultural no estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano. 2.ed. Rev. Florianópolis, Editora da UFSC e Secretaria de Educação, 1991. 175p.

_____. Rumos da nacionalização brasileira nos tempos da Segunda Guerra Mundial: "o nacional" e as minorias étnicas inimigas. In: **Natureza, história e cultura**. Porto Alegre. Editora da Universidade, 1993. p131-144.

HILDORF, Maria Lucia Spedo. **Francisco Rangel Pestana:** jornalista, político, educador. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1986. Mimeo. (tese de doutoramento)

MOREIRA, João Roberto. **A educação em Santa Catarina.** Rio de Janeiro, MEC/INEP, 1984. 103p.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira:** 1933-1974; pontos de partida para uma revisão histórica. 6ª ed. São Paulo, Ática, 1990.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República.** Reimpressão. São Paulo. EPU; Rio de Janeiro. Fundação Nacional do Material Escolar, 1976. (2ª parte)

NOGUEIRA, Rui Alencar. **Nacionalização do Vale do Itajaí.** Rio de Janeiro, Ministério da Guerra, 1941.

ORWELL, George. **1984.** 16ª ed. São Paulo, Nacional, 1983.

PARK, Robert E. *Apud* MILLENS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil:** estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo, Nacional, 1946.

REIS FILHO, Casemiro. **Reforma republicana do ensino público paulista**: fase de implantação 1890-1896. São Paulo, PUC de São Paulo, 1974. Mimeo. (tese de doutoramento)

SAVIANI, Dermerval. O ensino básico e o processo de democratização da sociedade brasileira. In: **Revista ANDE.** São Paulo, 4(7):1944.

SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos:** 1930-1942; o progresso do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. São Paulo, Nacional; Pró-Memória, 1985.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SODREK, Nelson Werneck. **História militar do Brasil.** Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1965.

TANURI, Leonor Maria. **O ensino normal no estado de São Paulo:** 1890-1930. São Paulo, Faculdade de Educação da USP, 1979.

ENTREVISTAS CITADAS

Em Mondaí (SC), em abril de 1993.

_____ Na localidade do Caminho do Meio, município de Ibirama (SC), em 27 de dezembro de 1993.

_____ Em Mondaí (SC), em l2 de fevereiro de 1992.

_____ Em Ibirama (SC), em abril de 1993.

_____ Em São Carlos (SC), em junho de 1992.

_____ Em Campinas (SP), em setembro de 1991.

_____ Na Região Oeste de Santa Catarina, em julho de 1992.

LEGISLAÇÃO CITADA

Santa Catarina. Art. 2º da lei 689, de 11 de outubro de 1966.

DECRETO Nº 11.128 de 4 de junho de 1940.

Programa dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado de S.C. Florianópolis, Gab. Typ. d'O Dia, 1911.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

História de Vida Edith Sophia Eimer

ENTREVISTADORA:

MARIA IRENE BERTOLDI

Entre as diversas fontes utilizadas pelos historiadores a entrevista é um dos recursos auxiliadores no processo de construção de um trabalho de pesquisa. Estas memórias gravadas, uma vez transcritas, tornam-se um documento, pois revelam: pensamentos, lembranças vivenciadas, assistidas ou ouvidas pelo autor desta voz.

Neste espaço aberto para registrar fatos narrados por personagens contemporâneos trazemos para o leitor a História de vida de Edith Sofhia Eimer.

Esta senhora, no momento desta entrevista contava com 64 anos e foi realizada em 8 de maio de 1989. Nascida em 3 de agosto de 1925 em Blumenau, filha de Martha Krüger Eimer e do alemão comerciante e confeiteiro Alfred Eimer. Freqüentou o Jardim de Infância no Colégio Sagrada Família, fez seus estudos neste mesmo educandário. Tinha facilidade no estudo de línguas. Falava fluentemente o alemão, francês e o português.

Sua primeira experiência profissional foi junto ao consultório do oftalmologista Dr. Arminio Tavares, como enfermeira. A juventude foi marcada pela II Guerra Mundial, a qual trouxe conseqüências para a sua família que estava de malas prontas para residir na Alemanha e havia vendido todos os seus bens. Nos anos 50 transferiu residência para o Rio de Janeiro e de lá retornou no final dos anos 70. Trabalhou no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva como tradutora (1983-92). Neste local traduziu vários artigos dos Jornais Blumenauer Zeitung e Der Urwaldsbote. Muitos foram publicados nesta revista. Ao aposentar-se, sem deixar herdeiros ou parentes próximos, passou a residir na Casa São Simeão, vindo a falecer em 12 de abril deste ano.

Ao publicar esta entrevista o Arquivo Histórico José Ferreira da Silva presta a sua homenagem a esta blumenauense que faz parte da história da cidade. A mesma foi realizada pela acadêmica do curso de Ciências Sociais Maria Irene Bertoldi sob o tema: História de vida de uma pessoa que reside no Asilo "Casa São Simeão."

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Família Eimer: Edith Sophia Eimer com os pais
Alfred e Martha geb. Krüger - 1930

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A – A Senhora sempre viveu em Blumenau?

E – Nasci e me criei em Blumenau. Morei aqui metade da minha vida. Fazem 10 anos que regressei. Nasci no longínquo ano de 1925, na rua XV de Novembro, quando esta ainda não era calçada. Vi Blumenau crescer.

A – A Senhora chegou a conhecer a família de Dr. Blumenau?

E – Conheci a filha e a neta dele. Estiveram aqui numa festividade de 75 anos de Blumenau.

A – A Senhora saiu de Blumenau por quê, por motivos familiares, trabalho, estudo?

E – Por motivos familiares, não. A família permaneceu aqui. Como eu era filha única, eles me seguiram. Eu saí talvez porque procurasse uma chance melhor numa cidade grande. O que realmente encontrei. Encontrei uma senhora amiga, com a qual eu viajei como Dama de Companhia, por vários países. Mais tarde, ela me proporcionou o estudo e me aperfeiçoei na língua inglesa.

A – Isso aqui no Brasil?

B – Não, os meus estudos eu fiz na América do Norte, na Inglaterra, na França, porque eu gostava de idiomas. Aperfeiçoei-me em idiomas: o Alemão não, porque já em casa meu pai sempre observava muito os meus estudos em alemão. Ele me proporcionava ainda o estudo do idioma nacional, com professores particulares. Mas em casa, só me permitia falar o alemão. Com ele, só o alemão.

A – Isso para não morrer essa língua?

E – Para não morrer essa língua, essa tradição, né? E o que hoje muito me vale. Hoje eu sei ler e escrever perfeitamente este idioma ...

A – Nunca teve dificuldades com o Português, por causa do Alemão?

E – Tive. Tive muitas dificuldades no princípio, no início da escola. Nos primeiros anos. Depois esse estudo foi reforçado com aulas particulares, com professores particulares. Tanto em português como em matemática, foi bem reforçado. E, o interessante é que a professora que mais soube despertar em mim o interesse pelo idioma nacional foi uma senhora, uma professora de descendência alemã.

A – Alemã?

E – É, ela soube despertar em mim o interesse pelo romance, entende? Com ela, eu conheci, por exemplo, o Ubirajara, Iracema, O Guarani, O Caçador de Esmeraldas, que ela lia e nós tínhamos que escrever sobre isso, procurar sinônimos, e, enfim, procurava motivar as aulas ... Com isso eu aprendi muito!

A – E essas aulas eram aqui em Blumenau mesmo?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

E – Eram em Blumenau mesmo.

A – A partir de que ano de estudo a Senhora foi estudar fora?

E – Fora de Blumenau? Ah, isso foi somente em 1955.

A – A Senhora tinha concluído algum curso, 2º grau, por exemplo?

E – Não, naquela época em Blumenau não existia nem o Ginásio ... Existia o Primário, depois houve uma mudança que nem sei explicar, sinceramente eu não sei, mas tinha o Normal e tinha o Fundamental, no colégio das irmãs. Depois eu quis eliminar o fundamental. Havia sempre uma eterna repetição, de séries entende? Por exemplo, terminava-se a quarta série, depois tinha o Normal, com isso a gente se tornava professora primária. Aí incluíram o Fundamental. Eram 3 anos de Fundamental. Quando eu terminei o 3º ano, eles acabaram com o Fundamental. Então se eu quisesse fazer o Ginásio, só em Florianópolis. E isso meus pais não permitiram. Então me tiraram da escola e tive somente aulas particulares.

A – Que idade a Senhora tinha quando foi escolhida para ser Dama de Companhia?

E – Ah, isso foi em 1958 ...

A – Isso foi muito proveitoso para a Senhora?

E – Ah, foi muito proveitoso! Era uma senhora americana, que eu conheci numa passagem por Minas Gerais, em Caxambu. Estive lá em Caxambu e lá eu a conheci. Fizemos uma grande amizade e ela quis voltar para os Estados Unidos, não queria mais ficar aqui, ela não se sentia bem aqui; então ela me convidou para acompanhá-la. Aí eu fui. Nos Estados Unidos ela era viúva de um cidadão que fazia parte de uma orquestra de Câmara de São Francisco. E na casa dela reuniam-se sempre grandes músicos de renome. Foi lá que eu conheci, mesmo muito idoso, o velho Arthur Rubinstein. E quando por exemplo, davam um concerto em Israel, nós íamos a Israel assistir ao concerto. E, se Michaelson dava um concerto em Londres, nós íamos a Londres ... Boas operetas, boas óperas, boa música, tudo eu conheci com ela. Apesar de que, aqui em Blumenau, no Teatro Carlos Gomes também ter conhecido grandes companhias de teatro, grandes companhias de ópera e opereta ...

Aqui conheci Procópio Ferreira, Bibi Ferreira, e outros. Dercy Gonçalves, hoje com toda essa idade, eu conheci aqui no Teatro Carlos Gomes. E assim, grandes companhias, também conheci aqui. Havia muitos cantores internacionais.

M – O Teatro Carlos Gomes recebia muitos artistas na época?

E– Sim, tinha muitos atores de fora, atores alemães ...

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A – Antes de ser Dama de Companhia, a senhora morou sempre na casa dos pais?

E – Não, eu trabalhei. Fui uma das fundadoras do Centro de Saúde de Blumenau. Depois resolvi ir ao Rio de Janeiro.

A – Lá, tinha muitos amigos que a ajudaram?

E – Principalmente na colônia espanhola, colônia francesa, suissa, e alemã ... Na colônia espanhola eu falava espanhol, no círculo suisso eu falava em francês, na cultura inglesa falava o inglês, na embaixada americana também falava o inglês. Enfim, minha vida era sempre entre esses círculos.

M – A Senhora conviveu entre um círculo cultural muito grande, então?

E – Sim, entre um círculo cultural muito grande. Eu admiro muito e tive muito contato com o ator Valmor Chagas, que eu considero um artista excelente. Depois, Tônia Carrero, tive uma grande amizade com Sílvio Vieira, que na época da temporada lírica no Rio de Janeiro, eu ia, mesmo morando ainda aqui em Blumenau, eu ia assistir óperas no teatro de lá.

M – A família da Senhora nunca fez restrições quanto a sair de casa? Era mais difícil para uma moça daquela época sair de sua cidade, sozinha, não é mesmo?

E – Sim, era, mas meus pais tinham confiança e nunca impediram nada do que fosse em prol da cultura.

M – Em Florianópolis a Senhora não pôde ir estudar por questões de idade mesmo, então?

E – Sim, porque naquele tempo, eu tinha apenas 10 anos de idade, aí não dava ...

M – E os pais da Senhora permaneceram por muito tempo em Blumenau?

E– Eles permaneceram por meio ano aqui, desde que eu saí para o Rio de Janeiro. Depois eles quiseram ir para minha companhia e eu vim aqui para buscá-los. Meu pai já faleceu em 1967. Então saímos de Petrópolis e fomos para Nova Friburgo, que é uma cidade irmã de Petrópolis e Terezópolis. Fica nas montanhas, não é uma cidade grande, é mais tranqüila ... Em Nova Friburgo se vive muito de turismo. Os que moram lá, no verão descem a serra para as praias e os que moram no Rio sobem. Lá eu fui professora de idiomas nos 3 colégios que lá havia: o Colégio Rui Barbosa, o Colégio Modelo e a Fundação Getúlio Vargas.

M – E a Senhora nunca casou?

E – Não, sempre optei em ser solteira e eu estava sempre mais preocupada com meus estudos, apesar de não ter me faltado oportunidades. Não me arrependo, sinto-me tranqüila e gosto hoje da tranqüilidade de um bom livro, e o trabalho que faço me satisfaz ... Nunca tive preocupação em me casar.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M – Muitas pessoas querem casar para ter uma companhia e às vezes tem-se uma melhor companhia estando sozinho em casa, com um bom livro.

E– É mesmo. E a TV para mim é uma boa companhia. Gosto de assistir a um bom filme, a uma boa novela que tenha fundo histórico! Assim como eu gosto de ler um livro que tenha fundo histórico! Não gosto de livros tipo Sabrina que são vazios e têm sempre a mesma história.

M – A sua família era considerada tradicional. Economicamente e culturalmente, como era?

E – Sim, meu pai tinha posses em Blumenau, era considerado um homem com boa situação financeira, mas aí houve a interferência da proibição do idioma alemão, entende? E ao mesmo tempo o corte da vida cultural. Então ele sentiu-se podado da sua liberdade e quis voltar para a Alemanha. O objetivo dele era voltar para a Alemanha.

M – Sim, e isso deve tê-lo deixado muito frustado, não é mesmo?

E – Muito frustado. Depois, por outros motivos ele precisou mudar seus planos. Depois do falecimento dele eu fui para São Paulo. Lá eu trabalhei como recepcionista de hotel.

M – Recepcionista para atender estrangeiros?

B – Exato, para atender pessoas estrangeiras. E aí eu comecei a refletir: você aqui e sua mãe está ficando cada vez mais idosa – ela estava com seus 80 anos – e se acontecesse alguma coisa? Não estava na capital, estava na baixada santista, que é ainda muito atrasada. Então, longe de São Paulo, longe de Santos, o que aconteceria? Aí apresentou-se uma oportunidade de vir a Santa Catarina, também novamente para trabalhar em hotel.

M – Tinha aqui, irmãos ou parentes?

E– Não, não ... minha avó só tinha uma prima aqui em Blumenau. Aí eu voltei para Santa Catarina, em Florianópolis. Entrei para a vida hoteleira, como administradora de hotel, como governanta, como recepcionista, como intérprete, enfim. Quando por fim eu vim a Blumenau. E aqui, nós duas sozinhas, minha mãe já com muita idade, eu não podia trabalhar durante o dia, ficava intranqüila. Muitas vezes eu chegava em casa e a encontrava caída no chão.

M – Ela tinha alguma doença ou era da idade mesmo?

E – Era da idade mesmo ... Morreu com 85 anos. Antes disso, então, por intermédio de amigos, consegui ficar na Casa São Simeão, onde pude ficar com ela. Ela ficava na enfermaria, estava sob cuidados médicos, enfermeiras e eu podia ficar no meu trabalho. Foi aí então que eu fui para a Casa São Simeão com minha mãe.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M – Esta enfermaria em que ela ficava, era um lugar específico para doentes?

E – Não, ela era andante, como era chamada. Ela se locomovia, mas sempre tinha aquele receio de cair ... Ela então ficava no quarto com um bom livro, com uma revista. Ela sempre gostou muito de ler. Ali ela ficou até falecer.

M – E a Senhora continuou trabalhando no hotel?

E – Não, não, eu já trabalhava em outro local.

M - Os pais da Senhora imigraram para o Brasil?

E– Somente meu pai. Minha mãe já era nascida aqui em Blumenau. Minha avó por parte de mãe imigrou para cá, no ano de 1886, e meu pai veio em 1921.
Minha mãe, de 1912 a 1919 esteve na Alemanha. Ela passou a 1ª Guerra Mundial lá. Naquele tempo, as filhas de famílias mais tradicionais iam à Alemanha para estudar. Foi o que também fez minha avó: mandou minha mãe para a Alemanha estudar ... Ela contava que quando foi para lá em 1912, foi de veleiro de São Francisco, e levaram 8 semanas para chegar em Hamburgo, na Alemanha. Lá morou num pensionato. Naquela época eram encaminhadas pelo governo, que tinha este pensionato, onde as moças aprendiam o trabalho de casa: a cozinhar, a costurar, os dotes domésticos, né. Tinham seu estudo que não era História ou Geografia não, era o trabalho de casa mesmo e as moças estudavam e moravam no mesmo local. De lá eram enviadas para assistir óperas, teatros, concertos ... tudo isso estava incluído no programa, e depois voltavam para o Brasil.

M – Como era na época, o casamento? Para as mães era mais fácil a filha arrumar um "bom partido"? Eram prendadas?

E – Sim, tinha uma grande influência. A minha mãe conheceu meu pai quando ela foi a Florianópolis em visita a uma prima dela que era casada. E foi em Florianópolis, em um baile no Clube Germânico, um tradicional clube alemão, que ela conheceu meu pai. Era um clube de dança em que se reuniam as famílias com os filhos. Essa vida social era intensa, tanto aqui em Blumenau como em Florianópolis.

M –Quando a Senhora e sua mãe voltaram a Blumenau, onde foram morar?

E – Inicialmente eu aluguei um quarto, ou melhor uma pequena casa, uma meia água, por assim dizer, mas bastante confortável. Tinha chuveiro, quarto, eu completei a mobília. Porém, como eu trabalhava fora, eu sempre estava preocupada com minha mãe em casa, que já tinha alcançado uma boa idade – estava com 82 anos – e me deixava preocupada, pois muitas vezes, quando eu chegava eu a encontrava caída no chão. Ela sentia fraqueza também por conseqüência de uma fratura no fêmur quando criança. Eu ficava muito preocupada, não podia me concentrar

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

em meu trabalho e por este motivo alguns amigos chegaram à conclusão de que seria melhor eu morar na Casa São Simeão. Relutei, primeiro não quis aceitar ir para lá. Porque, você sabe, na realidade não deixa de ser um asilo. Eu sofreria naturalmente por parte de conhecidos meus, que me chamariam a atenção por isso, entende né? Mas, pensando e analisando bem, eu resolvi ir para lá. Eu tinha meu quarto separado e mamãe ficava na enfermaria. Mas eu cuidava dela todos os dias. De manhã dava-lhe banho, vestia e tudo mais, então eu podia ir tranqüila ao trabalho.

M – Na época, a Senhora optou pela Casa São Simeão também por não ter condições financeiras de ficar cuidando só dela,?

E – Eu não tinha condições financeiras de ficar só em casa, cuidando de minha mãe ... Foi aí que eu optei pelo asilo. E não me arrependo, não! Ela foi muito bem tratada por todos lá, tinha enfermeiros ... Naturalmente sempre havia uma ou outra desavença, mas isso acontece em todos os locais, até na família ... Então fiquei lá até o falecimento dela. Dois anos e meio, ela faleceu com 85 anos! Foi então que eu saí da Casa São Simeão. Isso porque me considerava muito moça para ficar lá. Então aluguei um quarto onde me instalei e morei durante 7 anos. Mas com uma doença no ano passado, fui internada em um hospital e acharam melhor eu voltar para lá. Depois de restabelecida, analisei os prós e os contras e cheguei à conclusão de que lá eu estaria bem e optei por ficar na Casa porque lá tinha enfermeiras e assistência médica.

M – A grande maioria lá são pessoas carentes?

E– É, a grande maioria são carentes. Há também pessoas que foram para lá por desavenças na família, e também porque hoje os filhos trabalham. Trabalham tanto o homem quanto a mulher, têm os filhos crescidos que freqüentam a escola ... então a pessoa idosa fica completamente só. Então os familiares acham por bem transferi-los para lá. Este é um dos motivos porque muitos estão na Casa São Simeão.

M – A maioria deles preferiria estar com os familiares?

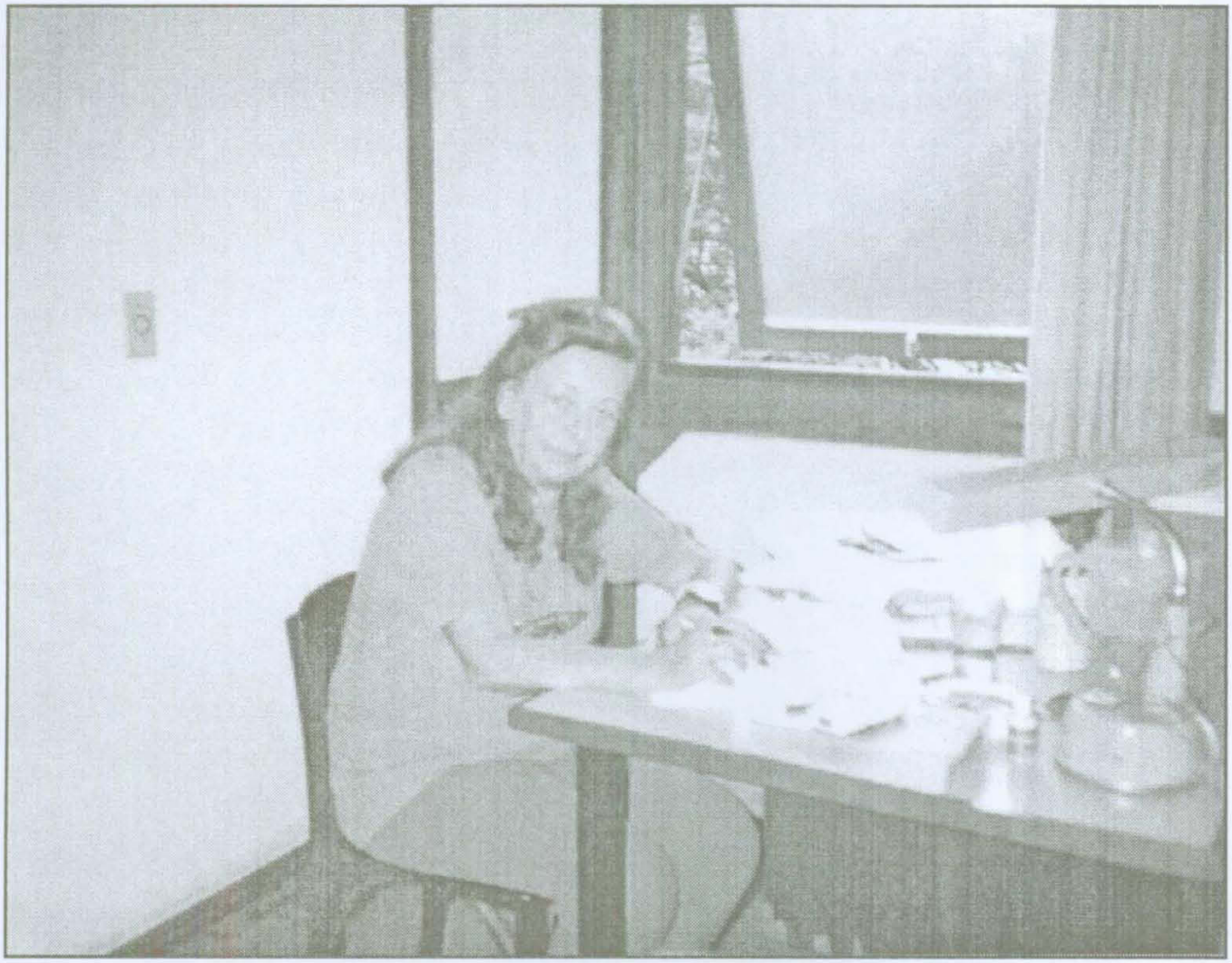
E – A metade. Existe uma revolta de grande parte. Isso transparece quando você conversa com um, com outro, e chega a ter mais contato, eles se abrem para você, dá para perceber isso. Ou então ficam dizendo: "Hoje é domingo, estou esperando meu filho". Ficam ansiosos por uma visita. E quando chega o dia seguinte: "Meu Deus, meu filho não veio ontem, o que será que houve?" Então ficam muito preocupados, entende?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M – Existe ainda muita ligação?

E– Sim, existe ainda muita ligação ... Às vezes passam semanas, meses até, que não aparece ninguém da família ... Então, quando aparece é uma alegria enorme para eles. É, para eles sempre é pouco tempo ... eles sentem necessidade de uma visita amiga ... Você mesma que está aí, completamente apta, tem as faculdades mentais normais, você sente que às vezes uma simples frase de manhã cedo, "Bom dia, como vai?" "Mas que dia lindo!", você já sente que estabeleceu um contato com eles, só com essas palavras. Eles são muito carentes neste sentido!



Edith Sophia Eimer desempenhando as suas funções de tradutora no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - 1991

M – E o relacionamento entre eles, você sente que há divisão, cada um procura seu parceiro para jogar ou conversar. Como é?

E – Não, há aqueles grupinhos que se ligam mais a um, mais a outro, isso influencia também, por exemplo, a audição. Uns já não ouvem muito bem, então procuram

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os que conversam mais alto. Outros já não enxergam bem, já não reconhecem as pessoas, então sentam ao lado de alguém, conversam, mas não sabem quem é ... Há também alguns que não falam o Português, só falam o Alemão. Ficam o dia todo sentados entre pessoas que falam o Português e ficam sem entender nada, sentindo-se então, solitários. O que eles gostam é fazer passeios. Intenção de sair eles não têm, mas um passeio de vez em quando, agrada, ir para a praia para ver o mar, porque há muitos que nunca viram o mar. Então para eles seria uma coisa fora do comum.

M - A Senhora sente, diferença no nível cultural das pessoas que moram aqui?

E – Sim, é grande. ... a maioria cresceu no interior com escolas pouco desenvolvidas. Há 40 ou 50 anos atrás poucas escolas existiam. E tinham o serviço duro na colônia, tinham que levantar cedo, ordenhar as vacas, cuidar da plantação, etc ... Então não tinham condições mesmo!

M – A Senhora pretende sair da Casa?

E – Não, por enquanto não. Veja, lá eu tenho companhia. Eu poderia, por um motivo qualquer, sair, procurar outra acomodação, mas aí eu precisava procurar uma pessoa que ficasse pelo menos à noite comigo e caso me acontecesse alguma coisa, ela entraria em contato com médico, enfermeira, hospital, enfim! E isso é difícil, gosto da individualidade, por isso que estou lá.

M – Como a Senhora vê o estudo da nossa geração, comparando ao da sua época? Existe algum futuro?

E – Olha, eu acho que há um futuro nisso, mas eu acho que cada pessoa, cada um de vocês têm que ser autodidata, já que hoje o ensino é falho. Digo isso com sinceridade ... Procurem vocês mesmos ampliar seus conhecimentos. Não se resumir somente naquilo que vocês estudam, né. O que eu digo é ler bons livros, ler jornais, revistas, procurar estudar um idioma estrangeiro, seja Inglês, Alemão ou Espanhol, seja lá o que for, porque aí vocês têm a oportunidade de ler outros livros, outras opiniões. Então aí vocês tomam o conhecimento com outros mundos e não somente com o mundo daqui ... Isso é uma verdade! Eu sei que é difícil hoje estudar outro idioma, nem todos têm este dom, essa aptidão para aprender com facilidade.

M – A maioria trabalha duro o dia todo ...

E – Mas aí é que está. Devido ao baixo poder aquisitivo das pessoas, é que os alunos se obrigam a trabalhar, durante o dia todo, faz com que diminuam os conhecimentos, porque chega à noite querem dormir. E a melhor hora de estudar, de gravar as coisas é na parte da manhã, com as idéias tranqüilas, descansadas, e isso não é possível.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M – O que a Senhora acha dessa nova geração, dessa juventude, desse liberalismo todo, a Senhora é contra a liberdade sexual, a independência dos pais?

E – Até certo ponto não. Até certo ponto eu concordo, porque deve existir nesta parte um liberalismo, só não em excesso. Você vê que na Europa já existe isso há muito tempo, há muitas décadas. É preferível você conhecer o seu parceiro bem antes do casamento, para que cada um chegue a conhecer um ao outro melhor. Depois, o casamento dá mais certo, não existe tanto atrito ... Porque, se você é designada pelos próprios pais a casar com fulano, ou então quando você casa com um rapaz com aquele sonho,você o põe praticamente como um ídolo, e na realidade ele pode ser justamente o oposto.

M – Principalmente sexualmente.

E – Principalmente sexualmente. Porque a opinião de muitos europeus é a seguinte: funciona sexo, funciona o resto. E eu concordo ... Ainda mais hoje em dia que há mais facilidade de optar quando se quer o primeiro filho. Então tem-se os filhos quando acha-se que pode, e não casar e após 9 meses já nascer o primeiro filho, porque pôr um filho no mundo sem poder dar conforto, educação e formação é um pecado.

M – E quanto às drogas?

E –Sou completamente contra. Porque veja, a pessoa se destrói, destrói seu futuro, destrói sua prole. Posso dizer a vocês: Aproveitem a mocidade, estudem, ampliem seus conhecimentos, porque os anos passam depressa, os anos voam. E para que no futuro e na velhice mesmo, possam dizer tranqüilos: eu cumpri com meu dever ...

M – A Senhora pode dizer isso hoje ou acha que poderia ter feito mais?

E – Eu poderia ter feito mais. Mas eu acho que estou ainda cumprindo com o meu dever. Ainda não o terminei, ainda tenho muito o que fazer.

M – O importante é não parar nunca?

E – Não parar nunca porque a pessoa é igual à água estagnada, geralmente cria lodo e limo, envelhece com mais rapidez ... E para mudar este quadro tem sempre que modificar, ler, ouvir boa música, ir a bons teatros, ser versátil, ser intenso acima de tudo. Tudo isso ajuda.

M – Essa é a mensagem que a Senhora deixa para a gente então?

E – Essa, eu deixo para vocês.

M – Muito obrigada!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

– Festa do 1º aniversário reduz em um ano tempo de vida do Olímpico

TEXTO:

AURÉLIO SADA

Amplo noticiário de antigo jornal é bem claro: clube nasceu em 1920 – Orador oficial do FCB confirma tudo

Em que ano se deu realmente a fundação do Foot-Ball Club Blumenauense, o Grêmio Esportivo Olímpico de hoje, associação de tantas e tão gloriosas tradições, com mais de oito décadas de vida: 1919 ou 1920?!

O dia desse ato histórico não suscita dúvida alguma: 14 de agosto. A ele estiveram presentes, talvez sem imaginar que a iniciativa viesse a produzir resultados tão auspiciosos, vinte e oito jovens movidos pelo ideal de levar à frente o propósito de erguer na cidade um clube destinado a tornar-se grande e forte em todos os sentidos.

Era aquele grupo integrado por Emílio Hoeltgebaum, Alfredo Diebold, Otto Brunner, Arthur Brunner, Fritz Nicolai, Paul Von Czekus, Arthur Petters, Paul Kielwagen, Hermann Scheidemantel, Hans Marsen, Frederico Kretzschmar, Georg Roedel, Alfredo Scherer, Carl Hartig, Erich Kielwagen, Ernst Willrich, Otto Guse, Hermann Brandes, Hermann Neitzel, Edgar Scheefer, Rudolf Kloth, August Hausmann, Erwin Specht, Hermann Emke, Andreas Hoeltgebaum, Manoel dos Santos, Alfredo Carvalho e Hermann Bemke.

O clube da Alameda Rio Branco sempre manteve, como marco do seu nascimento, o ano de 1919, detalhe repetido e confirmado sempre que, por motivos relevantes, eram reformados e, necessariamente publicados os estatutos.

Essa "verdade", porém, não está contida na ampla divulgação que o semanário "BRAZIL", em forma de tablóide, edições de 14 e 21 de agosto de 1921, fez em torno das festividades comemorativas ao transcurso do primeiro aniversário de fundação do FC Blumenauense.

---

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O apreciado órgão da imprensa local, naquela época, cujo proprietário era o Dr. Alfredo Felippe da Luz, Juiz da Comarca de Blumenau, registrou desta forma, na edição de 14 de agosto de 1921, portanto, há oitenta anos atrás, o significativo acontecimento daquele domingo:

"O Foot-Ball Club Blumenauense, desta cidade, comemora, hoje, o primeiro aniversário de sua fundação. Graças às simpatias que soube angariar entre os nossos moços, o novo club tem prosperado dia a dia, firmando-se no conceito de que goza por parte da nossa laboriosa população.

Para comemorar tão auspicioso acontecimento, os sócios do Blumenauense promovem, hoje, uma festa a que prestam apoio diversas sociedades esportivas desta cidade, do distrito de Gaspar e de Brusque.

Às 9 ½ horas, no campo da Sociedade Gymnastica, promoverá diversos matches de futebol, e à noite, na sede da Sociedade de Atiradores, garridamente ornamentada, terá lugar animado sarau dançante, para o qual foram convidadas inúmeras famílias da nossa sociedade.

Uma comissão composta dos Srs. Paulo Grossenbacher, Henrique Rischbieter, Henrique Sachtleben e Carlos Hartig, esteve há dias no Hotel Central, a fim de convidar o Sr. Gomes Winther, gerente desta folha, para discursar, em nome do Clube, por ocasião dos jogos que se realizarão no campo da Sociedade Gymnastica.

O Sr. Gomes Winther aceitou o convite, agradecendo a distinção que lhe conferiu essa agremiação desportiva.

Aos valorosos rapazes do Blumenauense, BRAZIL felicita cordialmente, pela data de hoje, desejando ao Clube longos anos de uma existência cheia de vitórias.

Domingo de festa

A bela festa de uma semana atrás mereceu extenso comentário inserido na primeira página do mesmo jornal, edição de nº 106, de 21 de agosto de 1921, sob o título: "O Primeiro Aniversário de Fundação do Foot-Ball Club Blumenauense", deixando, bem claro, que a nova agremiação houvera sido criada em 1920, não no ano anterior.

A transcrição da matéria desfaz qualquer dúvida sobre a verdadeira "certidão de nascimento" do clube vermelho-e-branco, principalmente ao destacarmos tópicos do discurso proferido pelo gerente de o BRAZIL. Vamos a ela:

O Foot-Ball Club Blumenauense, desta cidade, no meio das mais expansivas alegrias de seus sócios e da quase totalidade da população desta cidade, comemorou,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

domingo passado, o primeiro aniversário de sua fundação.

As festas por esse auspicioso evento levadas a efeito estiveram imponentes e concorridas, a elas emprestando apoio as diversas sociedades desportivas desta cidade, do vizinho distrito de Gaspar e de Brusque.

Às 9 horas, os sócios do Blumenauense, acompanhados de seus colegas do Brusquense e Paysandu, de Brusque, Gasparense, do Gaspar e União Militar (18ª. Cia. Metralhadoras), Amazonas e Victória, desta cidade, partiram, incorporados, da sede social do Clube (Hotel Central) para o campo da Sociedade Gymnastica, onde iam-se realizar diversos matches de foot-ball.

O numeroso cortejo foi puxado pela afinada banda de música Werner, que executou diversas peças, e seguido de compacta massa popular, sendo o trajeto feito na melhor ordem. De quando em quando, ouviam-se entusiásticas ovações ao Blumenauense e aos outros Clubes representados.

O campo da Sociedade Gymnastica apresentava lindo aspecto, estando belamente ornamentado. Em diversas barraquinhas singelas, mas artisticamente construídas, distintas senhorinhas da nossa melhor sociedade serviam bebidas, café e doces, exibindo o encanto de sua graça e de sua beleza.

Senhorinhas trajadas a caráter, percorriam o campo vendendo flores e bilhetes de rifa em benefício do Clube, trabalhando, desse modo, pela prosperidade do Blumenauense, que faz jus ao apoio de todos que se interessam pelo desenvolvimento do desporto entre nós.

Uma multidão de pessoas de todas as camadas sociais, postada nas imediações do campo, aguardava ansiosa, o começo dos jogos.

A Vez do Futebol

Às 9h50min, precisamente, teve início o anunciado "match" entre os primeiros teams do Amazonas e Victória, desta cidade. O jogo correu bastante animado, atuando como juiz o "player" Emílio Sada. Terminou pela vitória do Amazonas sobre o seu contendor pelo "score" de 2 gols a zero.

Às 11 horas, aproximadamente, começou o "match" entre o primeiro team do Gasparense e o segundo do Blumenauense.

Atuou como juiz o player A. Maffasolli, que se portou galhardamente, sendo o seguinte o resultado do encontro: Blumenauense 1 gol, Gasparense 0.

Depois de ligeiro descanso, efetuou-se o encontro entre o União/Militar

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Foot-Ball Club, desta cidade, e o Brusquense, de Brusque, encontro de que resultou a vitória deste sobre o seu aguerrido competidor pelo score de 4 gols a 1, sendo que os jogadores de ambos os clubes foram bastante felicitados.

Chegou, afinal, o momento de emoção, 16 horas, quando, ostentando o seu garbo peculiar aos sportmen adestrados, saíram a campo os jogadores do Paysandu, de Brusque, e do Blumenauense, desta cidade, empenhados em disputar os loros do triunfo.

As atenções da torcida convergiram-se para o campo, onde os jogadores, empregando todos os esforços, se batiam valentemente. Não obstante, porém, a esse esforço titânico, 90 minutos mais tarde era anunciado o resultado do emocionante encontro pelo empate.

Não foi desilusão amarga que se sentiu então. Foi, antes, o entusiasmo que se apossou da multidão, ovacionando delirante e prolongadamente os "forwards" dos dois clubes, que não se deixaram vencer, um pelo outro.

Nesse match sensacional atuou como juiz o player C. Titzman, que se destacou pela sua imparcialidade.

Estava terminada a parte desportiva das festas. Durante os jogos, a banda musical Werner executou escolhidas peças do seu repertório e as barraquinhas armadas nas imediações do campo tiveram grande concorrência de pessoas, que procuravam refrescos, doces e cafés, prontamente servidos por graciosas senhorinhas.

Terminada a parte desportiva, os sportmen, incorporados, seguiram para o Hotel Central, sendo que durante o trajeto, foram muito ovacionados pela multidão".

Discurso confirma fundação em 1920

"À noite, nos salões da sede da Sociedade dos Atiradores, os sócios do Blumenauense ofereceram um baile aos seus colegas desta cidade, do Gaspar e de Brusque, e a diversas famílias da nossa sociedade.

O sarau esteve extraordinariamente animado, notando-se a presença de grande número de cavalheiros e exmas. famílias.

Num dos intervalos, o Sr. Gomes Winther, orador oficial do Blumenauense, saudou os sportmen que haviam atendido ao convite desse Club, e agradeceu o comparecimento das exmas. famílias que, com a sua presença abrilhantaram as festas com que o Foot-Ball Club Blumenauense celebrou o primeiro aniversário de sua fundação."

Frases do discurso a destacar:

"Festejamos neste dia o primeiro aniversário de uma sociedade desportiva a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que todos devem prestar o concurso de seu apoio..."

"Feliz idéia, a de Emilio Hoeltgebaum, quando reuniu alguns amigos seus e no silêncio e na intimidade, expôs-lhes o plano da fundação de um club de foot-ball!"

"E é aureolado pelas simpatias da laboriosa população desta cidade, e acariciado pelas esperanças fagueiras que jamais o abandonaram que este grêmio desportivo, vencendo uma etapa, entra, hoje, no seu segundo ano de vida."

"E o que direi, Srs., dos sócios dos Clubes Brusquense, Paysandu, Gasparense, Amazonas, Victoria e União Militar, que direi desses jovens valorosos, que aqui vieram emprestar o brilho de sua comparecência à festa com que o Blumenauense, nos transportes de um entusiasmo sadio, comemora a passagem do seu primeiro aniversário?"

A julgar por tudo isso, extraído de um ebdomadário sempre bem feito e plenamente confiável, o Blumenauense veio ao mundo a 14 de agosto de 1920, tendo agora, com a denominação de Grêmio Esportivo Olímpico, pouco mais de 81 anos de vida bem sucedida.

Estranha ausência

Em toda essa estória, é de se estranhar que entre os clubes participantes da competição de futebol do dia 14 de agosto de 1921, no campo da Sociedade Gymnastica, não tenha figurado a representação do Brasil Foot-Ball Club, já com seus dois anos e mais alguns dias de vida, pois nascera a 19 de julho de 1919.

Se Amazonas, Victoria e União Militar, além do Gasparense, Brusquense e Paysandu, deram presença no cenário dos jogos, como explicar a estranha ausência do Brasil, clube também fundado exclusivamente para a prática do esporte-rei...

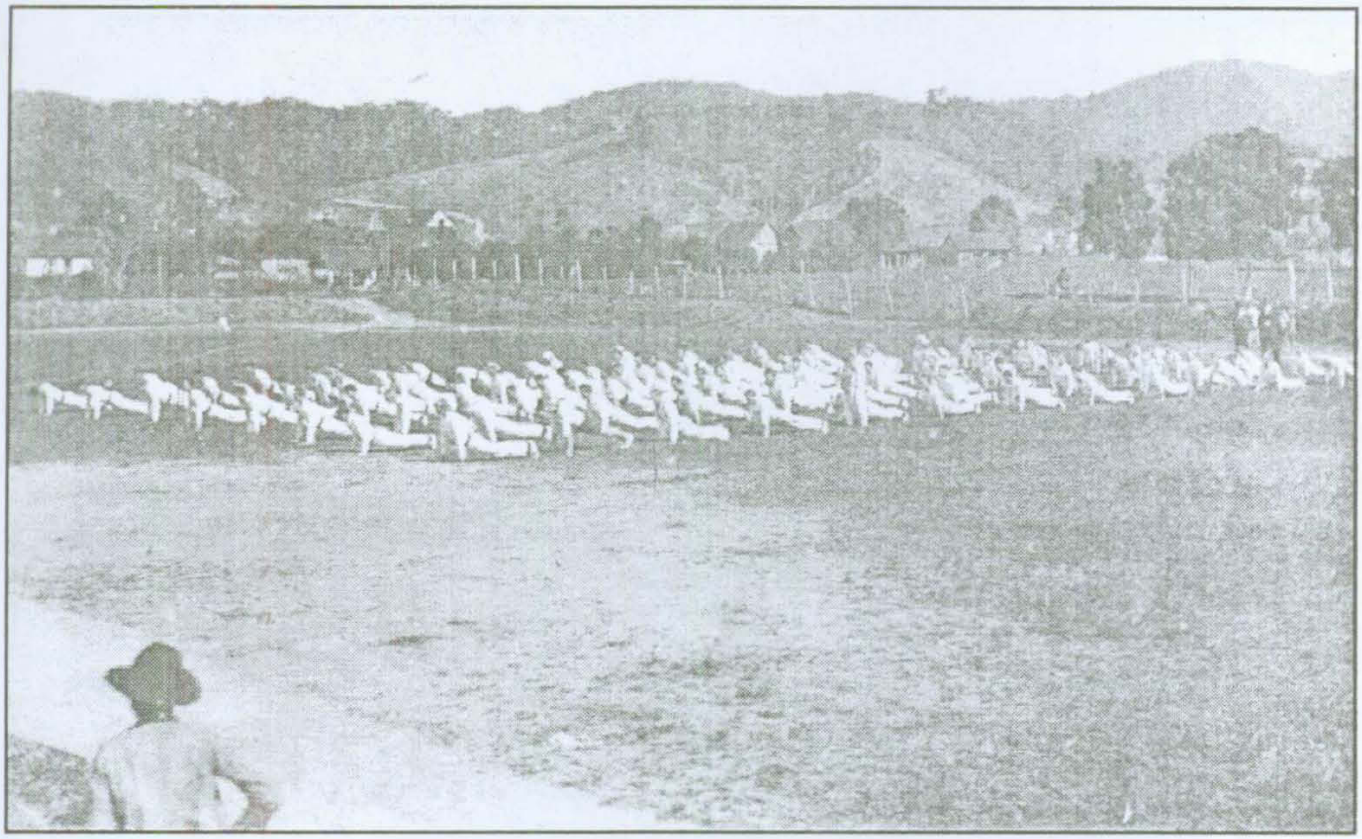
É pouco provável - achamos nós – que o Brasil não tenha sido convidado para uma ocasião tão especial. É de se duvidar, também, que o alviverde não dispusesse de uma equipe em condições de prestigiar a promoção do Blumenauense.

Como nos parece estranho, ainda, o fato de haver sido omitido esse assunto na divulgação dos festejos do Blumenauense, não é demais admitir-se a hipótese de que tudo isso tenha sido a conseqüência de uma rivalidade já emergente e que se acentuaria com o passar dos anos, entre as duas agremiações mais populares da cidade.

Se foi esse o motivo do silêncio de parte a parte, nada mais resta a comentar...

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



O campo de esporte da Sociedade Ginástica passou por várias transformações nos primeiros anos do século passado. Ali o Foot-Ball Club Blumenauense desenvolveu suas atividades futebolísticas durante quase uma década e meia. Ali também em agosto de 1921 promoveu o torneio comemorativo à passagem do seu primeiro aniversário de fundação.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Grande Hotel substitui hoje o antigo Hotel Holetz

A tradição e a imponência arquitetônica formam um elo de esperança para o futuro de nossa terra!

Com a presença de altas autoridades civis, militares e religiosas, inclusive representativas de S. Excia. o Sr. Presidente da República e Exmo. Sr. Governador Celso Ramos, foi inaugurado no dia 16 do corrente o edifício do Grande Hotel Blumenau, em cuja oportunidade o Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A. inaugurou também as suas novas instalações de sua filial em nossa cidade. Esse valoroso empreendimento, que enche de orgulho os blumenauenses, era uma velha aspiração do nosso povo, mormente em se considerando que os hotéis de nossa cidade não mais comportavam o acúmulo de turistas que nos visitam em todas as épocas do ano. A título ilustrativo, damos abaixo um retrospecto histórico daquilo que antecedeu na inauguração do maior Hotel de Santa Catarina.

O antigo local, como se sabe, e onde hoje se encontra o Grande Hotel Blumenau, era ocupado pelo Hotel Holetz, organização que há muitos anos atrás despontava como modelar, trazendo sempre como hóspedes as mais destacadas figuras políticas estaduais, ou mesmo federais, quando de estadas aqui em Blumenau.

A última gestão do Hotel Holetz, foi sob a administração do Sr. Arthur Stammer, a quem na oportunidade coube decidir a concessão do prédio, para a construção do propalado "Grande Hotel Blumenau". O prédio, que deveria ser entregue em princípios do mês de novembro de 1959, só o foi a 15 de janeiro de 1960, pois daquela data até o dia da entrega esteve ocupado pela Prefeitura Municipal, a qual para lá se transladara em virtude do incêndio ocorrido em suas atuais dependências.

Fonte: Jornal Lume. Blumenau Ano XIV no. 895. 23.12.1962

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Antigo prédio do Hotel Holetz, edificado ano de 1902

Faz-se notar, igualmente, que constava do inventário da família Holetz, proprietária do Hotel, que o mesmo só poderia ser vendido para que no mesmo local surgisse um outro estabelecimento de mesma categoria, o que bem demonstra a dedicação da família em ali manter tão louvável empreendimento.

Assim desaparecia o tradicional Hotel Holetz, que funcionou durante quase 70 anos, deixando transparecer uma nova vida naquele antigo hotel, e que agora, é substituído com infinitas vantagens pelo Grande Hotel Blumenau, esperando-se que o mesmo acentue a sua trajetória brilhante e promissora dentro dos requisitos modernos com que se impõe.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Grande Hotel Blumenau – recém inaugurado

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Alfredo de Carvalho"

TEXTO:

*HARRY ZUEGE**

Tido como homem perigoso e temido na década dos anos de 1910 a 1930! Vindo da "Serra acima", era um caboclo, muito brincalhão, boca grande que o ex-Superintendente de Blumenau e ex-Deputado Estadual, Paulo Zimmermann, empregou como criado da sua fazenda no Ribeirão Fidelis. Destacou-se como excelente cavaleiro. Arrojado e audacioso na arte da montaria, granjeou do seu patrão a exclusividade de cuidar dos seus cavalos de raça e corrida. O Sr. Zimmermann tinha três filhos e três filhas. Com o correr dos tempos surgiu um namoro entre a sua filha mais velha e mais bonita, a Frieda, apelidada de "Fifi".

O namoro terminou em casamento. Deve-se acrescentar que a bela Fifi foi escolhida em 1922 "Rainha de Beleza" de Blumenau. A seleção da escolha não tinha os critérios da moderna maquilagem de embelezamento de hoje em dia. Com certeza foi ela a primeira "Miss Blumenau" de que se tem notícia. Deste momento em diante a estrela de Alfredo começou a brilhar. O automóvel nestes idos era coisa de luxo e raridade, mas a Família Zimmermann já o possuía e quer me parecer era um veículo da M. Ford. E, não tardou que o afamado Alfredo Carvalho conseguisse através do seu sogro Paulo Zimmermann, a representação dos carros Ford, e assim a agência no grande município de Blumenau. O nosso amigo podia-se considerar um homem rico e afortunado. O seu comércio floresceu, porém, a vida levada pelo agente da Ford não correspondia, de conformidade com a direção da casa matriz, e em virtude de seu comportamento desordeiro, o Alfredo perdeu a concessão e a oportunidade de se tornar um dos homens mais ricos da cidade. Seu sucessor foi "Carlos Hoepcke" de Florianópolis, o qual figurou até os anos sessenta, como uma das maiores firmas do Estado de Santa Catarina.

Infelizmente hoje a firma Hoepcke é uma mi-

* Este artigo foi escrito meses antes do falecimento deste colaborador da Revista.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

niatura de então, e quero crer que existe apenas, das muitas filiais, a Casa Hoepcke (Matriz) em Florianópolis. Quem não se lembra com muitas saudades da firma Carlos Hoepcke S/A de Blumenau? Era sem dúvida o maior estabelecimento comercial do Vale do Itajaí. Mas,continuando com Alfredo de Carvalho, os tempos foram passando e sua estrela continuou se apagando após a perda da "Agência Ford" em Blumenau. Continuou a se virar como motorista, fazendo vez por outra uma corrida com o seu "Buick". Porém este ramo mal deu para o sustento da família. Não demorou muito e nosso Alfredo tinha que se desfazer de um de seus últimos bens, o carro. Ainda na década dos anos 20, falecera ainda jovem o seu (protetor ou tutor) sogro Paulo Zimmermann, sem dúvida uma perda irreparável para a família e os amigos. Como Alfredo não possuía profissão definida, a não ser exímio "Joquey" e "chouffer", as coisas começaram a se desmoronar e complicar mais. Embora farrista, não se pode afirmar que Alfredo de Carvalho era mulherengo. Sua vida conjugal desenrolou-se em plena harmonia. Passando-se alguns anos, o Alfredo tinha que dar jeito em sua vida, e não deu outra. Ele veio a trabalhar na Eletro Aço Altona como centenas de outros trabalhadores, fazendo tudo, mesmo serviços pesados. Mais tarde trabalhou na Prefeitura Municipal, como operário.

A vida de Alfredo de Carvalho era cheia de extravagância. Para se ter uma idéia, eis aqui a sua maior audácia e façanha: Os mais idosos blumenauenses devem se lembrar da antiga escadaria da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo, a igreja católica do centro. A escada seguia diretamente da rua 15 de Novembro e os seus íngremes degraus davam acesso ao pátio da igreja. Certo dia, por volta de 1931 mais ou menos, nós (eu, mamãe e irmã Cecília) íamos conhecer o majestoso centro de Blumenau. Na rua 15 muitos pedestres, ciclistas, coches, carroças e raros automóveis. Ao aproximarmonos da "Casa São José" e da Igreja Matriz, notamos uma aglomeração popular nas calçadas. A minha irmã muito mais velha do que eu, sempre manhosa, começou a chorar e pensava que tratava-se de uma rebelião. A mamãe pediu que parasse de chorar, porque isso não era nada de fazer medo. Não demorou, aproximou-se um automóvel e parou no pé da escada da igreja. O que foi que apreciamos? Um louco tentando subir com seu carro, um "Zinck". E não deu outra, ele engatou a primeira marcha e pé no fundo, arrastou-se degraus acima, o carro pulando mais do que rodando, subiu lento mas firmemente a escada, com um incidente à parte neste pitoresco espetáculo. No meio do trajeto, passou à sua frente um sacerdote tentando impedir a passagem do motorista maluco. Mas qual foi a resposta? "Saia da frente senão passo por cima de ti". Com protestos e ameaças, o nosso Alfredo subiu pátio acima e desceu normalmente no caminho dos fundos. A polícia local não compareceu porque não houve acidentes pessoais. Para os blumenauenses desta época, esta façanha tor-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nou-se um acontecimento inesquecível e, só comparável às filmagens cinematográficas da atualidade.

Outra façanha contada de Alfredo de Carvalho, segundo comentava-se naqueles áureos tempos, era que ele pegava notas de 500 mil réis, enrolava com fumo, transformando-as em célebre cigarro. Isto deve ser verdadeiro, porque tais peraltices bem se enquadravam com o temperamento de Alfredo.

Outro caso curioso das extravagâncias de Alfredo de Carvalho foi quando num salão de festa do velho Moinho, foi à cozinha tomar um lanche ou café e lá descobriu uma bacia cheia de ovos. Encenou por meio deles um espetáculo pouco condizente com a festança. Pegou as 10 dúzias de ovos, despejou-os no salão, pegou um saco de trigo misturou-os com os pés pelo meio do salão, onde os dançarinos se animavam, acabando praticamente com o baile, somente para satisfazer o seu espírito farrista. Tido como homem perigoso, na verdade era um homem que não brigava com ninguém. Ao final deste espetáculo Alfredo apresentou-se ao proprietário e perguntou em alemão: "Was kostet der streck"? "Quanto custa esta porcaria"? Tudo estava resolvido, o ator pagou pelo que devia e o baile terminou.

Outra "brincadeira de mau gosto" foi quando este personagem pegou uma cobra já adestrada, que vivia na atafona do Sr. Zimmermann, e passou a correr atrás das crianças que vinham da escola do Sr. Prof. Hermann Lang, em Fidelis.

As crianças em debandada, corriam e gritavam pensando que se tratava de um maluco, pois não conheciam o tal homem que pegava as cobras na mão. Mas esta brincadeira não ficou só na exibição.

No dia seguinte, um pai destas crianças procurou conhecer o tal domador de cobras, descobrindo que se tratava do montador de cavalos do Sr. Paulo Zimmermann, pediu que desejava falar com ele. Sem hesitar, apresentou-se o Sr. Alfredo, de maneira grosseira e estúpida, falou ao reclamante em alemão: "Was wils du"? (O que tu queres). Este por sua vez, perguntou o motivo de sua loucura em intimidar as inocentes crianças com uma cobra.

A resposta foi imediata. "Te manda daqui..." Mas quem se mandou primeiro, correndo a todo vapor, foi o Sr. Alfredo, o causador de toda esta brincadeira de mau gosto. Apesar de ter perdido os chinelos, o reclamante não conseguiu alcançá-lo, pois o mesmo deu um "salto de artista" e pulou sobre uma cerca, julgando estar correndo perigo de vida.

A história de Alfredo Carvalho é o retrato de um personagem folclórico, que, devido ao seu temperamento e comportamento, perdeu a chance de ser um dos homens mais ricos da cidade. Faleceu aos 67 anos de idade.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Alfredo Carvalho na primeira tentativa para subir as escadarias da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo de automóvel. Na segunda investida obteve sucesso no seu intento. Ano de 1930.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

– O Muro de Berlim

– No Tempo da Cegonha

TEXTO:

*URDA ALICE KLUEGER**

BLUMENAU em Cadernos

O Muro de Berlim

Em 1961, quando construíram o muro de Berlim, eu tinha nove anos, e mal e mal sabia que Berlim ficava na Alemanha. Essas coisas de Alemanha dividida, de pós-guerra, de bloco capitalista e socialista, eram todas coisas das quais eu ainda não tinha consciência. Sabia, porém, como não podia deixar de ser, que a Alemanha havia sofrido muito durante a guerra, pois ouvia as inúmeras histórias das pessoas de Blumenau que mandavam pacotes com comida e roupa para seus parentes do castigado país, e espantava-me ao saber que as roupas enviadas tinham de ser lavadas, para não parecerem novas, e outros detalhes assim, coisas que uma criança de pós-guerra, em Blumenau, sempre acabava ouvindo.

Havia, até, uma piada que eu achava engraçada e tétrica, que circulava nessa época, sobre a história de se mandar pacotes com comida para a Alemanha. Uma família escreveu para seus parentes de lá informando que seguia pelo correio (via navio) uma caixa com pó para pudim. Acontece que a avó da família, que vivia aqui em Blumenau, morreu. Ela sempre tinha pedido que, quando morresse, fosse cremada, e suas cinzas enviadas à Alemanha. A família cumpriu seu desejo: cremou a avó, colocou suas cinzas numa caixa, e enviou a mesma, via aérea, para a Alemanha. Seguiu uma carta, também, explicando que estariam chegando as cinzas da avó, só que tal carta se atrasou. Quando chegou a caixa com as cinzas, os parentes de lá acharam que era a caixa com o pó para pudim, e não deu outra: fizeram o pudim com as cinzas da avó, comeram a avó. Piada sem graça que circulava em Blumenau na década de sessenta.

Pois bem, a Alemanha, para mim, ainda era daquela do pessoal que fez pudim com a avó, quando, um dia, na Igreja, o padre falou sobre uma coisa estarrecedora: uma cidade fora brutalmente dividida por

* Escritora e membro da Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

um muro que separara pais de filhos, irmãos de irmãos, amigos de amigos. Pintou as coisas com as piores cores (e as cores eram feias mesmo), e convidou o pessoal da missa a ir ver uma exposição fotográfica sobre o assunto, que passava pela cidade, e que estava exposto no nosso teatro Carlos Gomes.

Um dia ou dois depois, aquilo ainda estava na minha cabeça, e avisei minha mãe que ia ver a exposição. Creio, hoje, que aquela foi a primeira vez que entrei no nosso imponente Teatro Carlos Gomes, que parecia muito mais imponente ainda por eu só ter nove anos.

Gente, eu não esqueci daquilo até hoje! Sem quem me orientasse na exposição (fora sozinha), devo ter passado horas e horas olhando para aquelas fotos e lendo as legendas. Aquilo era muito mais chocante do que o que o padre falara: as imagens tinham uma força como eu não sabia, uma força que as décadas seguintes aproveitariam com força nos meios de comunicação, mas que, naqueles tempos de rádio, a gente ainda não conhecia.

Cruamente cruel. Lá estava o muro tapando as janelas dos prédios, deixando os moradores sem luz. Sem disfarces, lá estavam as guaritas com os soldados armados, que vigiavam a faixa de cem metros, cheias de obstáculos, onde não se podia passar. Lá estavam os rolos de arame farpado, as armadilhas, o terreno minado. E, o que era pior para mim, lá estava o muro interrompendo as ruas – e se interrompessem a minha rua, e eu não pudesse mais ir para a escola, ou na casa da Tia Fanny? A agressão daquelas fotos entrou na minha pequena alma de nove anos com toda a força; acho que foi a primeira vez que dei de cara, mesmo, com a crueldade. O padre já tinha falado que muitas pessoas estavam morrendo metralhadas, por lá, na tentativa de fugir para Berlim Ocidental, a minha imaginação fértil via as pessoas correndo sob as fotos dos holofotes e sendo ceifadas por armas poderosas. O horror daquilo ficou indelevelmente marcado na minha vida. Creio que, quando saí de lá, senti alívio: Berlim era muito longe, numa remota Alemanha, país onde se comia avós pensando-se que eram pudins – aquilo nunca aconteceria na minha pequena realidade de Blumenau.

Quase trinta anos depois, em 1989, quando o muro caiu, eu senti um alívio imenso. A minha angústia de 1961 vivera comigo todos aqueles anos. E eu exultei como os jovens alemães de 1989 exultaram, e, meses depois, vi um pedacinho de muro que um rapaz de Blumenau havia recebido como souvenir: ingênuo e inofensivo, o pedacinho de muro estava numa caixinha de jóias, apoiado sobre algodão. Não parecia ter aquele horror de 1961, mas eu sabia que tinha.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

No Tempo da Cegonha

Numa manhã de março de 1956, eu acordei com o meu mundo virado de cabeça para baixo. Até aquele dia, eu não observara nada diferente na minha mãe, mas naquela manhã ela me pareceu enorme dentro de seu vestido de seda preto, estampado de ramalhete de flores coloridas. Lembro que fazia sol, e, decerto também fazia calor, mas isso me passou desapercebido, diante das coisas estranhas que estavam acontecendo. Esperava-se um táxi para levá-la ao hospital, onde a cegonha iria entregar-lhe uma criança. Até acordar, eu não sabia nada a respeito daquilo, e acordar com todo aquele alvoroço em casa e observar que minha mãe parecia ter inflado foi bastante chocante.

O táxi (que a gente chamava de carro de praça) chegou e levou minha mãe: ficamos, eu e minha irmã Mariana, na vizinha Dna. Cecília, aguardando que meu pai voltasse. Eu me encantava com a casa da Dna. Cecília, que tinha sótão e um oratório de Nossa Senhora lá em cima, mas naquele dia não parecia tão interessante assim ficar naquela janela do sótão esperando meu pai, depois de toda aquela confusão na minha vida.

Meu pai voltou, afinal. Minha irmã Mariana iria ficar na casa da Dna. Cecília até minha mãe voltar do hospital, mas eu fui na garupa da bicicleta do meu pai até o serviço dele – mais tarde ele me levaria para a casa da minha madrinha.

Não lembro dos meus sentimentos naquelas horas, mas decerto que eram péssimos, pois , no serviço do meu pai, pus-me a chorar inconsolavelmente .Meu pai trabalhava num clube chique de Blumenau, com muitos espaços e jardins, e lá também estavam duas meninas que eram filhas ou netas, não sei, do ecônomo do clube. Eram meninas maiores do que eu , deviam ter já uns dez anos, e, enquanto meu pai trabalhava elas me levaram para passear e tentaram me consolar. Entre outras coisas me perguntaram se eu tinha botado açúcar na janela, para que a cegonha o comesse e trouxesse um bebê bem bonito para nós. Eu nunca havia ouvido falar naquilo e saber que havia deixado de cumprir um dever tão importante para com a cegonha me deixou apavorada. Chorei tanto, mas tanto, então, de medo que a cegonha não trouxesse o bebê porque eu não havia pensado no açúcar, que as meninas não tiveram outro jeito: Foram comigo até a cozinha do clube, encheram uma pesada xícara com açúcar e a colocaram na janela de lá. Aquilo consolou-me um pouco, mas ficou a dúvida: Será que a cegonha saberia que aquele açúcar ali tinha a ver com o bebê que deveria ir pra minha casa? Era uma pergunta muito séria, e a angustia permaneceu. Afinal, fazia poucos dias que eu completara quatro anos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Hoje as coisas estão bem mais fáceis para as crianças que estão à espera de irmãozinhos. Estou acompanhando o caso da minha amiga Sônia e seu filhinho Bruno. Desde que Bruno tinha dois anos, que a mãe começou a chamar sua atenção para as barrigas das mulheres grávidas, explicando-lhe que ali havia um bebê. Bruno nunca ouviu falar em cegonha: sempre soube como os bebês vinham para este mundo. Bruno, agora, com cinco anos, e sua mãe espera um novo bebê. Sem problemas , sem traumas, ele está curtindo a gravidez da mãe e a espera de um irmãozinho com toda a serenidade. Nunca irá acordar, uma manhã, com a vida de cabeça para baixo porque a mãe irá a um lugar desconhecido, onde a cegonha lhe entregará um bebê, e que só será bonito se ele colocar açúcar na janela. Nunca sofrerá a angústia e o medo de não ter cumprido uma obrigação para com a cegonha. Saberá o tempo todo que um irmãozinho irá chegar, e acompanhará seu desenvolvimento através das fotos que se obtém quando as mães fazem a ultra-sonografia. Em suma a chegada de um novo bebê causará a Bruno, no máximo um pouco de ciúmes por ele ter perdido o colo.

Acho que as crianças têm menos problemas hoje. Eu gosto das fantasias e das lendas, mas vivi na pele a angústia de não saber que tinha que colocar açúcar na janela para a cegonha me trazer um bebê bonito. Foi um susto descobrir, de repente, que minha mãe tinha ficado enorme e que iria nos deixar por alguns dias, coisa que nunca acontecera. É mais fácil para uma criança esperar um bebê junto com a mãe, e não levar os sustos que vivi um dia.

E, só para completar, esclareço que a falta de açúcar para a cegonha não chegou a causar problemas: veio para nós, naquela ocasião, minha irmã Margaret, toda bonitinha, minha grande amiga, hoje.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Impressões de Viajantes

Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902

TEXTO:

PADRE JACOMO VICENZI

Os viajantes são personagens que deixaram para os pesquisadores contemporâneos um retrato bastante diversificado de vários aspectos observados no percurso de suas viagens. Este olhar por vezes acurado e entremeado de descrições das paisagens, cenas do cotidiano, relatos de pessoas e costumes regionais são elementos imprescindíveis para o historiador fazer uma releitura da História regionalizada.

Um exemplo é a obra escrita em 1902, intitulada: Uma Viagem ao Estado de Santa Catharina, de autoria do Padre Jacomo Vicenzi, publicada em Niterói no ano de 1904 pela Tipografia Amerino. O autor veio a Santa Catarina naquele ano em visita ao pai que se encontrava doente. Escrita em 125 páginas, o Padre Vicenzi, narra com muita propriedade desde o seu embarque no porto do Rio de Janeiro, a viagem como um todo, sua estadia no Desterro, Blumenau e localidades do Vale do Itajaí, culminando com o seu retorno ao mesmo porto de saída. Sem dúvida merece ser lido, avaliado e destas informações fazer um comparativo com a nova realidade deste milênio. Ao longo do ano publicaremos outros capítulos contidos nesta obra.

Ao Leitor

É a primeira vez que, em forma de livro, apresento ao público um pequeno trabalho, simples descrição de uma viagem. Embora habituado na imprensa, não é sem receio que a tanto me atrevo. Sei que pululam por toda parte publicações inúteis e perniciosas, e não queria aumentar-lhes o número.

Se pois atiro à publicidade esta brochura, é por ter sido encorajado por pessoas que me convenceram de que ela não será de todo inútil. E aqui peço permissão de oferecer estas páginas, em primeiro lugar àquele que me ofereceu ensejo de escrever, único sobrevivente dos que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

me deram a vida. É dever de um bom filho oferecer ao seu velho pai, que felizmente ainda possui, as primícias de seu trabalho. Em segundo lugar dedicarei estas linhas a alguns bons amigos que sempre se interessaram pela minha humilde pessoa, assim como pelos meus empreendimentos,embora nem sempre fossem coroados com êxito feliz. Citarei em particular os nomes bem conhecidos dos Doutores: Carlos de Laet, Affonso Celso e Comendador Aureliano Pimentel, os quais, sempre que os consultei, mostraram a melhor boa vontade para comigo, e muito contribuíram para que eu não recuasse, estimulando-me com a competência e sinceridade de sua palavra. Aceitem pois, este oferecimento como prova de afetuosa gratidão.

Espero que o leitor saiba relevar os defeitos do livro que ouso apresentar-lhe.

Padre Jacomo Vicenzi

O Embarque

Eram três horas da tarde do dia 25 de outubro, e eu estava prestes a partir. Uma grave enfermidade de meu pai chamava-me urgentemente para junto dele no Estado de Santa Catarina. Tinha de embarcar no *Itaperuna*, pertencente à Costeira, em que predomina o regime inglês. Imagine o leitor com que solicitude procurei nesse dia ser pontual. Sabia com que tinha de me haver. Recomendaram-me, na agência, fosse a bordo uma hora antes, cuidado este muito natural em quem com tanto empenho procura bem servir ao público na mais rigorosa observância de horário. Às 4 horas da tarde devia ser a partida.

Pelas 2 horas, o mais tardar, o *Itaperuna* devia ter desatracado do trapiche, e por este motivo mandei preparar uma embarcação para ir a bordo na hora aprazada. Tive uma verdadeira decepção.Ao nos aproximarmos do *Itaperuna*, (acompanhavam-me algumas pessoas) encontramo-lo ainda atracado, e em condições de quase não poder receber passageiros. Ladeavam-no algumas lanchas carregadas, sendo-nos mister trepar à primeira, passando depois de uma a outra, para, a muito custo, chegar ao convés do aludido vapor. Chegamos esfalfados; a tarde era quente e asfixiante. Quase todos os passageiros já se achavam a bordo. Nesse dia, como geralmente acontece no começo das viagens, vi que os meus companheiros eram gente estranha, e por isso, juntamente com as pessoas que até lá me tinham acompanhado, sentei-me numa parte do convés completamente desimpedida. Vendo que os bancos não eram bastante, para que todos se pudessem acomodar, aproveitei duas cadeiras próximas, sentando-me em uma delas, oferecendo a outra a uma moça que ainda ficava de pé. Mal tinham decorrido uns três minutos, e eis que um ilustre cavalheiro desconhecido, aproxima-se

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de mim aceleradamente, pedindo-me todo sôfrego lhe cedesse a cadeira. Levantei-me prontamente e obedeci. Compreendi logo ter cometido a falta de utilizar-me, por alguns momentos, de uma cadeira desocupada. Mas por fim tranqüilizei-me. O homem não se deu por satisfeito. Quase não teve tempo de transportar a cadeira à distância de alguns metros, que, sem eu esperá-lo, ouço-o intimar a se levantar sem demora a moça que com a maior segurança se ficara na outra cadeira. Todos os que assistiram a este requinte de *amabilidade* e *cavalheirismo* pretenderam que o tal cidadão não podia ser brasileiro. E tinham sua razão de assim pensar. Faz-me isto lembrar as palavras proferidas por um jovem argentino na minha volta para o Rio de Janeiro. Disse-me ele que ficara encantado pela meiguice e modos delicados do povo brasileiro. Esta fora sua primeira impressão. Com efeito a polidez é um dom natural, característico do povo brasileiro, e que se encontra nas classes mais altas, como nas médias e ínfimas. A prudência do seu falar, o respeito sem igual no tratamento, a franqueza de suas maneiras, mesmo para com as pessoas desconhecidas, todos estes modos cativantes distinguem incontestavelmente o brasileiro de qualquer outra nacionalidade.

Não deixarei de mencionar a consideração inexcedível dos homens para com a mulher, à qual, em todos os atos, por espírito de cavalheirismo, cedem sempre o primeiro lugar. Foi pois recebido com sentimento de franca reprovação o ato de indelicadeza que acabo de relatar. O seu autor, que disseram-me residir nos Estados do Sul, e que é conhecido pela alcunha de *poeta*, espero que muito possa se aproveitar desta singela narrativa, e que, doravante, se esforce por merecer do público as simpatias que aos delicados e amáveis cultores das Musas são tributadas.

A hora da partida se aproximava, ou melhor, já tinha passado: o calor continuava insuportável e já era tempo que cada qual se encaminhasse para os seus lares. Cumpria pois um duro dever, convidando as pessoas que até ali tinham-me acompanhado com grave incômodo, a não mais prolongarem o sacrifício que estavam fazendo, levadas a isso pela grande dedicação e amizade. Neste momento, convenci-me de que ir ao bota-fora de um amigo não é folia, é antes uma prova de estimação excepcional.

A despedida não devia ser por muito tempo, mas não deixou contudo de ser penosa.

Chegou a hora do jantar, findou a refeição e nem sequer um sinal de partida. Três anos antes, embarcando no mesmo vapor, notara entre os passageiros grande impaciência porque só às 5 horas, e não às 4, levantava ferro em demanda da barra! Queixaram-se então fortemente da falta da proverbial pontualidade inglesa! Tão mal a Companhia tinha habituado os que vieram antes de nós! Mas voltemos ao assunto. Só às 9 horas da noite terminou a carga do *Itaperuna*. Nesse momento deveríamos já

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

contar 5 horas de viagem. Às 9 e meia horas, retirou-se a lancha da Companhia: pensei que afinal íamos partir. Era tarde não havia dúvida, disse cá comigo mesmo, mas enfim antes assim! Pois bem, não passou de uma simples ilusão. O *Itaperuna* não se mexeu. Às 10 horas e 25 minutos, a lancha reapareceu, mas quase logo sumiu na escuridão da noite, sem que as máquinas dessem o menor sinal de vida.

A essas horas quase todos os passageiros tinham-se recolhido aos seus camarotes, enquanto no convés silencioso só se via três homens: dois dormiam tranqüilamente, o terceiro vigiava. Fora talvez inútil acrescentar que o terceiro era justamente quem agora vai traçando essas linhas. Lá estava portanto eu sozinho contemplando os dois companheiros a dormirem sossegados, completamente alheios aos cuidados da vida. Um era o Comissário de Bordo; o outro um negociante desta praça chamado Augusto de Oliveira. Foi este o melhor companheiro que tive em minha viagem até Blumenau. Eles dormiam, e eu, com passo um tanto concitado, passeava por sobre o convés; passeava e cismava. Eram dez e quarenta, quando tirei do bolso o meu terço, rezando-o, a par de outras preces, sem suspender o encetado movimento.À Nossa Senhora encomendei então a minha viagem e o futuro incerto que me esperava. Nessa ocasião o meu companheiro Oliveira se levantou e, sem proferir palavra, foi procurar no beliche melhor descanso. Eram 11 e um quarto e mal tinham passado 15 minutos, quando o último dos companheiros, seguindo o mesmo caminho, desapareceu silenciosamente. Estava portanto a sós, firmei no meu posto, mas como já me sentisse fatigado assentei-me em um banco e, recostando-me um pouco, continuei a cismar. Já não havia que duvidar: as esperanças estavam perdidas. Havia cerca de duas horas que estávamos no meio da baía, e o vapor parecia-nos andar vagarosamente. O movimento da máquina elétrica muito concorreu para produzir esta ilusão. Mais uma vez vi uma lancha avizinhar-se à escada de bordo que se conservava arreada; imediatamente reconheci nela a lancha da Companhia. Um leve sopro de esperança levantou de novo o meu espírito acabrunhado. Quem sabe, disse eu, se dentro em pouco não partiremos? Às 11 horas e 54 minutos, a lancha atracava no *Itaperuna* e, apenas dois minutos depois, destacava-se dele, ouvindo eu então uma voz que à nossa equipagem desejava uma *boa viagem*. Minha esperança tornara-se uma realidade: esta era a verdadeira despedida. A embarcação da agência ia não muito longe, quando de repente a luz se apagou. Olho instintivamente para o relógio: eram 12 horas! E ali tem o público um exemplo gritante da pontualidade da Costeira: 8 horas de atraso! Atraso não devido a causas externas mas, segundo ouvi afirmar categoricamente, devido exclusivamente à própria Agência da Companhia. Qual seria o motivo desta anormalidade? Entre outros comentários pouco lisonjeiros para a Companhia, afirmava-se que esses atrasos eram ultimamente muito comuns na Costeira, por ela também andar atrasada de meses e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

meses, no pagamento da férias de seus empregados. Será verdade? Não sei. O certo é que tais comentários pouco favorecem a Companhia, na qual parece introduzir-se, pouco a pouco, o mal que desabona o pessoal de quase todas as nossas repartições. Este mal, como todos sabem, consiste no relaxamento, as arbitrariedades e no quase abandono em que muitos empregados públicos deixam o seu posto ou emprego.

Era meia noite! Hora esta que, segundo as singelas e indeléveis narrativas de nossos avós, as almas do além túmulo escolhem de preferência para fazer suas aparições aos parentes e amigos sobreviventes. O *Itaperuna*, lá no meio da nossa baía, jazia no silêncio e na escuridão.

Só ouvi, pelo lado da poupa, e por poucos instantes, um desusado e surdo movimento nas águas, que me fez supor não longe a existência de algum mostro desconhecido. Nisso estava ainda a pensar, quando por fim ouvi distintamente o estrépito das máquinas; o ferro foi se levantando, e o navio, volteando preguiçosamente sobre si mesmo, ia tomar o rumo que lhe cabia seguir.

Muitas vezes, de dia como de noite, contemplava as belezas indescritíveis da nossa baía, mas nunca achei nela tantos encantos como nessa noite inolvidável. Viam-se de uma e outra banda milhares e milhares de luzes, que pareciam dispostas artisticamente para adornarem os morros e as colinas de Niterói e desta Capital, comunicando, especialmente a esta última, uma variedade de vistas que sucessivamente mudavam e se transformavam. No entanto, seguíamos para a saída da barra.

A vista ia tornando-se mais e mais deslumbrante. Sozinho, e de pé no alto do convés, contemplava extático o magnífico quadro que me circundava. Após mim deixava a cidade que, de quando em quando, eu me voltava para admirar; de um e outro lado erguiam-se, não muito longe, majestosas montanhas, enquanto em minha frente aproximava-se sempre mais a fortaleza de Villegaignon, iluminada por seis poderosos focos de luz elétrica. A marcha era regular, e ao passo que o *Itaperuna* progredia em sua rota, uma espécie de edifícios fantasticamente iluminados me feriam a vista, parecendo-me, na primeira impressão, misteriosos palácios, enquanto, ao aproximar-me deles, verificava serem navios mercantes ou naus de guerra. Às 12 horas e 20 minutos tínhamos ao nosso lado direito a ilha e fortaleza de Villegaignon, cujo consentimento devíamos solicitar. O *Itaperuna* fez a primeira chamada com apitos, queimando em seguida um lindo fogo de Bengala.

Mal se tinha este apagado, da próxima fortaleza retumbou um tiro de peça, acompanhado pelo resplendor vivíssimo e fulgurante de um fogo artificial semelhante ao primeiro. Já estávamos com a licença de transpor a barra e, com efeito, o *Itaperuna* acelerando sua marcha, levava-nos rapidamente para o seio do vasto Oceano.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Eram 12½ horas quando, satisfeito pelas rápidas impressões, que muito imperfeitamente acabo de registrar, desci para o meu camarote, que já me sentia fatigado.

Deitei-me contente: e não estava só. Muitos companheiros e amigos já repousavam tranqüilos, pessoas cujas relações de amizade acabava de contrair nesse dia.

Continuamos a navegar o resto da noite, todo o domingo e a noite seguinte, chegando a Paranaguá na segunda-feira, às 11 horas da manhã. Dentre os conhecimentos feitos nessa travessia, farei ao menos menção dos principais. Ocupa o primeiro lugar o senhor Augusto de Oliveira e Silva, negociante desta praça na *Praça do Mercado* 171 e 172. Ainda no dia do embarque, a hora do jantar, fomos vizinhos na mesa. Ele em primeiro lugar, dirigiu-me a palavra, dizendo que me conhecia de longa data pelos meus escritos no *Jornal do Brasil*. Acrescentou que teria o prazer de ter-me por companheiro até o último desembarque na cidade de Blumenau. Foi para mim de imenso jubilo encontrar, sem esperá-lo, um bom companheiro até o termo da viagem. De todos os conhecimentos este foi o mais íntimo, e muito contribuiu o senhor com seu gênio expansivo e folgazão para quebrar a monotonia do tempo. Foi, como se costuma dizer, um companheirão.

Logo no primeiro dia, me despertou a atenção um vizinho de beliche: era aluno da Escola Militar. Pelas conversas que lhe ouvira, notei que era um jovem afável e amante do saber. Bem logo travamos relações. Disse-me que era muito sujeito ao enjôo e que receava não resistir a este terrível e inoportuno incômodo. Esforcei-me por convencê-lo que esse mal é, em grande parte, devido à imaginação, e, para prova, alegava o que comigo mesmo sucedera. Muitas vezes eu tinha viajado, acompanhado sempre do mesmo incômodo, que desapareceu de todo desde o princípio de minha última viagem, feita a bordo do mesmo navio em que agora seguíamos.

O que eu dizia era, com efeito, a pura verdade; mas justamente quando pensava ter convencido o meu companheiro, o vi empalidecer rapidamente, retirando-se quase logo para o camarote com o estômago revolto.

Eu contudo estava convencido de ter toda a razão. Na última viagem que fizera para Santa Catarina, a hora do jantar fora exatamente o momento de transpor a barra. E como é sabido, costuma ser sempre mais agitada. Contra o meu hábito de todas as viagens precedentes, resolvi ir à mesa, e, com grande surpresa, jantei satisfatoriamente, e, ao voltar para o convés, já estava firmemente convencido de que o tal enjôo nunca mais me havia de importunar. Para confirmar o poder da imaginação nas pessoas embarcadiças, citarei mais um exemplo.

É o testemunho irrefragável de um outro companheiro da viagem que vou descrevendo. Era um engenheiro francês, empregado na Sorocabana que, com al-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

guns dias de licença, ia visitar a família residente em Curitiba. O Dr. H. Schewing (assim se chamava) durante o largo decurso de uns trinta anos de ofício, fez sete viagens à Europa e África, e nada menos de umas quarenta viagens pelas costas do Brasil. Apesar de tão longe navegar, nunca deixou de sentir em suas viagens as conseqüências do terrível incômodo do mar. Asseverou-me que quando determina fazer uma viagem dessas, oito ou quinze dias antes da partida aparecem-lhe vômitos violentos, como se já estivesse entregue à mercê de encapeladas ondas. É aliás o que acontece a várias pessoas quando permitem que sua fantasia se detenha a considerar certos remédios que, quando tomados, em outros tempos, lhe causarão a máxima repugnância. O mencionado engenheiro contaria aproximadamente os seus sessenta anos. No que se pode ajuizar dos homens pelo seu exterior, ele era homem reto, amante da verdade e escrupuloso conservador de sua dignidade. Muito fiquei edificado depreendendo que era um bom esposo e bom pai: amava sua família, se assim é permitido dizer, até o excesso. É raro ver um esposo atirado pela própria sorte de uma para outra parte, e que conserve inalterável em seu coração este amor sagrado à família.

Paranaguá

Disse, ainda há pouco, que chegamos a Paranaguá no dia 27 de outubro, às 11 horas da manhã. Da boca da barra até o porto há cerca de trinta milhas de caminho, que correspondem, mais ou menos, a duas horas de viagem. Nesse porto os vapores não podem aproximar-se da terra, por ser o mar muito raso, baixando ferro uma boa meia hora de Paranaguá.

Dos passageiros que iam no *Itaperuna* parece-me que só dois desembarcarão, com o fim de dar um passeio em terra. Antes não o tivessem feito. Eu e o senhor Augusto de Oliveira fomos os únicos a desembarcar. Antes de tudo fomos ao hotel tomar um café. Aí encontramos o engenheiro francês almoçando em companhia de sua família, que viera de Curitiba ao seu encontro. Parece-me que eram dois filhos, uma filha e a esposa. Antes ainda do desembarque, aproveitando sua boa vontade, entreguei-lhe dois grossos volumes da obra interessantíssima intitulada *Nel Paese dei Bramini*. Esses dois volumes eram ofertados por mim a duas associações católicas de Curitiba que, até hoje, nada infelizmente me comunicaram a respeito. Entregara-lhe também um requerimento para o senhor Bispo que prontamente me atendeu. Na nova despedida o Dr. Schewing prometeu-me que, na mesma tarde, o próprio filho levaria as encomendas aos seus destinatários.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Eu e meu companheiro Oliveira quisemos então percorrer a cidade de Paranaguá. Desse passeio guardei a mais desagradável impressão.

O sol conservava-se oculto, mas havia mormaço e sentia-se calor sufocante. A cidade sem movimento, completamente morta, parecia-se com um cemitério. Não sei devido a que, apoderou-se de mim um cansaço intolerável. Fomos à estação da Estrada de Ferro e não havia um banco; chegamos a um grande largo, ou melhor, a um vasto campo, em cujo centro avistamos um elegante caramanchão: para lá nos dirigimos, mas baldados esforços de encontrar um assento qualquer! Dirigimo-nos finalmente ao cemitério para vê-lo de perto, e aí também teria sido inútil procurar um lugar para um breve descanso. Daí depreende-se que a população de Paranaguá, ou nunca sai de casa, ou é pouco amante das comodidades da vida, e não mais solícita de as oferecer aos seus hóspedes e visitantes.

Depois de duas horas de penosíssimo andar, voltamos para o já citado hotel. Aí pedimos uma bebida que não prejudicasse a saúde, e o empregado da casa nos fez um *punch* (água e açúcar com aguardente) recusando-se depois a receber qualquer pagamento. E não só nos fez esta generosidade inesperada, mas ofereceu-nos uma garrafa da mesma aguardente, que era superior, e de doze anos. Agradecemos-lhe penhorados tanta gentileza. É agora escusado dizer que com isso ele ganhou mais dois fregueses, quando por aí tiverem de passar. Antes que nos retirássemos, foi-nos apresentado pelo gerente (o mesmo que nos acabava de servir tão bem) o dono da casa, que é o cozinheiro mór. É um velho baixo e de cor, jovial e barulhento, que, de avental e mangas arregaçadas, veio cumprimentar os novos hóspedes, como se de longa data fossem conhecidos da casa. Chama-se, creio, Tristão, nome que passou para o mesmo hotel, o qual, se encarado debaixo de certos pontos de vista deixa talvez alguma coisa a desejar, mas sempre há de ser procurado pelo bom sabor dos pratos que oferece à sua freguesia. Despedimo-nos, e pelas 3 horas da tarde, estávamos a bordo; às 4, devíamos partir em demanda da cidade do Desterro.

Se ao chegar a bordo, me senti bem disposto e descansado, atribuí tudo ao refresco tomado em terra e ao agradável passeio de bote. Aí encontrei os companheiros de viagem ansiosos de seguir para o sul.

Entre os passageiros (já velhos conhecidos de 48 horas) havia uma pequena família que reside no Rio de Janeiro. Eram quatro pessoas: pai, mãe, um menino de oito anos, e uma menina de sete. As crianças eram engraçadas, interessantes e de um desenvolvimento precoce. A menina, chamada Elsa, tinha feito comigo grande camaradagem.

Ao chegar de terra, encontrei-a com o irmãozinho jogando malhas, em cujo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

divertimento, por ser de minha preferência, entrei como parceiro, divertindo-me deveras até a hora da partida. Desse passatempo inocente guardei uma lembrança; causamos à Companhia um prejuízo, caindo-nos ao mar uma das malhas de couro. Mas consideramo-nos sem culpa por as grades não serem mais fechadas.

Eram 4 horas matemáticas quando o *Itaperuna* virava a proa para a barra, com grande satisfação de todos os passageiros. Até aí acompanhara-nos um vento nordeste, favorável, portanto, à nossa viagem. Agora, porém, mal acabávamos de transpor a barra, encontramo-nos com um vento sul frio e furioso, a que era quase impossível resistir. Para não atrasar a viagem com a coberta do navio, a marinhagem pôs todo o convés a descoberto. Todos os passageiros desceram, sem detença, para a sala ou para os camarotes; apenas três ou quatro ficamos em cima até as 7 horas da noite. Para mim, como para muitos, o camarote não é lugar de repouso, é antes uma prisão ou pior ainda. Essa noite então foi um martírio. O horrível calor sofrido em Paranaguá, e o vento gelado suportado à noitinha, por uma boa hora, produziram em meu organismo um estado febril que me durou toda a noite. Pela madrugada, estava com a garganta bastante atacada, e fiquei bem receoso de que os incômodos se agravassem. Ao amanhecer avistamos, não longe, a barra de Santa Catarina.

Santa Catarina

Eram, mais ou menos, 7 ½ horas da manhã quando passamos em frente à fortaleza de Santa Cruz. A baía ou entrada norte de Santa Catarina (não conheço a do sul) formada pelo continente e pela grande ilha em que está edificada Desterro, Capital do Estado, creio ser uma das mais lindas do Brasil. Para quem vai de norte a sul, ao lado direito fica-lhe a terra firme, ao esquerdo, a ilha também chamada de Santa Catarina. A perspectiva, de uma e outra banda é magnífica. Ilhas, colinas e montanhas espalham-se e se levantam por toda a parte matizadas de verde, cobertas de bosques, ou sombreadas de densas matas, notando-se aqui e acolá, nas alturas menos íngremes, e não as mais elevadas, bonitos pedaços de terra, cuidadosamente cultivada. A Capital fica na ilha e numa posição extremamente pitoresca. Antes de se avistar a parte principal da cidade, passa-se pelo estreito, em que a ilha e o continente mais se aproximam. Na ilha, bem perto do estreito, ergue-se um morro bastante elevado no qual, pela sombria arborização e pela originalidade dos monumentos, logo se reconhece o cemitério. Na extremidade oposta da cidade, à pouca distância do mar, avista-se, também no alto de um morro, o Hospital da Misericórdia, um dos mais importantes edifícios do Desterro, e que ultimamente passou por uma reforma geral. Entre esses dois

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pontos extremo, o primeiro do norte e o segundo do sul, acha-se a parte principal e mais antiga da Capital. Atrás da cidade, ergue-se uma cadeia de montanhas, que comunicam à Capital um encanto e beleza toda peculiar. Sobre o cume mais alto dessas montanhas descobre-se de longe uma alta cruz, ali colocada pela piedade do povo catarinense consagrada, na passagem do século, ao Santíssimo Salvador.

Às 9 horas da manhã, estávamos no ancoradouro. Ainda não chegara a visita de saúde, quando vi aproximar-se, em um bote, o meu velho amigo Trajano Leite que vinha receber-me. Feito o desembarque, seguimos para a residência dele, cuja esposa nos preparara um bom almoço. Esse amigo, em cuja casa costumo hospedar-me, é empregado da companhia inglesa do telégrafo submarino e fora meu condiscípulo, em 1885 no Colégio de Blumenau. É inútil acrescentar que dele recebo sempre agasalho, não só como amigo, mas como se fora uma pessoa de casa. Não sei como agradecer tanta dedicação, carinho e amizade. Como o almoço estivesse pronto, fomos para a mesa.

Não pude infelizmente corresponder às muitas amabilidades e gentilezas; continuava em estado febril, não podendo quase tomar alimento algum. À noite tratei de cortar o mal com um bom suadouro, no que muito me valeu uma dose da aguardente trazida do Hotel Tristão de Paranaguá.

Passei a noite melhor e já no dia terceiro estava completamente restabelecido. Dei graças a Deus, e de coração, por mais este benefício. Como ia visitar a meu pai gravemente enfermo e talvez morto (pois tudo eu ignorava), esperava ansiosamente o momento da partida para o porto de Itajaí. Um pequeno vapor do Lloyd, cuja carreira é entre Laguna, Desterro, Itajaí e S. Francisco, devia-nos levar ao desejado porto. No dia 28, tinha de seguir para Itajaí, mas eram já 29 do mês, e ele, nada de aparecer. Quando chegaria? Eis aí um profundo mistério! Laguna, onde o *Itapemerim* se achava, é um porto de difícil entrada, e, o que é pior, de mais difícil saída. Acontece muito a miúde que, mal aí entra um vapor ou um pequeno barco, as águas calam, ficando ele encurralado dois ou três dias, à espera do vento sul, o único que das águas dispõe a sua vontade. Ocasiões houve de uma embarcação ficar aí apresada quinze longos dias e até um mês. Laguna é, pois, um porto que muitos detestam por transtornar de contínuo os planos de tantos passageiros e causar ao comércio imensos prejuízos. Devia portanto armar-me de paciência, e esperar pelo momento suspirado que me parecia distanciar-se sempre mais em vez de se me aproximar.

No dia 30 de outubro, às 8 ½ horas da noite, assistia a uma reunião das conferências de S. Vicente de Paulo, na Matriz, quando ouvi distintamente um apito que me garantiram ser o *Itapemerim*, o que me causou imenso contentamento. No dia

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

seguinte fui, sem demora, à agência do Lloyd, à qual o *Itapemerim* pertence, para comprar a passagem. Ali recomendaram-me de embarcar no mesmo dia, antes das 9 horas da noite. Fiquei ainda mais satisfeito por saber que os vapores dessa carreira, costumavam levantar fero à meia-noite e chegar às 6 horas em Itajaí, onde sempre se encontra um vaporzinho pronto para levar os passageiros até Blumenau. E assim, o mesmo dia primeiro de novembro, chegaria ao ponto final de minha navegação.

Eram 8 ½ horas da noite de 31 de outubro, quando cheguei, em companhia de alguns amigos, à pequena ponte provisória que une o trapiche do Lloyd ao mencionado vapor. Aqui nos esperava uma surpresa muito desagradável. Um empregado de bordo comunicou-nos do convés que ninguém podia embarcar àquela hora, e que os passageiros deviam apresentar-se no dia seguinte, às 6 horas da manhã. Havia, entre outros, junto de nós, uma família com duas ou três crianças, que já tinha a bordo tudo que lhe pertencia, roupa, malas e as próprias camas. Pois de nada também lhe valeram as justas observações e os rogos para poder passar a noite ali. O empregado, que cumpria ordens, foi inflexível, impedindo o embarque a quem quer que fosse. Disse-nos serem as ordens terminantes do imediato do vapor.

Esse fato inaudito provocou um clamor de indignação. Com efeito, mesmo que os passageiros não tivessem direito, nenhum prejuízo causariam à Companhia, passando ali uma noite. Mas eles tinham direito à dormida, em virtude das ordens expressas da agência de se acharem a bordo antes das 9 horas da noite. Pelo que ouvi dizer, a culpa não foi da Agência, nem do Comandante Souza, homem pontual e correto, que nessa ocasião, estava em gozo de licença, por enfermidade. Afirmaram que isso não passou de uma rude e habitual arbitrariedade do imediato, que todos conhecem pela alcunha esquisita de *Badejo*.

Fiquei triste ao presenciar com meus olhos tais irregularidades e desmandos nas barbas da agência, sem que ela tomasse providências para castigar os culpados, dando assim uma satisfação ao público e aos passageiros. Isso me deu anseio a que aprendesse coisas que completamente ignorava. Até esse dia eu pensava que todas as Companhias de vapores fossem dirigidas por suas respectivas diretorias e pelas agências dos diversos portos. Estava completamente iludido! Soube então que os comandantes mandam e desmandam a despeito das agências. Eis um exemplo bem moderno, pois se deu por aqueles dias, na cidade do Desterro:

Chegou um navio do Lloyd; eu estava na agência. Esta, por aglomeração de serviço, marcara para o meio-dia, a partida do vapor. O comandante não esteve de acordo, marcou às 10 horas e a sua palavra se cumpriu. Isso me escandalizou muito, mas os amigos disseram-me que é o que se dá diariamente.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Veja-se a que ponto chegamos! Sobre isto remeti imediatamente um protesto para o *Jornal do Brasil*, chamando a atenção da Diretoria. Esse protesto enviei-o, com mais umas quatro ou cinco cartas, para um amigo do Rio, tudo em um pacote registrado. Pois bem, depois de dois anos e tanto, o tal pacote ainda não chegou ao seu destino! Coisa análoga sucedera-me três anos antes. Pelo telégrafo nacional, mandei do Desterro um telegrama para outro amigo do Rio. Cinco anos já se passaram, e o pobre do telegrama ainda está em viagem! É o caso de se dizer, uma e muitas vezes: *Para quem apelar?*

O *Itapemerim*, que às 6 horas devia sair do porto, só às 7 horas e 40 minutos começou a se mexer, e isto, segundo ouvi dizer, por culpa do imediato. Tudo estava pronto; e perguntei então a um marinheiro: "Por que não partimos já?" Respondeu-me: "O imediato ainda está em terra". E desta forma foi ele mais uma vez causa de um grave incômodo dos passageiros, que tiveram de madrugar e fazer tudo precipitadamente, para depois ficarem duas longas horas esperando resignadamente pela saída.

De viagem para Itajaí

Às 8 horas, por fim, o *Itapemerim* começava a andar, e nós dávamos o último adeus à pacata cidade de Santa Catarina.

Tomamos rumo para o Norte, em direção ao porto de Itajaí. Essa viagem, que um vapor de marcha regular faz no espaço máximo de cinco a seis horas, dura não menos de 9 horas no *Itapemerim* que, como é costume dizer-se, é uma verdadeira carroça.

Eram quase 4 ½ horas quando transpúnhamos a estreita e difícil barra do Itajaí, barra cuja vista despertava em minha alma tantas saudades.

Às 5 horas, estávamos prontos para o desembarque. A primeira pessoa conhecida que vi em terra foi o bom amigo Joca Brandão, filho do meu velho amigo Manoel Marques Brandão, proprietário naquela cidade. Finalmente, já estava desembarcado, quando avistei com grande contentamento o dedicado e grande amigo Ângelo Rodi que, apesar do reumatismo que o acabrunhava, vinha ao meu encontro para me levar, como de costume, à sua residência. É escusado falar no afetuoso agasalho que me é sempre prodigalizado por essa família genuinamente cristã. A esposa do senhor Ângelo Rodi é uma senhora mui piedosa, a qual com o seu exemplo insinua, nos que a conhecem e se lhe aproximam, o amor à virtude e os mais elevados sentimento de fé. Poucos momentos depois de minha chegada soube que o dia seguinte (2

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de novembro) seguiria para Blumenau o pequeno *Jahn,* um dos três vaporzinhos dessa pequena companhia de navegação fluvial.

Eram 7 horas da manhã, quando o *Jahn* dava último sinal de partida. A viagem entre Itajaí e Blumenau é uma das mais encantadoras e amenas que eu conheço. A navegação é feita pelo rio Itajaí que até Blumenau tem a distância de 53 quilômetros. Nesse dia, suas águas eram amarelas, sinal certo de enchente, ou, como muito bem dizem os marinheiros e habitantes de Itajaí, *o rio trazia água do monte.* A viagem, por conseguinte, devia ser mais vagarosa, por causa da maior violência do movimento das águas. O rio não é muito largo, e por isso torna-se mais atraente, ostentando de perto aos passageiros suas ribanceiras eternamente verdes. Nos lados direito e esquerdo, à altura de poucos metros, estendem-se férteis planícies, cultivadas por lavradores, ou reduzidas a pastos, cuidadosamente tratados pelos criadores de gado. Na distância de cem ou outras centenas de metros, erguem-se outeiros e montanhas, vestidas até os cumes de densas florestas. Nesse longo percurso de mais de cinqüenta quilômetros sucedem-se às vistas de mil formas diferentes. Desce o rio, com marcha mais ou menos regular, tortuoso e lento, abrindo caminho pelas planícies, serpeando em derredor dos morros, apertando-se mais ao passar entre augustas gargantas, deixando por fim, após matos, capoeiras, pastagens, habitações e choupanas, para, de instante em instante, tornar a ver os mesmos quadros, mas com diferentes aspectos. Passam assim rapidamente os momentos e as horas desse passeio cheio de encantos.

É costume munirem-se os passageiros, antes do embarque, de algum alimento, como no Rio costumamos fazer, quando vamos a um pic-nic. Julguei prudente seguir o exemplo dos mais experimentados e práticos. O meu bom Basílio, que costuma acompanhar-me de Santa Catarina até a colônia de Blumenau, preparou um boa galinha com farofa, oferecida generosamente pela generosa D. Anna Rodi. A bordo me encontrei com o velho camarada Augusto de Oliveira, que desejava ansiosamente ver pela primeira vez a cidade de Blumenau. O vapor em que seguíamos, era uma embarcação minúscula. Mediria uns dez metros de comprimento,e não mais de três ou três e meio em sua largura máxima. Éramos uns doze ou quinze passageiros, e já estava literalmente cheio! Nunca, talvez, em seus quinze ou mais anos de existência andou tão apinhado. A razão disso é que o *Jahn* foi construído exclusivamente para levar cargas, ou rebocar barcos cheios de mercadorias. Eram 9 ½ horas, e já o apetite, ou melhor, uma fome devoradora nos apertava. A manhã tinha estado fresca, e uma puríssima viração matinal produzira o efeito do melhor dos aperitivos. Tratamos pois de aprontar o necessário para a refeição. O difícil era encontrar um lugar, que, apesar de o não ser, fizesse às vezes de mesa. Alguém teve a feliz idéia de nos levar para a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

proa do *Jahn*; seguimo-lo sem demora. Nem havia perigo que algum dos companheiros do grupo improvisado pusesse a proposta em discussão ... A parte elevada que servia de mesa tinha a superfície de quase um metro quadrado. Ali colocamos tudo que possuíamos para tal fim, e, todos de pé, em roda da *mesa*, pusemo-nos a comer. Éramos cinco ou seis companheiros, de sorte que, o que um não podia fornecer, o outro tinha em abundância.

Havia pão com manteiga, bom queijo e carne assada a fartar; mas, modéstia a parte, a galinha assada com farofa foi um verdadeiro petisco. Porém, não foi tudo, que o amigo Oliveira apresentou na mesa. Para complemento do *banquete*, três garrafas de vinho de uva superior que acabava de receber de presente do conceituado e muito estimando negociante de Itajaí, o senhor Asseburgo. Em poucas palavras, esse almoço ao ar livre, consumado admiravelmente, não com talheres bem areados, mas simplesmente, como cá dizemos em linguagem de casa, *a unhas e dentes*, foi um verdadeiro banquete principesco.

Era 2 de novembro de 1902, ano esse que nos últimos não teve igual na intensidade e duração do calor, pois sentiu-se de um modo extraordinário em todos os pontos do Brasil. À medida que o sol caminhava para o seu zenith, de tal forma inflamava de mais a mais a atmosfera, que, por volta das 11 horas para o meio-dia, o calor era tão forte que aqui como no Rio de Janeiro, raras vezes e talvez nunca, o senti tão asfixiante e aflitivo.

A despeito do contínuo movimento do navio e da maior velocidade das ondas contra que navegávamos, a menor aragem não dava sinal de vida: em vão se procurava, onde quer que fosse, o mínimo refrigério. Os entendidos anunciaram-nos próxima tempestade. Às 2 horas da tarde chegamos à cidade de Gaspar, principal porto entre Itajaí e Blumenau. Disse principal, porquanto não é o único. Esses diversos portos são contudo muito curiosos e originais.

Surpreende-nos, muito freqüentemente, o apito do pequeno vapor que, sem mais nem menos, se encaminha para uma das margens, dirigindo-se para um ponto qualquer, unido por um trilho a uma próxima casa ou palhoça. Um dos empregados de bordo atira para terra um pequeno cabo, que imediatamente é apanhado por um homem ou rapaz, que está à espera, e então, com a maior presteza, os empregados colocam uma táboa, que serve de ponte para desembarque de um saco ou de outro volume e mesmo de algum passageiro. O mais engraçado é quando o porto improvisado serve apenas de correio particular: ouve-se um apito, o navio se aproxima uns dois metros da terra, sem parar, enquanto um empregado, ou mesmo o chefe, arremessa a encomenda para junto de seu destinatário. O pequeno embrulho consiste em

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

uma ou duas cartas amarradas num pedaço de pau do tamanho de um palmo. Foi-me dito que todos esses privilegiados são acionistas da pequena Companhia, que tem esses favores. Essas pequenas paradas não aborrecem a ninguém por serem rápidas, e tornarem a viajem mais divertida. Em Gaspar, demoramo-nos uns 15 minutos. Enquanto uns foram ver a próxima cidade, outros ficamos sobre a relva da margem direita do rio. Ali começa uma encosta bastante íngreme, a qual se levanta acima do leito do Itajaí talvez uns cinqüenta metros. No alto dessa elevação começam as casas da cidadezinha, plana, mas, como se vê, bastante elevada, e fora de qualquer perigo de inundações.

O céu começou a escurecer, enquanto do lado de Blumenau, nos ferem de vez em quando a vista raros e longínquos coriscos. Dado mesmo o caso que alguma tempestade tenha de desabar, não é, dizia cá com os meus botões, tão cedo que nos há de incomodar. Os distanciados relâmpagos pareciam tê-la afastado para bem longe. Enganei-me redondamente. Mal nos tínhamos destacado de terra em demanda de Blumenau, nos acometeu uma tempestade súbita e violenta de aguaceiros, enxotados de contínuo pelo ímpeto de caprichosas ventanias, que nos mortificavam, ora pela frente, ora pelos lados, não permitindo aos marinheiros que, com toldos laterais apropriados viessem defender-nos a tempo de tão furibundas rajadas. O *Jahn* estava coberto à moda dos nossos bondes do Rio, mas de nada lhe valeu a coberta. Fomos atacados com maior veemência do lado esquerdo (vem o ser o lado direito do rio) pelo que nos recolhemos todos do lado oposto, abrindo os guarda-chuvas, para em parte nos defendermos da tormenta.

Quando os elementos serenaram, o convés estava todo alagado, nem se sabia onde colocar os pés, ou descansar um pouco. E assim, nesse estado, que contudo não era dos mais deploráveis, chegamos às 4 horas da tarde, a Blumenau.

Blumenau é uma cidade pequena, moderna e é sede desse florescente município que, há pouco mais de 50 anos, foi fundado por um velho prussiano que lhe deixou o próprio nome. Parece incrível que, no curto espaço de meio século aquelas matas virgens se transformassem no mais próspero município de Santa Catarina. Não pretendo fazer o histórico daquela colônia, hoje município de Blumenau; desejo tão somente oferecer aos meus leitores uma pálida idéia da sua transformação.

Blumenau

Quando no ano de 1850 o senhor Blumenau chegou àquelas paragens, pouco ou nada encontrou, a não ser talvez (faltam-me os dados necessários para afirmar com certeza) um certo número de brasileiros que habitavam às margens do mesmo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rio Itajaí. De passagem, farei observar que esses moradores dão uma fraquíssima idéia, senão errada, do povo brasileiro em geral. Pouco eles falam da indústria e menos ainda do comércio; vivem uma vida quase nômade, alimentam-se de pesca e de caça, afastando-se periodicamente do lar em busca de caças mais abundantes.

E quanto ao solo fertilíssimo que ocupam, tirando-se uma ou outra plantação de cana, pouco ou nada se vê de cultivado, a não ser em torno de suas pobres choupanas, onde todos costumam plantar um pedacinho de milho, cujas espigas, em tempo oportuno, antes de maduras, são colhidas, assadas sobre as brasas e comidas como raro e precioso manjar. No mais possuem eles qualidades comuns ao resto dos brasileiros, não devendo omitir a afabilidade e delicadeza, qualidades que incontestavelmente distinguem este povo de qualquer outro. A disposição topográfica desses vastos territórios era a melhor possível para a colonização. São bacias mais ou menos paralelas formadas por diversos rios de maior ou menor grandeza, sendo que os menores desembocam nos maiores, e estes lançam suas água no maior do município que é o próprio Itajaí. Essas bacias são planícies de largura média de um a dois quilômetros. Essas planícies são ladeadas por cadeias de altas serras, cobertas até os cimos de soberbas florestas. O sistema de colonização foi, como há pouco acabei de dizer, favorecido pelo sol. Cada colono recebia do governo um lote de terra (mata virgem) com duzentos metros de frente e mil de fundo.

O engenheiro encarregado de dividir as terras, examinava antes de tudo o que lhe cabia fazer. O rio era de ordinário seu guia predileto. Se do leito de um rio até o pé da serra, só houvesse umas centenas, ou mesmo mil metros pouco mais ou menos de distância, abria uma picada por entre aquelas selvas sombrias, nunca se afastando do leito do rio. Desta forma, ficava uma série simples de lotes ou colônias, e isto pode ser comparado a uma rua junto à praia do mar, ficando de um lado as casas, do outro o Oceano. Se pelo contrário a extensão era notavelmente maior, neste caso o engenheiro abria a picada a uns mil metros mais ou menos de distância do rio. É fácil de ver-se que essa distância era muito relativa, descendo muitas vezes abaixo de quinhentos metros, outras subindo até cerca de dois mil. Os lotes que ficavam do lado da serra não podiam ultrapassar os mil metros.

Os colonos foram durante alguns anos favorecidos pela imigração completamente gratuita. Logo que chegavam a Blumenau eram auxiliados nos primeiros meses, embora com quantias muito reduzidas. Recebiam, além disso, cinqüenta mil réis para construção de uma cabana no próprio terreno. Cada qual procurava tomar posse, quanto antes de sua bela propriedade. Todos eram animados pelo mesmo pensamento: amor ao trabalho.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

As famílias permaneciam por alguns meses na sede da colônia, hoje cidade de Blumenau. Os pais da família e os filhos já homens partiam, em pequenos grupos, todos munidos de foices e machados, encaminhando-se para seus respectivos terrenos, que a princípio ficavam na vizinhança e mais tarde foram-se afastando vinte, trinta e mesmo acima de cinqüenta ou sessenta quilômetros. Chegando os diferentes grupos ao seu destino, escolhiam um ponto cômodo para todos, ali levantavam de improviso um barracão, e em cada lote, junto à picada, já se sabe, faziam uma pequena derrubada. A seu tempo faziam a queimada, semeavam os cereais mais indispensáveis para sua própria subsistência e, depois de vencidas as dificuldades dos primeiros meses e de se aproximar o tempo da colheita, tratava cada qual de trazer para junto de si, na própria choupana, (que a este tempo já não conviviam mais no barracão, como a princípio eram obrigados pela necessidade) sua família. Todos então, de comum acordo, cuidavam não só na lavoura, mas em ter também sua criação, trabalhando todos satisfeitíssimos, como homens livres que eram, naquelas paragens solitárias que iam tomar vida após tantos séculos de mudez e inalterável silêncio. É difícil aquilatar a veemência dos sentimentos que então experimentara esse povo laborioso que, depois de ter deixado para sempre a terra natal, com um doloroso adeus, e depois dos inevitáveis sofrimentos e privações de uma longa viagem, via-se em um novo país, uma pátria adotiva que o agasalhava com carinho, e que lhe oferecia generosamente terras fertilíssimas e abundantes, cujas brenhas escuras o extasiavam e lhe prometiam próximo futuro cheio de esperanças. O preço dessas terras era quase nulo e só uns vinte e mais anos depois é que começou a cobrança.

Voltemos agora ao assunto. Reconheço ter-me afastado dele, o que fiz com a intenção de dar ao leitor uma idéia do processo que lá seguiram para a colonização das terras devolutas.

Os efeitos não se fizeram esperar: foram rápidos e maravilhosos. Muito as coisas mudaram de então para cá. Outro é agora o aspecto daquelas paragens as quais o que perderam em poesia, ganharam em comodidades e no desenvolvimento comercial e industrial. Eram cerca de 4 horas da tarde, quando o *Jahn* deu o sinal da chegada. Devido a uma rápida curva do rio, o passageiro encontra-se, sem o esperar, em frente da cidade, na distância de poucas centenas de metros.

O primeiro edifício que depara à vista é a torre da igreja matriz, pequena, mas elegante e de estilo gótico.

O apito do vapor espalha habitualmente no coração dos habitantes de Blumenau um alvoroço de íntima alegria. Uns esperam cartas, outros encomendas ou visita de pessoas amigas, de maneira que, num abrir e fechar de olhos, vêm descendo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de todos os pontos pessoas de diferentes idades e condições, o que muitos fazem por simples curiosidade e distração. Este movimento extraordinário e a presença agradável dos habitantes de Blumenau, tudo concorre eficazmente para produzir no passageiro, a melhor impressão. De Itajaí tinha telegrafado a um amigo, pedindo-lhe viesse receber-me, não por luxo, senão para que me apresentasse aos Revmos. Padres Franciscanos, em cujo convento costumo hospedar-me. Sabia que já não eram os mesmos que encontrara em minha última viagem, e por isso não lhes tinha mandado aviso algum.

Desembarquei, examinei de relance os presentes e tive a decepção de não encontrar entre eles o amigo esperado, o que me pôs em certo embaraço. Assim mesmo segui para lá, onde fui recebido de modo que mais uma vez cativaram meu coração esses bons filhos de Francisco de Assis. A essas horas já tinha tido notícia de que meu pai se achava em franca convalescença, o que me tirou do coração um peso que me oprimia.

As saudades contudo, quanto mais próximo de casa, mais me apertavam: havia mais de três anos que não via minha família e os bons amigos que estimo de coração desde a infância.

O meu primeiro cuidado, na hora do desembarque, foi ajustar um carro, para que, às 5 horas do dia seguinte, estivesse à porta do convento à minha espera. A noite pareceu-me mais comprida do que nunca; mas afinal passou.

Às 4 e pouco da madrugada levantei-me. Era uma segunda-feira, três de novembro, dia, nesse ano, consagrado às almas, pelo que, às 4 ¾ celebrei a missa de finados. Às 5 ½ já estava no carro, pronto a partir. Foi nessa ocasião que vi aproximar-se do carro o amigo, a quem na véspera esperara encontrar ao meu desembarque. Desculpou-se, atribuindo a incômodos a falta cometida, e, para prova, pediu-me que na volta lhe expedisse de Indaial (25 quilômetros acima de Blumenau) um telegrama. Vi nesse pedido um excesso de gentileza, agradeci penhoradíssimo e prometi satisfazer-lhe o desejo. Acabada a conversa, que duraria talvez meio minuto, fiz sinal ao cocheiro para partir, transmitindo-o ele imediatamente aos quatro cavalos que prontamente obedeceram.

A viagem não era pequena. Cinqüenta quilômetros de caminho separavam-me da residência de meu velho pai, o qual ficava em um lugar denominado : *Caminho dos Pomeranos*, em Alemão: *Pomerstrasse*. Esse caminho, ou rua, se quiserem, é habitado de ambos os lados, devendo notar-se que os moradores da esquerda têm, de certo ponto em diante, o rio Cedro fazendo frente com os seus terrenos. Chama-se Pomeranos, porque seus primeiros moradores foram alemães vindo do Pomerânia.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A essas ruas, que mais propriamente se chamam caminhos, os seus habitantes, de origem italiana, lhes aplicam o nome significativo de *valles*, e isso tem sua razão de ser, se atendermos à lição topográfica desses territórios. Os caminhos são ordinariamente bons. Carros e especialmente carroças os percorrem diariamente em todas as direções.

A conservação dos caminhos corre por conta dos colonos, obrigados, duas vezes por ano, a limparem e concertarem a frente de seus terrenos, sob pena de serem multados pela câmara.

Muitas pessoas conheço que, em um dia, vão a pé, de Pomeranos a Blumenau em dez e mesmo em oito horas. Um carro, sendo bom tempo, pode vencer esses cinqüenta quilômetros em quatro ou cinco horas. Eu porém não fui tão feliz: tinha chovido bastante, de sorte que a lama, pisada pela contínua passagem dos cavalos e carroças, nos atrasaram extraordinariamente a marcha. Na pequena povoação do Indaial, última agência do Correio, como também última estação telegráfica, descansamos uma hora e meia para almoçar. O viajar por aquelas partes é diferente do que acontece viajando, por exemplo, pelo Estado do Rio ou Minas.

No município de Blumenau, por onde quer que se ande, encontram-se habitantes, de ordinário, de ambos os lados do caminho. Isso torna a viagem muito divertida, pois a cada instante, se encontra: ora um viajante, ora uma carroça carregada de gêneros; enquanto, por toda parte, se avistam no campo famílias interiras ocupadas no cultivo da terra. Os alemães, bons lavradores, são contudo, mais propensos à criação de gado; os italianos dedicam-se com preferência à lavoura. Todos eles obtêm, com seus suores, das entranhas da terra, os gêneros alimentícios necessários pra a própria subsistência. Entretanto eu continuava o meu caminho, enlevado de contínuo por esses quadros singelos e atraentes. Cada passo que dava trazia-me ao coração novas e doces recordações.

A população do município de Blumenau é, em sua quase totalidade, ou alemã ou italiana, pelo menos na origem. Pode-se contudo dizer que as pessoas de vinte e cinco ou trinta anos para baixo, todas nasceram no Brasil. Os que vieram da Alemanha, creio que quase todos são prussianos; os chamados italianos não são italianos senão na língua, sendo quase todos eles naturais da Áustria isto é, do Tyrol. Na distância de cerca de hora e meia de casa, comecei a passar por entre moradores italianos, em cujo número conto as mais íntimas e sinceras relações. Sempre que, de visita, passo por lá, os que me vêem, não podem deixar-me passar, sem se aproximarem do meu carro, cumprimentando-me e tomando-me respeitosamente a bênção. Que íntima alegria experimento, toda a vez que chego àqueles mágicos lugares! Apesar

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dos caminhos ruins e das diversas paradas, cheguei ao fim da viagem às 2 ½ horas da tarde. Era esperado, mas alguns dias mais tarde. Encontrei, graças a Deus, todos bem, e meu pai, que tinha estado em perigo de vida, já andava e comia com certa regularidade: enfim, achei-o enfraquecido, é verdade, mas quase bom. Descrever agora o regozijo indescritível de meu pai, irmãos, irmãs, sobrinhos, parentes e amigos, é coisa impossível de fazer. Ser-me-ia muito mais difícil descrevê-lo do que ao leitor imaginá-lo.

O Mestre Escola

No percurso de Blumenau a Pomeranos encontrei diversos conhecidos e amigos que me puseram em dia sobre as principais novidades e acontecimentos que me interessavam. O principal de todos foi-me narrado no momento em que desembarquei do pequeno *Jahn*.

Fiel ao meu programa, que consiste em registrar nestas poucas páginas as impressões recebidas nessa última viagem, não deixarei de transmitir aos meus leitores esse fato que não deixa de ter um quê de curioso e extravagante.

Existe em Pomeranos um mestre-escola, vindo do norte da Itália há cerca de 26 anos. Desde que ali chegou, apesar de lavrador, nunca deixou de dedicar ao menos uma parcela de seu tempo ao ensino das crianças e da mocidade.

A princípio dava aulas noturnas que eu mesmo por algum tempo freqüentei. Pelo voto geral dos pais de família, aceitou por fim a escola primária particular, à qual, a despeito dos muitos contratempos e contrariedades, tem consagrado, até hoje, dezessete anos de sua vida. Das doze ou quinze escolas paroquiais pertencentes aos católicos de língua italiana, não há em todo o município exemplo de tanta perseverança e dedicação neste magistério tão ingrato e tão mal recompensado naqueles lugares. A esse mestre-escola, que por bastante tempo foi também meu mestre, dedico amizade profundamente sincera, admirando nele predicados verdadeiramente especiais. Como professor tem um dom inexcedível. Para com as crianças é de bondade imperdoável em qualquer outro, porquanto, não obstante as insistentes recomendações de muitos pais de família, nunca foi capaz de aplicar a um de seus pequenos alunos o menor castigo físico. Qual será o resultado desse sistema? A resposta há de, com certeza, surpreender os meus leitores. Não conheço outro exemplo em que as crianças progridam tão rapidamente, como os discípulos desse humilde e modestíssimo mestre-escola.

Um predicado que nele admiro imensamente, é o amor de pai extremoso com que trata as crianças e a fé viva que lhe domina a alma e sabe infundir de modo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

admirável naqueles corações ternos e inocente. As mães cristãs tão zelosas por lá no formarem o coração de seus filhinhos, lhes confiam com plena certeza de que ele completará a obra por elas encetada.

Estou vendo agora que ainda não entrei no assunto de que prometi ocupar-me. Em todo caso, antes tarde do que nunca, diz o ditado.

Ele, como todos nós, tem também suas cismas ou manias. Viera da Itália viúvo, trazendo consigo uma filhinha que, com os anos, ficou moça, desaparecendo porém do número dos viventes, com imensa dor de seu pai angustiado! Contava apenas 20 anos de idade.

Era proprietário, professor e lavrador: vivia trabalhando, mas completamente independente, e gozava, como se costuma dizer, de uma saúde de ferro. Qualquer outro em idênticas condições, teria pensado em casar-se. Ele não foi deste parecer. O que mais o atemorizava era sem dúvida a responsabilidade de nova família. Longe de ter vícios, era antes piedosíssimo e recebia com freqüência os sacramentos. Aposto contudo que, se não fosse um lutador, o ponto nele mais vulnerável seria o próprio coração. Para norma de sua vida tinha escrito três sentenças, ou antes três resoluções que o público, já havia muitos anos, sabia de cor. O que ele queria dizer com as tais sentenças era que nunca mais havia de casar, nem ter empregadas em casa. Eis aqui, como ele resumira em palavras lacônicas o seu pensamento inabalável: *Casar não; criada, não; fora de casa, não.*

Era pois seu firme propósito não casar. Sabiam-no os alunos, e todos os pais tinham ouvido dizer o mesmo algumas dezenas, ou centenas de vezes. Mas quem somos nós para (independentemente de um voto eterno cuja violação nos enche de um temor sobrenatural) podermos contar com o mais completo domínio do nosso coração, especialmente nas coisas lícitas?

Fronteira ao sítio ou fazendola do aludido professor, morava uma família com quem, desde o primeiro ano, contraíra as mais íntimas relações. Ali costumava freqüentemente passar as horas de tédio, nas mais animadas e agradáveis palestras.

Há poucos anos morreu o pai de família, deixando a viúva com um filhinho e quatro filhas. Esse novo estado de coisas veio surpreender pouco a pouco a paz inalterável do nosso quase anacoreta. Até essa data sua vida fora muito parecida com a de um cenobita.

Findas as aulas pelo meio-dia, consagrava o resto do tempo no cultivo da terra, e mais especialmente no trato de um vinhedo, que fazia, para assim dizer, suas delícias.

No alto de um monte, que ficava em seus terrenos, construíra uma capela,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

consagrando-a a N. S. de Lourdes. À noitinha, para lá se encaminhava sozinho, levando na mão direita um bastão, e na esquerda uma lanterna, e, prostrado aos pés da Virgem Imaculada, desafogava sua alma piedosa e profundamente cristã.

A antiga amizade de que acima falei, foi tomando, sem que o percebesse, outra feição; não era como antes; inquietava-lhe agora o coração. A amizade sucessivamente se foi transformando em simpatia, amor e mesmo em paixão que lhe não era mais possível ocultar. O ponto engraçado foi que ainda tentou, por algum tempo, resistir a si mesmo, não querendo dar-se por vencido, e sustentando a nota que não pretendia nem queria casar-se. Último mas inútil esforço de uma vontade abalada. Quanto mais procurava aparentar indiferença no caso, tanto mais lhe ia o público descobrindo o fraco. Deu-se o que era inevitável e sucede a todos os namorados cautelosos e prudentes: ele pensava piamente que, do pouco que havia, o público não conhecia a centésima parte; este, pelo contrário lhe atribuía impiedosamente cem vezes mais que a própria realidade. É difícil imaginar o vivo interesse e o alvoroço do povo por esse caso em que só os dois interessados deviam ocupar-se. O aludido mestre era homem de bem, e pode-se afirmar que ele só, tinha instruído e educado a mocidade dos últimos 25 anos. Todos portanto o estimavam e tomavam o maior interesse por tudo que lhe acontecia. Apesar de suas afirmações em contrário, o público tinha como certo que brevemente assistiria às segundas núpcias do querido mestre.

Já ninguém se lembrava, nem fazia caso de sua tríplice resolução que até ali parecia inexpugnável. Como continuasse a insistir em suas negativas, o público pressentiu nele a intenção de os iludir a todos, por isso redobraram de vigilância, pois não podiam admitir que se desse com um homem tão popular um tal acontecimento sem que fosse devidamente festejado. Ficaram, pois, todos de sobreaviso.

Existe um costume entre os moradores daqueles lugares, oriundos de italianos, e mesmo, creio, de alemães, de festejarem de um modo muito original o casamento de um viúvo, embora uma das partes nunca se tivesse casado. Eis aí por certo a principal causa do empenho que havia de ocultar o casamento em questão.

Um casamento de viúvos é, para a mocidade, e até para muitos casados, um acontecimento e uma verdadeira folia. Ajuntam-se em grande número na noite em que se realiza o casamento, colocam-se em frente da residência dos recém casados, e então começam a executar uma música originalíssima em que, para ser mestre e muito aplaudido, não há necessidade de ensaio. Cada qual leva o instrumento que mais lhe agradar pois, por muito desatinado que seja, no fim de contas sempre dá certo. Os instrumentos mais usados são: campainhas, chifres furados, e panelas quebradas. O instrumento, contudo que mais concorre para animar o *grandioso* espetáculo, sendo o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

preferido por uma boa parte dos *músicos*, talvez por sua sonoridade *doce* e *suave*, são as latas de querozene. Calcula-se agora toda essa diversidade de instrumentos tocados com todo o fervor, durante horas inteiras, por trinta, ou quarenta e mais rapazes, que pandemonium hão de produzir! Se o recém casado, depois de algumas horas de tão *penoso trabalho*, em sinal de gratidão e recompensa, os convidar amavelmente para sua casa, e lhes oferecer um copo de vinho, uma xícara de café, ou mesmo um simples cálix de aguardente, tudo termina depressa e com a maior satisfação de todos. Se, pelo contrário, o festejado, por teimoso, não quiser praticar esta pequena delicadeza, neste caso as harmonias recomeçam e prolongam-se indefinidamente em dias subseqüentes. Para provar, apresentarei um fato que não pertence à antigüidade.

Menos de um ano antes que eu lá chegasse, um meu vizinho viúvo casara-se com uma das filhas (solteira) da viúva hoje em questão, mas entendeu que era desaforo fazer a vontade aos malucos, e ficou firme no propósito de nada lhes oferecer. Na primeira noite, *apreciou a música* até madrugada; na segunda, na terceira e quarta, da mesma forma. Vendo que a coisa não acabava, quis pregar em todos uma peça, iludindo-os. Retirava-se à noitinha pelos fundos da casa, e, por uma picada secreta, em companhia da esposa, saíam da picada para o caminho principal a uma distância de cento e cinqüenta ou duzentos metros de casa, sem serem percebidos por ninguém. Dali seguiam para a casa da sogra, que ficava a poucos minutos de distância, e só voltavam para a própria residência quando a *música* tinha completamente cessado. Essa astúcia valeu-lhes poucas noites de descanso. Não sei por que meios, os tinorios descobriram a tramóia. Que fizeram eles? Começavam todas as noites invariavelmente a execução de suas *peças* na citada residência. Ali trabalhavam conscienciosamente por algum tempo; encaminhavam-se em seguida para a residência da sogra, e ali, continuando no seu trabalho, esperavam com a maior paciência que os recém-casados voltassem de novo para sua morada. A rapaziada então punha-se respeitosamente em ordem, deixava que o casal fosse na frente, em seguida punha-se em movimento, acompanhava-os, sem a menor injúria, enchendo-lhes porém os ouvidos com o estridor de seus instrumentos.

O bom do meu vizinho foi valente: suportou essa *estrondosa manifestação de apreço* durante um mês inteiro. Afinal foi forçado a ceder. Ofereceu-lhes amavelmente uma xícara de café, e todos voltaram satisfeitíssimos para suas casa, para descansarem de vez de tantas fadigas. Dito isto, tornemos ao mestre escola.

O tempo passava sem novidades, quando um pequeno incidente veio precipitar os acontecimentos. Três sacerdotes ou missionários, que não residiam no lugar, vieram para passar ali uns dias, pregando uma missão. No segundo ou terceiro dia,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

correu voz entre o povo que o mestre escola se tinha casado ocultamente, conseguindo iludir os mais espertos interessados. Foi um alvoroço geral, e sem demora os manifestantes resolveram festejar segundo os costumes tradicionais de tão grande acontecimento. Puseram-se à pouca distância da habitação dos *recém casados*, dando imediatamente princípio a um pandemonium indescritível, que durou três noites consecutivas, porquanto o festejado não se mostrou disposto a lhes agradecer à gentileza.

Creio que os manifestantes ficariam de cabelos brancos se esperassem que espontaneamente os convidasse. O meu bom mestre, que aliás tem um coração de ouro, não pôde, parece-me, colocar-se em primeiro lugar na prática impecável da virtude da paciência. Nem soube, ao menos disfarçar o incômodo que aquilo lhe causava. Meteu-se-lhe na cabeça, o que muito agravou seu estado nervoso, que o que se fazia não era simples troça, senão um insulto grave e proposital dos alunos ao seu antigo e bondoso mestre. Ainda hoje não há quem lhe possa persuadir o contrário.

Domina incessantemente naquela fantasia a impressão terrível dessas noites memoráveis. Ele não é mais aquele espírito alegre e bem falante que, durante horas inteiras, entretinha a mais amena e animada conversa. Não é expansivo, como dantes: anda fugido, melancólico e todo macambúzio. Mas ainda não acabou a história.

O quarto dia era precisamente o estabelecido, em segredo, para o tão falado casamento, que devia ter lugar na Capela da Imaculada Conceição, afastada da casa dele cerca de três quilômetros.

Em conformidade ao preceito da Igreja, tão boa e previdente em tudo que nos ordena, o casamento efetuou-se de manhã, por ocasião da missa. A essas horas, os *músicos* já estavam prevenidos. Da Capela para a rua principal havia três caminhos, e em cada um deles postara-se um numeroso grupo de manifestantes, munidos da mais variada e extravagante instrumentação, incansáveis no cumprimento de sua nobre missão. Passado esse primeiro perigo ou suplício, os esposos foram seguindo caminho, quando souberam que à meia distância de casa, no centro de uma encruzilhada, junto da qual se acha construída a capela de Nossa Senhora das Dores, outro grupo numeroso esperava por eles para recebê-los estrondosamente. Os cônjuges acharam uma saída desse novo aperto, embrenhando-se em uma mata virgem, indo por uma picada, até a própria residência. Mas chegou a noite, e já uns quarenta ou cinqüenta, entre homens e rapazes, estavam a postos rompendo de improviso numa imponente manifestação.

Esqueci-me de dizer que, nas noites precedentes, o festejado noivo deixara escapar da boca uma expressão algum tanto pesada, coisa aliás muito natural em seu estado de suma excitação. Os rapazes ressentiram-se com isso, e não deixavam de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

também ter sua razão, pois no que faziam não havia a menor intenção de o ofender.

Na noite do casamento, mesmo sem espontaneidade, foi-lhes oferecido café, mas por causa do incidente havido, recusaram-no categoricamente. Após três longas horas de indizível balbúrdia, destacou-se do numeroso grupo uma comissão de três, que foram apresentar-se com todas as formalidades ao mestre-escola a quem comunicaram a seguinte resolução tomada pelos companheiros: que ele devia ou pagar-lhes a cerveja, ou ter que *apreciar* aquela manifestação todas as noites durante três meses. Estava na escolha dele. É fácil adivinhar a resposta. Entraram em acordo, e a rapaziada generosa deu-se por satisfeita com dez mil réis de cerveja superior, isto é, *cerveja marca Barbante*!

E ali temos o desfecho desse acontecimento original com certeza para muitos, fato em si natural e insignificante, e só gravíssimo na imaginação impressionada do meu bom ex-mestre, a quem quero tanto bem como a uma pessoa íntima de casa.

Antes de fechar o presente capítulo, relatarei mais um incidente que vem muito a propósito.

Uma tardinha, após o jantar, saí, como de costume, para dar um passeio a pé. Encontrei meu ex-mestre, que residia perto, na rua em frente aos seus terrenos. Trazia nas mão uma grande foice, com que ia cortando um capim crescido nos lados do caminho. Começamos a conversar, e a conversa caiu insensivelmente sobre os *tristes* fatos do dia 8 de setembro. Esse foi o dia de seu casamento. A uns dois metros longe de nós, vi e chamei a atenção dele para uma lata de querosene em estado deplorável. Afirmou-me com profunda mágoa que aquilo fora um dos tantos instrumentos das noites da horrível bacanal. Contou-me então, passando de conversa a conversa, que na noite do dia 8, enquanto da rua uma barulhada infernal e ensurdecedora, *apesar de muito paciente*, lhe provocava ímpetos de impaciência e desespero, bateu-lhe à porta um jovem dos seus vinte anos, o qual, poucos meses antes tinha sido empregado dele. Declarou-lhe que se achava extenuado de cansaço e de fome. Não era necessário pedir duas vezes. Com o maior carinho foi acolhido e ofereceu-se-lhe uma boa e farta refeição. Qual, porém, não foi o seu pasmo quando o hóspede, tão bem tratado e alimentado, despediu-se, e, em vez de continuar o seu caminho, meteu-se no meio do grupo manifestante, e, tomando uma panela rachada, começou a tocar nela com um furor sem igual!

No modo de pensar do meu bom mestre poucos fatos na história registram exemplos de mais negra ingratidão.

Contou-me na mesma ocasião um outro caso: este é mais irritante. Um dos manifestantes foi e não foi coerente com os seus companheiros. Era um daqueles a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

quem bem cabe o honorífico título de *Doutor Laranjinha*. Eis como ele procedia. Trabalhava e *tocava* durante trinta e até quarenta minutos consecutivos; vinha-lhe o cansaço e mais do que tudo vinha-lhe a *sede*. Tinha direito ao repouso e repousava deveras. O instrumento que tocava era um grande chifre de boi que fazia as vezes de trombone colossal. Produzia tais urros que se ouviam perfeitamente a mais de meia légua de distância. Deixava por alguns momentos o *trombone* em um canto, ia resoluto bater a porta do recém-casado, entrava, assentava-se a uma mesa, molhava a garganta com alguns goles de paraty superior, e retornava a seu posto de honra, onde era recebido pelos colegas com uma grande salva de palmas. Jamais se viu tanta ousadia em um simples mortal!

Ao terminar sua narrativa tremia de horror a vítima desses *desatinos*.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Autores Catarinenses

- Coleção Mapa
- Bienais e Feiras
- Érico da Silva: 40 anos
- O Não-Grupo de Chapecó
- Visita
- "Causo" dos Correios
- Crônicas de Tessaleno
- Lima Barreto
- Esparsas

TEXTO:

*ENÉAS ATHANÁZIO**

Coleção "Mapa"

O Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, de Florianópolis, publicou em sua Coleção Mapa mais dois opúsculos da série que vem dando a público. Trata-se de "Malditos e Renegados", de Ubiratan Machado, e "Chão de Palavras", de Renata Pallottini, ambos de leitura agradável e proveitosa.

No primeiro deles o autor se propôs a fazer "uma abordagem da pornografia na literatura, em especial no Brasil", assunto dos mais interessantes e que me parece pioneiro, uma vez que não recordo de outro no gênero, pelo menos nestes últimos anos. Começa ele fazendo a distinção entre pornografia e obscenidade, examinando em seguida a questão aos olhos do cristianismo, a pornografia e a cultura, a censura, os escritores malditos e renegados. Examina a questão no Brasil colonial, a questão entre os românticos e vários outros aspectos, inclusive discutindo o futuro da pornografia. Como se vê, é um ensaio inusitado, abordando tema dos mais curiosos.

Ubiratan Machado nasceu no Rio de Janeiro, em 1941, é jornalista, tradutor e incansável viajante, conhecendo mais de 1500 cidades em todos os Estados brasileiros. Tem quatro livros publicados.

Em "Chão de Palavras", Renata Pallottini faz uma incursão em sua própria obra, tentando "analisar-se um poeta a si próprio, em seu processo de criação, assumindo e enfrentando essa dificuldade para "compreender que o pouco que sabemos de nós mesmos é sempre discutível e ultrapassa, naturalmente, a tarefa de procurar enumerar momentos, modos e preferências pessoais no decorrer do trabalho de criar." Pela mostra transcrita já se vê que os resultados dessa análise são os mais curiosos e surpreendentes. O opúsculo traz ainda quatro poemas da nova lavra da autora. (Endereço do Museu/Arquivo: Caixa Postal 12204 – 88075-970 – Florianópolis – SC).

* Escritor e Advogado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Bienais e Feiras

Faz muito que leio e ouço que o livro está com os dias contados, decretada sua morte pelos modernos meios de comunicação. Para cada grupo de três leitores que desaparece surge apenas um novo. Em entrevista recente, Gore Vital dizia que "as gerações crescem vendo TV e não aprendem a ler muito bem. Uma cabeça talhada pelas imagens trabalha diferente de uma cabeça moldada pela datilografia linear."

No entanto, não me parece que essa seja a realidade. Nunca se publicou tanto no Brasil e em Santa Catarina, inclusive levando ao público coisas sem a menor qualidade literária. As editoras e livrarias se multiplicam como nunca, inclusive com o surgimento das "mega stores" em toda parte. As Bienais do Livro, realizadas em São Paulo e no Rio, superam a cada ano o movimento do anterior. As Feiras continuam acontecendo, como a de Porto Alegre, que já chegou à 46ª edição, a de Florianópolis e a de Balneário Camboriú, entre outras, cada vez mais sofisticadas e frequentadas.

Ocorreu agora o surgimento da Bienal Nordestina do Livro, cuja estréia aconteceu entre 24 de novembro e 3 de dezembro do ano 2000, na cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba. Coordenada por Marília Mesquita Guedes Pereira, o evento foi muito bem organizado, contando com excelente programação e recebendo grande visitação. Tudo indica ser uma iniciativa que veio para ficar, estendendo o espírito das bienais a mais uma região do País, divulgando o livro e aumentando o número de leitores. Está de parabéns a Paraíba, ingressando no circuito nacional dos grandes livreiros.

Érico da Silva: 40 anos

Para comemorar os quarenta anos de pintura de Érico da Silva, o Espaço Belas Artes, situado no Bom Retiro, nesta cidade, promoveu uma mostra das obras desse pintor. Nascido em Itajaí e radicado em Curitiba, ele é uma das grandes expressões da pintura catarinense, consagrado pela melhor crítica e tendo recebido significativos prêmios ao longo de sua carreira. O Espaço Belas Artes, por sua vez, é um local elegante e de bom gosto, preparado para grandes acontecimentos artísticos e culturais.

O Não-Grupo de Chapecó

A cidade de Chapecó conta com bom número de escritores e poetas, todos empenhados em produzir com qualidade e publicar com esmero as suas obras. Como eles têm as mais variadas tendências literárias, cultivando cada um a sua independência,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

temo em dizer que formam um grupo, ainda que trabalhem unidos quando necessário.

Entre suas mais recentes publicações, registro a VII Antologia da Associação Chapecoense de Escritores, reunindo poetas e prosadores, em número de doze, e que são os seguintes: Afonso Martini, Adriana Dickel, Agostinho Duarte, Anair Weirich, Henrique Nakaski, José Hertz, Jovani Santos, Júlia Rasec, Maria Aparecida Gobbi Adamczuk, Marlene Maria Peter Suelo, Silvério da Costa, e Torres Pereira.

Silvério da Costa publica o livro "Utensílio Poema", poesia infanto-juventil muito criativa, ligando a idéia poética aos utensílios do dia-a-dia porque, afinal, a poesia está em toda parte, bastando captá-la.

"Esse Herói Brasil!", de Torres Pereira, reúne crônicas bem humoradas sobre nosso País, escritas por esse português que se fez brasileiro por opção e que é o único escritor catarinense que vive exclusivamente de sua produção literária. O livro é bilingüe, português e espanhol.

Visita

Esteve em Santa Catarina, onde permaneceu por alguns dias, o escritor Nilto Maciel. Fundador e Diretor de "Literatura – A revista do escritor brasileiro", de Brasília, ele vem realizando um excelente trabalho de divulgação de nossos autores. A publicação está chegando ao número 19 e tem dado a público inúmeros catarinenses. Nilto Maciel recebeu da UBE do Rio de Janeiro o prêmio "Personalidade Cultural do Ano." Nos anos 70 fundou, em Fortaleza, a revista literária "O Saco Cultural", um dos mais engenhosos órgãos da imprensa alternativa e do qual fui, creio eu, um dos primeiros colaboradores aqui da região Sul. "O Saco" foi objeto de uma tese de Alexandre Barbalho, depois publicada em livro.

"Causo" dos Correios

Marco Antônio Samorano Araújo, chefe de agência da ECT, em Balneário Camboriú, teve dois contos de sua autoria incluídos na antologia "Novos Causos dos Correios", editada em Brasília e com prefácio de Zuenir Ventura. A coletânea reúne trabalhos selecionados em todo o País e Marco Antônio foi o único catarinense escolhido. Seus contos "A viagem sem fim" e "Um telegrama chamado Cláudio" estão bem escritos, em linguagem simples e clara, usando os diálogos com desenvoltura, além de permeados de bom humor.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Crônicas de Tessaleno

Em edição da "Cultura em Movimento", acaba de ser publicado o livro "Rio que passa em nossas vidas", de Gervásio Luz, o Tessaleno. Segundo o autor, reúne crônicas e apontamentos selecionados dentre o muito que tem escrito para jornais e revistas. Como Lima Barreto, talvez por ter residido tantos anos no Rio, terra do romancista de "Policarpo Quaresma", Tessaleno tem preferência pelos pequenos jornais. Como ele próprio declara, "sinto-me mais à vontade, há mais liberdade." O mesmo acontece comigo. O livro tem primorosa apresentação gráfica e nele se sente o pulso do mestre de oficina Bernardo Tomelin.

Dividido em duas partes, na primeira estão as crônicas de Blumenau, as crônicas à beira-rio; na segunda vão as crônicas da Ilha, as crônicas à beira-mar, umas e outras sempre se espelhando nas águas. São em geral textos curtos, captando algum fiapo cronicável de vida, e permeados de bom humor, revelando uma vida ativa e movimentada de professor, jornalista e viajante, sempre de olhos abertos para a realidade, e um leitor atento de prosa e poesia. Confirma, também, a fama de bem informado de que sempre gozou.

Retratando fatos, histórias e figuras de Blumenau e Florianópolis, contém muito daquela "alma encantadora das ruas", de que falava João do Rio, outro carioca, quase sempre de um tempo que desapareceu no poço sem fundo do passado. Coisas da vida jornalística e literária, das salas e corredores dos colégios, dos bares e das esquinas, das redações, dos encontros e desencontros, das conversas, das múltiplas leituras, da amizade com escritores e poetas e das piadas correntes. Fica exposta sua admiração por Vinicius de Moraes, Fernando Sabino e Antônio Maria, talvez nesta ordem, salvo engano de minha parte.

Como morei em Florianópolis duas vezes e em Blumenau por muitos anos, cidade a que continuo ligado, conheci a maioria das figuras retratadas. A guerreira Edith Kormann foi minha primeira amiga alheia ao círculo forense quando aportei em terra estranha e essa amizade perdurou até o seu falecimento. Admirava-me a santa ira de que era tomada na defesa da história e da cultura blumenauenses. O "senador" Alcides Ferreira, falecido no corrente ano, conheci desde meus tempos de acadêmico, no célebre "Ponto Chic", em Florianópolis, onde ele estava sempre, quando não vinha chegando ou saindo. Mesmo incorrendo em grave pecado, arrisco-me a dizer que nunca achei a menor graça no humor do cidadão e menos ainda nas suas surradíssimas tiradas. Mas gosto é gosto, o cronista soube captar bons momentos do personagem, com certeza mais interessante na escrita de Tessaleno do que na realidade. Não será a primeira vez em que o retrato é melhor que o retratado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Concluindo: o livro de Gervásio Luz é uma leitura viva e agradável, contribuindo para mostrar a faceta jocosa e alegre de Blumenau, nem sempre notada à primeira vista, ainda mais por quem vem de fora. Para além de seu valor literário, é um documento importante sobre a cidade. E o autor se consagra como o bom cronista que sempre foi mas que o livro torna mais visível.

Lima Barreto

Discriminado e humilhado, Afonso Henriques de LIMA BARRETO (1881/1922) viveu e morreu sem ter alcançado o reconhecimento de seus contemporâneos. Volvidos os tempos, no entanto, tornou-se uma das presenças mais fortes do panorama literário brasileiro. Livros, ensaios, teses, reportagens e artigos sobre sua vida e sua obra são constantes. Suas tramas ganharam os palcos, a televisão e o cinema, como o filme "Policarpo Quaresma", marco da cinematografia nacional, revivendo o célebre personagem patriótico e quixotesco que acaba morrendo por amor a este Brasil. As grandes editoras, sucessoras daquelas que lhe deram as costas e se recusaram a publicar seus livros, lançam hoje, em edições luxuosas, sucessivas edições das obras de sua autoria, e o fazem sem o menor pudor. Conhecendo suas raivosas reações diante da injustiça, fico a imaginar o que diria ao encontrar nas livrarias seus livros revestidos de tanto luxo.

Entre os múltiplos ensaios que têm surgido nestes últimos tempos, merece referência "Lima Barreto e os romances de crítica social", de José Ramos Tinhorão, com o qual este autor abre o livro "A música popular no romance brasileiro" (Editora 34 – S. Paulo – 2000). Especialista em música popular, o ensaísta parte de um enfoque diferente, embora se revelando um minucioso conhecedor da obra de Lima Barreto e de sua personalidade.

Mesmo entregue ao alcoolismo, em especial nos últimos anos de vida, e carregando a péssima fama de boêmio e freqüentador de tascas imundas, na verdade Lima Barreto era muito mais um doente, dependente do álcool, que um boêmio. Manteve intacto até o fim o seu código de ética e morreu preocupado com ínfima dívida para com um amigo. Jamais perdeu a capacidade de julgar os fatos e se manteve fiel aos princípios que sempre defendeu. Era, na verdade, aquilo que se poderia chamar de moralista e até mesmo de puritano. Não se tem notícia de que tivesse participado de farras desbragadas, onde quer que fosse, muito menos em locais "pouco recomendáveis."Conservou grande respeito pelas mulheres, pelos humildes e pelas instituições. Poderia ser considerado um legalista, tantas são as vezes em que cita a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Constituição e as leis em defesa de seus pontos de vista. Mas caiu nos braços do álcool e ele o dominou sem remédio.

Todos esses aspectos são bem apanhados por Tinhorão. Relata ele que Lima Barreto tinha birra de certa música carnavalesca que celebrava a mulata ("Vem cá mulata!") porque sua mãe era mulata e via na letra maliciosa um insulto às mulatas em geral, entre as quais a própria mãe. Coerente com a moral dominante na época, Lima não nutria grande simpatia por seresteiros, compositores de modinhas e tocadores de violão. Seu personagem Cassi Jones, do romance "Clara dos Anjos", era um amoral, sedutor de moças pobres e recheado de defeitos. Ricardo Coração dos Outros, o professor de violão do Major Quaresma, que teria sido inspirado em Catulo da Paixão Cearense, não era flor que se cheirasse, ainda que não se saiba se isso aconteceu por mera coincidência ou se Lima tomou como modelo o célebre Catulo porque, segundo Tinhorão, também não foi lá um modelo de virtudes. Seja como for, na obra de Lima os tocadores de violão, os modinheiros e os carnavalescos em geral são, pelo menos, suspeitos.

Diz o ensaísta que Lima tinha "ojeriza pessoal pelos cantores de modinhas sentimentais, especialistas, a seu ver, em simulações amorosas..." Mesmo pobre, mestiço, discriminado e doente, "Lima Barreto deixava perceber seu inegável sentido elitista na avaliação do ofício artístico." Todas essas idéias, opiniões e manias seriam registradas também por meu xará Enéas Ferraz, no livro "História de João Crispim", espécie de biografia romanceada de Lima Barreto, hoje uma raridade bibliográfica. Conclui-se, pois, que o falso boêmio Lima Barreto foi mesmo um conservador, o que não impediu que fosse crucificado pela boemia que não exerceu. Mas nada disso sequer diminui sua obra que o tornou o maior e o mais brasileiro dos romancistas, segundo o juízo do severo crítico Agripino Grieco.

O livro de Tinhorão contém outros ensaios modelares, entre eles os dedicados a Érico Veríssimo e Afonso Schmidt, boas referências aos esquecidos Galeão Coutinho e Patrícia Galvão, a Pagu, e o perfil de Catulo da Paixão Cearense, sempre tão louvado mas tão pouco conhecido. Especialista em música popular, José Ramos Tinhorão se revela um excelente crítico literário.

Esparsas

Monumentos – Li certa vez que um nordestino reclamava a construção de um monumento em certa cidade da região. Foi então que alguém objetou que o Nordeste já possuía seu maior monumento na pessoa de Luís da Câmara Cascudo, o maior folclorista brasileiro de todos os tempos, comparado aos maiores especialistas do folclore mundial, e cuja obra é aclamada em todo o mundo. Não satisfeito, o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nordeste ainda contava com outros monumentos, como Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Gilberto Amado, José Lins do Rego e outros. Esses monumentos, aliás, espalham-se por todo o território nacional, fato que deveria encher de orgulho um povo, mas que às vezes nem parecemos notar. Érico Veríssimo (Rio Grande do Sul), Cruz e Sousa (Santa Catarina), Euclides da Cunha e Machado de Assis (Rio de Janeiro), Monteiro Lobato (São Paulo), Guimarães Rosa (Minas Gerais), Hugo de Carvalho Ramos e Cora Coralina (Goiás), Jorge Amado (Bahia), José Lins do Rego (Paraíba) e tantos outros, para citar os mais notórios. Claro que nem todos são da mesma altura e idêntico porte, mas cada qual revelando sua monumentalidade.

Segredos da Língua – Batista de Lima, admirável crítico literário, é professor e diretor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Ceará (Fundação Edson Queiroz). O Departamento publica a excelente "Revista de Humanidades", cujo número mais recente traz, entre outros, ensaio de autoria do próprio Batista de Lima sob o título de "Bopp e a evolução dos estudos gramaticais." Nesse trabalho ponderado, bem escrito e didático, o autor aborda a contribuição do lingüista alemão e toca em pontos interessantes, merecedores de breve registro. Mostra que os gregos só distinguiam o substantivo (objeto) e o verbo (ação), ao passo que os romanos descobriram as conexões (demais vocábulos). O verbo ser, no passado, só se usava em relação a Deus, porque ele "é", enquanto que nós todos "não" somos, apenas "estamos". A divinização do verbo ser levava a escrever que alguém é dançante, não dança, é falante, não fala etc. Revela, ainda, com base em pesquisas, que foi o povo humilde, transmitindo suas ansiedades, que ampliou as línguas, não as elites, em geral tendentes ao conservadorismo e à acomodação. Diz o ensaísta, baseado em estudos, que a língua surgiu como meio de comunicação, e não como instrumento de trabalho, de onde se conclui que o poeta veio antes do engenheiro. E Octavio Paz, para encerrar, afirmou que "os impérios e os estados estão feitos de palavras: são feitos verbais." Ler Batista de Lima é aprender e recapitular. (Endereço: Avenida Washington Soares, 1321 – 60811-341 – Fortaleza/CE).

Boletim – Está circulando o número 51 do "Boletim da Comissão Catarinense de Folclore". Repleto de artigos, notas, informações e iconografia, é uma autêntica revista, com excelente apresentação. A Comissão tem como presidente o incansável folclorista Doralécio Soares.

"Ô Catarina!" – Em homenagem ao artista plástico Hassis (1926/2001), há pouco falecido, foi lançado um número especial do suplemento da Fundação Catarinense de Cultura. Nele estão reproduzidas fotos e obras do artista homenageado, um texto de sua autoria e a cronologia de sua vida. São publicados diversos trabalhos dos autores que são os mais assíduos freqüentadores do suplemento, alguns deles

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aproveitando a deixa para estender a homenagem à Ilha.

Prova - No mais recente concurso para ingresso na Magistratura, na prova de conhecimentos gerais, caiu uma questão da qual eu fazia parte, com outros autores, no campo da literatura. Daqui para a frente os novos magistrados terão que ler meus livros. Só espero que não fiquem com raiva de mim, como Raquel de Queiroz costuma dizer que acontece com ela da parte dos que são forçados a ler "O Quinze" nas escolas!

"Literatura" – A revista "Literatura", de Brasília, completou dez anos no dia 28 de abril. Nessa ocasião foi lançado seu vigésimo número. Nele mereci, com surpresa, uma homenagem, com foto na capa, bico-de-pena, entrevista, texto e notas. Houve solenidade e lançamento na Capital, onde estive presente, tendo inclusive dito algumas palavras sobre Aracyldo Marques, já falecido, um dos fundadores da revista e meu saudoso amigo. A revista é dirigida pelo poeta e escritor Nilto Maciel. (Endereço da revista: Caixa Postal 0 2 2 0 5 – 70349-970 – Brasília/DF).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R$ 50,00 (anual = 6 números)
-) Renovação assinatura: R$ 40,00 (anual = 6 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **2001** (Tomo 42). Anexo a este cupom a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R$ .....

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Caixa Postal: 425 - Fone: (47) 326-6990
Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

TOMO XLII
Julho/Agosto de 2001 - Nº 7/8

Apoio Cultural:

Benjamim Margarida *(in memoriam)*

Birô Lindner - Centro de Impressão Digital

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert *(in memoriam)*

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeireira Odebrecht

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense